

BLUMENAU

em Cadernos

t. 52 n. 4 julho/agosto 2011 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 52	n. 4	p. 1-128	jul./ago. 2011
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Seibt

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schindwein

Diretora Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller

Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli Maria Vanzuita Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | **Órgão de fomento** | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli Maria Vanzuita Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Elaborada por Nancy Elaine de Souza | Carta emitida por Lina Dittrich para Gustav Schmal, seu namorado, contendo declarações de amor. S. d.

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir Anselmo Petry | **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras;

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry, 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Lembranças de imigrante

Depois de três anos

Nach drei Jahren

Emilie Heinrichs

Tradução: Adriana Maximino dos Santos / Manuela

Acássia Accácio

7

Artigo

Literatura de expressão alemã no Brasil:

transtextualidade e construção identitária em

Täuschungen de Wilhelm Rotermund

Imgart Grützmann / Evelise Kunzler

46

Biografia

A Família Freygang e a Construção de Blumenau

Sueli Freygang

83

Movimento Estudantil na FURB

103

Autores catarinenses

Algumas obras de Péricles Prade

Enéas Athanázio

122

APRESENTAÇÃO

Blumenau em Cadernos reúne nesta edição textos diversos, trazendo olhares e interpretações que se entrelaçam nas variadas esferas sociais.

Em **Documentos Originais – Artigos** republica-se o texto bilíngue intitulado “Os últimos três anos”, de autoria da imigrante Emilie Heinrichs. Faz parte da obra original “A mulher do imigrante: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil”, editada em 1921. A reedição do mesmo deve-se ao fato da constatação de erro técnico/gráfico do texto em alemão. Por esta falta involuntária pedimos desculpas aos tradutores e leitores da revista.

Na seção **Artigos** a Dr^a Imgart Grützmann, professora-pesquisadora do Centro de Letras e Comunicação da UFPel, e Evelise Kunzler, aluna do Curso de Licenciatura Português-Inglês, escrevem: “Literatura de expressão alemã no Brasil: transtextualidade e construção identitária em Täuschungen de Wilhelm Rotermund”. As autoras destacam na obra os resultados parciais de um estudo literário sobre textos publicados nos almanaques alemães, editados na região sul do Brasil entre os anos de 1874 a 1941.

A artista plástica, Sueli Freygang, após muitas pesquisas que lhe exigiram anos de trabalho, conseguiu reunir fontes para produzir o texto “A família Freygang e a construção de Blumenau”. A redação e revisão contou com o auxílio do professor e escritor Alfredo Scottini.

Na coluna **Entrevista** é transcrito o depoimento do professor Roberto Diniz Saut em entrevista concedida à técnica em arquivos e historiadora Liane Kirsten Sasse. O relato tem como tema o movimento estudantil da FURB na década de oitenta. Em sua fala relembra ações e

lideranças estudantis que o marcaram como acadêmico e membro atuante do movimento estudantil da época.

A coluna **Autores Catarinenses** traz como título “Algumas obras de Péricles Prade”, cujo comentário literário é feito pelo advogado e escritor Enéas Athanázio, que considera o autor em estudo um dos mais versáteis que conhece.

Finalizando, solicita-se aos memorialistas, historiadores e pesquisadores que escrevam textos para as colunas: Artigos, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli M. V. Petry
Diretora de Blumenau em Cadernos



DEPOIS DE TRÊS ANOS

6 NACH DREI JAHREN*

Emilie Heinrichs**

Aus Wochen wurden Monate und aus Monaten Jahre. Dreimal hatte der Mais schon geblüht und unsere immer größer werdende roça in ein Blütenfeld verwandelt. Drei Jahre im Urwald, drei Jahre zusammengereimt aus vielen, vielen arbeitsschweren Tagen. Ein Tag glich dem andern, jede Arbeit wiederholte sich im ewigen Einerlei. Immer dieselbe Landschaft, dieselbe Pflanzung. Ebenso immer dieselben Menschen, die Nachbarn, liebe Leute gewiß, die einem helfen und raten und stets gern zur Seite stehen. Doch kein Mensch, mit dem man auch nur eine Stunde von etwas sprechen könnte, was den Geist angeht. Wer die deutsche Einwanderung in Brasilien kennt, wird wissen, daß das geistige Leben und der Bildungsstand der Kolonisten auf niedriger Stufe steht. Die Einwanderer des vorigen Jahrhunderts stammten größtenteils aus den untersten Schichten. Hierher verpflanzt, lebten sie jahrzehntelang in völliger Abgeschlossenheit, ohne Verbindung mit der Heimat, ohne von irgendeiner Stelle geistige Anregung zu erhalten. Die Jugend wuchs die ersten Jahrzehnte ohne Kirche und Schule heran. Alle trieb nur der eine Gedanke, die Arbeit zu bewältigen, die man von ihnen verlangte. So wuchsen hier wirkliche Urwaldmenschen heran. Deshalb wunderte ich mich immer, daß, so frei ausgewachsen, sich solch liebe Menschen entwickeln konnten, friedliebende, mitleidige, ehrliche Menschen, die das Wort Sünde nicht kannten. Ohne Kirche und Schule waren sie von einer echten religiösen

* **ERRATA:** Estamos republicando este capítulo erramos ao fazer a publicação do texto em alemão sem a devida revisão. Pedimos desculpa aos tradutores e leitores. Segue abaixo o texto revisado.

** Autora da obra: A Mulher do Imigrante: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil. Publicado em Friburgo / Brisgóvia, 1921. Tradutora: Adriana Maximino dos Santos Revisão de: Manuela Acássia Accácio. Revisão do texto alemão Annemarie Fouquet Schünke.

6 DEPOIS DE TRÊS ANOS

Emilie Heinrichs*

As semanas se transformaram em meses, e meses em anos. O milho já brotou três vezes e nossa roça próspera se tornou um campo todo florido. Três anos na floresta, três anos seguidos de muitos e muitos dias de trabalho pesado. Um dia se igualava ao outro, todo trabalho se repetia em uma eterna monotonia. Sempre a mesma paisagem, a mesma plantação. Sempre as mesmas pessoas, os mesmos vizinhos, pessoas queridas, certamente eles sempre ajudam e aconselham e gostam de auxiliar. Porém, nenhuma pessoa com a qual se pode conversar só por uma hora sobre o que diz respeito à nossa alma. Quem conhece a imigração alemã no Brasil saberá que a vida espiritual e o nível de educação dos colonos estão em um grau muito baixo. A maioria dos imigrantes do século anterior vinha das camadas mais baixas. Transferidos para cá, eles viveram décadas de total isolamento, sem ligação com a pátria, sem ter estímulo espiritual de qualquer lugar. Nas primeiras décadas, os jovens cresceram sem igreja e sem escola. Todos tinham o mesmo pensamento: dar conta do trabalho que se exigia deles. Aqui cresceram realmente como gente da floresta. Por isso, sempre me admirava com estas pessoas adoráveis, que, crescidas livremente conseguiram se tornar tão amáveis, amantes da paz, piedosas, honestas, as quais não conheciam a palavra pecado.

Mesmo sem igreja e sem escola, elas eram repletas de um sentimento religioso verdadeiro e mantinham firmes todos os costumes

* Autora da obra: A Mulher do Imigrante: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil. Publicado em Friburgo / Brisgóvia, 1921. Tradutora: Adriana Maximino dos Santos Revisão de: Manuela Acássia Accácio. Revisão do texto alemão Annemarie Fouquet Schünke.

Empfindung beseelt, und sie hielten fest an all den religiösen Gebräuchen und Gebeten. Ueber etwas anderes aber, als worin sie aufgewachsen, konnte man keine Unterhaltung mit ihnen pflegen. Wie sehnte ich mich oft nach jemand, mit dem ich auch einmal von etwas anderem hätte sprechen können, als von der Arbeit auf der Kolonie. Ein schönes Konzert oder Theater zu besuchen, so weit gingen meine Wünsche schon lange nicht mehr.

Vor einiger Zeit, als Frau Zühlsdorf das letzte Mal bei uns war, sprach ich ihr gegenüber den Wunsch aus, ich möchte so gern eine katholische Kirche besuchen, um meine Pflicht als Christin wieder einmal erfüllen zu können. Ohne weiteres bot sie mir Pferd und Wagen hierfür an. Vierzehn Tage hierauf holte mich der Sohn ab. An dem, betreffenden Tag, es war an einem Samstag, fuhren wir nur bis zur Pikade Bon Jesus. Am andern Morgen fuhren wir in aller Frühe weiter; bis zur nächsten katholischen Kirche waren es immer noch fünf Stunden. Glücklicherweise langten wir so zeitig an, daß ich noch vor Beginn des Gottesdienstes beichten konnte. Wer war wohl froher als ich! Es waren schon drei Jahre verstrichen, seitdem ich das letzte Mal die heiligen Sakramente empfangen hatte. Niemals in meinen Leben werde ich den Tag vergessen. Es war ein heiliger Tag der schönste für mich in der großen fremden Welt. Wir wußten ja bestimmt, daß unser Herrgott uns nicht im Urwald verlassen hatte. Doch auch wir hatten ihn nicht vergessen. In all den Jahren war er es gewesen, bei dem wir in den schlimmsten Stunden der Verzagtheit uns neue Kraft geholt hatten. Und nun konnte ich nach so langer Zeit wieder einmal in seinem Hause beten und danken.

Nach dem Gottesdienst waren Frau Zühlsdorf und ich einige Stunden die Gäste des Geistlichen, eines Franziskanerpaters. Hier konnte ich einen Einblick tun in das beschwerliche Leben eines Waldgeistlichen. Zwei Schulen als Lehrer zu bedienen, drei Pfarren als Priester und dann noch einzelne abgelegene Pikaden zu besuchen, dazu gehört Ausdauer und Gottvertrauen. Wie groß muß unsere Bewunderung für die deutschen Geistlichen beider Bekenntnisse sein, die unter Hintansetzung ihrer Gesundheit ein ganzes opfervolles Leben dem Urwald widmen!

religiosos e orações. Mas não era possível manter uma conversa sobre qualquer outra coisa a não ser em torno daquilo em que foram criadas. Como sentia falta de alguém com quem pudesse de vez em quando falar sobre qualquer outro assunto ao invés do trabalho na colônia! Assistir a um belo concerto ou teatro! Há muito tempo meus desejos já não iam além disso!

Uma vez, na última visita da Sra. Zühlsdorf à nossa casa, disse a ela sobre o desejo de ir à igreja católica para poder cumprir minhas obrigações como cristã. Sem delonga, ela me ofereceu um cavalo e uma carroça. Depois de catorze dias, o filho me buscou. O dia em questão era um sábado; fomos apenas até a estrada Bom Jesus. Na outra manhã, bem cedo, continuamos a viagem; levava ainda cinco horas até a igreja católica mais próxima. Felizmente chegamos tão cedo que ainda consegui me confessar antes de iniciar a missa. Como fiquei feliz! Já fazia três anos desde que recebera pela última vez os santos sacramentos. Nunca mais na minha vida vou esquecer desse dia. Foi um dia sagrado, o mais bonito para mim naquele grande e estranho mundo.

Claro que sabíamos que nosso Senhor Deus não nos abandonara na floresta. Também não esquecêramos dele. Em todos os anos, nas piores horas de desalento, foi nele que buscamos nova força. E agora eu podia novamente, depois de muito tempo, orar e agradecer em sua casa. Depois da missa, a Sra. Zühlsdorf e eu passamos algumas horas como hóspedes do presbítero, um padre franciscano. Ali pude ter ideia da vida penosa de um presbítero na floresta. Trabalhar como professor para duas escolas, atender a três padres como sacerdote e ainda visitar cidades distantes e isoladas é ter persistência e fé em Deus. Quão grande deve ser nossa admiração pelos religiosos alemães de ambos os credos! Eles dedicam a vida, cheia de sacrifícios, à floresta, deixando de lado a própria saúde. Cada vez mais a igreja e a escola alemãs estavam penetrando na floresta. As colônias

Immer weiter dringt die deutsche Kirche und Schule im Urwald vor. Alte Kolonien besitzen beides, jüngere Kolonien sind an der Arbeit. Es fehlt nur an Hilfe. Der Kolonist kann nicht alles allein schaffen. Da ist es Pflicht für die Heimat, helfend einzugreifen, damit das Deutschtum auf deutschen Kolonien, bei Menschen, die gern deutsch bleiben wollen, erhalten bleibt. Auch der Pater sprach in diesem Sinne zu mir, und der kennt das Land und seine deutschen Leute.

Die Nacht blieb ich bei Zühlsdorf, und den Montag auch; Dienstag endlich ging es zur eigenen Kolonie zurück. Wohl war es eine anstrengende Reise gewesen, aber neu gestärkt kam ich zurück.

Mein Mann hatte in den vier Tagen das Junggesellenleben auf der Kolonie hinreichend kennengelernt. Er meinte, dafür wäre er nicht mehr zu haben, als Kolonist und gleichzeitig als Küchenmädchen Dienste zu tun. Auch hatte sich die Kuh nicht damit einverstanden erklärt, daß er sie hatte melken wollen. Kurzerhand hatte er dies Geschäft vom Kalb besorgen lassen. Jetzt war ich wieder am Platze und konnte das Melken besorgen. Mein Mann traf nun Vorbereitungen, aus den mit der Zeit geschnittenen Brettern ein Wohnhaus zu bauen. Es wurde langsam Zeit dazu, denn es gab in nächster Zeit große Aenderungen auf unserer Kolonie. Der deutsche Klapperstorch hatte in dem Urwald Brasiliens geklappert.

Der Hausbau wurde nur nebenbei geführt, also hieß es wieder mit Überstunden arbeiten. Als alle Stämme und Bretter bereit waren, kamen unsere drei Nachbarn eines Tages, um beim Hausbau zu helfen. Vier starke Männer konnten viel leisten. Der Tag war lang, am Abend stand das Balkenwerk fertig. Ein Haus von zwei Zimmern und vier Fenstern. Das Bekleiden mit Brettern konnte mein Mann ohne Hilfe besorgen.

Drei Wochen später war das Haus zum Beziehen fertig Gedeckt war es mit Holzschindeln. Die Fenster waren vorläufig mit Holzklappen versehen. Die Türen hatte uns Malzahn geschreinert; ebenso lieferte er uns eine Bettstelle und

antigas possuíam as duas, mas as colônias novas estavam trabalhando para consegui-las. O colono não pode conseguir tudo sozinho. Isto é obrigação da pátria, intervir e ajudar, para que a germanidade possa ser mantida nas colônias alemãs, nas pessoas que querem continuar alemãs. O padre, que conhecia o país e o seu povo alemão, também conversou comigo neste sentido. Passei a noite na casa dos Zühldorfs e a segunda-feira também. Na terça-feira, finalmente fui para minha colônia. Foi uma viagem cansativa, mas voltei fortalecida.

Nos quatro dias, meu marido conheceu bem a vida de solteiro na colônia. Disse que não gostou de trabalhar ao mesmo tempo como colonista e dona-de-casa. A vaca também não aceitou ser ordenhada. Ele conseguiu fazer isso sem rodeios usando o bezerro. Agora eu já estava de volta ao meu lugar e podia fazer a ordenha. Neste tempo meu marido realizou preparativos para construir uma casa de tábuas cortadas. Lentamente foi chegando a hora de fazer isto, pois grandes mudanças ocorreriam na nossa colônia nos próximos tempos. A cegonha alemã chegara à floresta brasileira. A casa seria construída apenas paralelamente, isto significava de novo trabalhar horas a mais. Quando todos os troncos e as tábuas estavam prontos, num dia vieram nossos três vizinhos para ajudar na construção. Quatro homens fortes podiam realizar muito. O dia foi longo, e à noite a estrutura de vigas estava pronta. Uma casa de dois cômodos e quatro janelas. O preenchimento da parede com as tábuas, meu marido podia fazer sozinho. Em três semanas, a casa estava pronta para ser ocupada. Ela estava coberta com ripas de madeira. A janela foi feita provisoriamente com dobradiças de madeira. O Malzahn fez as portas na marcenaria. Ele também nos entregou uma armação de cama e um armário para nosso vestuário e roupas de cama. Foi um acontecimento muito feliz quando pudemos ocupar nossa nova casa. Era ainda bem simples, mas muito mais

einen Schrank für Kleider und Wäsche. Es war für uns ein frohes Ereignis, als wir unsere neue Wohnung beziehen konnten. Sehr einfach war sie auch jetzt noch, aber bedeutend wohnlicher als unsere Holzhütte. Hier konnte man auf ordentlichem Holzfußboden laufen und nicht, wie bisher, auf feuchtem Lehmboden. Auch gaben die Fenster Licht und Luft für unsere neuen Wohnräume.

Die Hütte brauchten wir von nun an als Küche. Der Herd wurde abgebrochen und neu aufgebaut. Dies war nun bereits die vierte Stufe unserer Wohnung in Brasilien. Zehn bis fünfzehn Jahre sollte das Holzhaus vorhalten, dann erst kam ein richtiges Kolonistenhaus aus selbstgebrannten Ziegelsteinen. Unser Backofen mußte auch erneuert werden. Er zeigte große Risse, und trotz andauerndem Verschmieren ging beim Backen zu viel Hitze verloren. Ich backte jetzt ständig unser Brot aus je einem Drittel Weizen, Roggen und Maismehl. Dies gab ein vorzügliches Brot. Die Hefe machte ich mir selbst von gekochten Kartoffeln und Maismehl, wie ich es von den dortigen Kolonistenfrauen erlernt hatte. Sie trieb vorzüglich. Ich habe dies Verfahren auch hier beibehalten und backe damit besser als mit gekaufter Hefe.

Durch den Bau war meine Arbeit in der roça zurückgeblieben. Der Mais war zu putzen, auch hatte ich die Kartoffeln und die Bohnen anzuhacken. Für diesmal hätten wir die Arbeit ruhig unterlassen können. Sechs Wochen später nämlich mußten wir alles noch einmal pflanzen. Wir bekamen Besuch: es war die Wanderheuschrecke, die wir bis dahin noch nicht kennengelernt hatten. Diese gefräßigen Tiere haben unsere ganze roça in wenigen Stunden kahl gefressen. Nicht nur die Frucht, sogar die Blätter von den Bäumen fielen ihrer Gefräßigkeit zum Opfer. Auch legten diese Tiere zum größten Teil ihre Eier dort ab, und so hatten wir sechs Wochen Arbeit, die Brut zu zerstören. Dann hieß es von neuem pflanzen und hacken. Für die nächsten Wochen war es für das Vieh schlecht: es fehlte an Grünfutter. Die Heuschrecken hatten auch rein gar nichts übriggelassen. Ein paar Wochen aber, und die so fruchtbare Erde brachte wieder neues Futter hervor. Dann war nichts mehr zu sehen, daß die Heuschrecken dort gehaust hatten.

habitável do que nossa cabana de madeira. Ali se podia caminhar sobre um piso de madeira regular e não como antes no chão úmido de barro. As janelas também deram luz e ar aos nossos cômodos. Precisávamos da cabana apenas como cozinha. O fogão foi quebrado e um novo construído. Esta era a quarta etapa de nossa moradia no Brasil. A casa de madeira devia durar de dez a quinze anos, só então construiríamos uma verdadeira casa de colônia com tijolos fabricados por nós mesmos. Nosso forno também precisava ser renovado. Ele tinha grandes rachaduras e, apesar de ser constantemente rebocado, perdia calor demais quando se assava. Agora preparava nosso pão sempre com um terço de farinha de trigo, centeio e milho. Isto dava um excelente pão. Eu mesma fazia o fermento, usando batatas cozidas e farinha de milho do jeito que aprendi com as colonas. Funcionava excelentemente. Mantive este método aqui também e asso pão muito melhor do que com o fermento comprado.

Por causa da construção, o meu trabalho na roça ficou para trás. O milho precisava ser limpo e devia também colher as batatas e os feijões. Desta vez poderíamos deixar o trabalho parado. Seis semanas depois tínhamos que plantar tudo de novo. Recebemos visitantes: eram os gafanhotos, que não conhecêramos até então. Estes animais devoradores tinham comido toda nossa roça em poucas horas. Não só o fruto, mas até mesmo as folhas das árvores foram vítimas de sua voracidade. Eles também deixavam seus ovos ali e, portanto, tínhamos seis semanas de trabalho para destruí-los. Depois, novamente plantar e capinar. Nas próximas semanas, a criação de animais foi mal servida: faltavam folhas verdes para a alimentação deles. Os gafanhotos não deixaram uma folha sequer. Mas em algumas semanas, esta terra fértil produziu novos alimentos outra vez. Não se via mais nada daquilo que os gafanhotos tinham devastado ali. Todas estas pragas sabem realmente tornar a vida do colono difícil. Há tanto destes

All das dortige Ungeziefer weiß dem Kolonisten das Leben recht sauer zu machen. Es gibt zu viel dieser Art Tiere, so daß man nur noch die schlimmsten beachtet. Kurz nach der Heuschreckenzeit sah mein Mann in der roça ein Reh. Schnell lief er nach Hause, um seine Flinte zu holen. Er hatte wirklich das Glück, das Reh zu schießen. Unsere Freude war groß, mein Mann freute sich als Jäger, ich als Hausfrau; ein schöner Rehbraten ist zur Abwechslung nicht zu verachten. Dieses Reh war das einzige Wild, das wir in den vier Jahren auf der Kolonie gesehen haben, außer einigen wilden Tauben und Feldhühnern. Das Wild ist sehr selten. Was hatte sich mein Mann vorher alles für die ersten Jahre auf der Kolonie ausgerechnet! Da hieß es, wenn kein Fleisch mehr da ist, gehe ich in den Wald und schieße was. Zwei Tage auf der Kolonie, und es war vergessen. Zahme Schweine sind das beste Wild im Urwald.

7 DIE SCHWERSTE ZEIT.

Wieder hatten wir das hl. Weihnachtsfest im Urwald gefeiert. Trotz einer Hitze von mehr als vierzig Grad brannte in unserer Wohnung ein Christbaum, eine herrliche Edeltanne. Mein Mann hatte sie im Walde entdeckt und sie samt Wurzeln herausgeholt; sie sollte später in unsern Garten gepflanzt werden. Ich hatte zu dem Fest wieder einige liebe Briefe aus der Heimat erhalten, die gottlob nur gute Nachrichten brachten.

Unser Holzhaus war jetzt recht wohnlich. Gleich vor der Tür war ein schöner Blumengarten mit Orangen und Pfirsichbäumen. Um den Garten der Portreiro, der Tummelplatz für unser Vieh. An Schweinen hatten wir jetzt ein ganzes Dutzend. Die ersten vier hatten wir schon geschlachtet. Zweihundert Hühner, einige Enten und Gänse sorgten für Eier. Einen Mangel an Lebensmitteln gab es nicht mehr. Alle Töpfe waren gefüllt. So lebte es sich jetzt ganz gut im Urwald, denn an die schwere Arbeit gewöhnt man sich schließlich. Wäre nur das eine nicht gewesen, die Sehnsucht nach dem Unerreichbaren, das Heimweh.

tipos de animais que só podemos enxergar o pior. Um pouco depois dos gafanhotos, meu marido viu um veado na roça. Rapidamente correu para casa e buscou sua espingarda. Ele teve sorte mesmo em acertar o veado. Como foi grande a nossa alegria! Meu marido se alegrou como caçador e eu como dona-de-casa. Para variar a comida, não se pode desprezar um lindo veado assado. Este veado foi o único animal selvagem que vimos na colônia em quatro anos, além de alguns pombos e perdizes. O animal selvagem é muito raro. Como meu marido contava com eles nos primeiros anos na colônia! Ou seja, "quando não tiver mais carne, vou à floresta e atiro em qualquer coisa." Dois dias na colônia, e isto já estava esquecido. Porcos domésticos eram a melhor caça na floresta.

7 OS PIORES MOMENTOS

Comemoramos novamente a festa de natal na floresta. Apesar do calor de mais de quarenta graus, uma árvore de natal estava acesa em casa, um esplêndido pinheiro. Meu marido o descobriu na floresta e o arrancou pela raiz; posteriormente ele deveria ser plantado no nosso jardim. Recebi, na época da festa, algumas adoráveis cartas do nosso país que, graças a Deus, trouxeram apenas boas notícias. Nossa casa agora era verdadeiramente habitável. Bem na frente da porta havia um lindo jardim com pés de laranja e pêsego, e em volta do jardim do potreiro, o campo para a nossa criação. Agora já tínhamos uma dúzia de porcos. Já tínhamos abatido os primeiros quatro. Duzentas galinhas, alguns patos e gansos nos davam ovos. Não havia mais falta de alimentos. Todas as panelas estavam cheias. Desta forma se vive muito bem na floresta, já que se acaba acostumando com o trabalho pesado. Se não fosse só uma coisa: a saudade pelo inatingível, a saudade da terra natal. Quantas vezes já lutei, e ela sempre volta. Sem

Wie oft schon hatte ich es bekämpft, immer kam es wieder, ehe man sich versah, hatte es einen gepackt. Dabei die unbestimmte Furcht vor dem kommenden Familienzuwachs. Zu meinem größten Schrecken hatte ich schon gehört, daß es auf der Kolonie keine gelernte Hebammen gäbe. Es half eine ältere Frau, die selbst mehrere Kinder gehabt hatte und in der ganzen Nachbarschaft als Hebamme angesehen wurde. Und hatte ich es nicht gehört, die und die Frau mußte im Wochenbett ihr Leben lassen? Keine Hebamme, kein Arzt! Wehe den armen Frauen, wenn nicht alles auf natürlichem Wege zugging!

Die Zeit verging wie gewöhnlich, unter schwerer Arbeit. Mein Mann hatte wieder begonnen, ein Stück Wald zu schlagen.

Eines Nachmittags kam er zu ungewöhnlicher Stunde zurück, geplagt von heftigem Kopfschmerz. Er legte sich nieder und meinte, ein Tag Bettruhe würde ihn schon wiederherstellen. Vierundzwanzig Stunden später wälzte er sich in schwerstem Fieber. Eine schwere Krankheit hatte den sonst so Gesunden erfaßt. Was nun beginnen? So oft hatte ich zu Gott gefleht, mich von Krankheit im Urwald zu verschonen. Hilflos stand ich nun an seinem Bett, ohne helfen zu können. Kein Arzt, keine Apotheke war zu erreichen.

In dieser großen Not lernte ich so ganz die Menschen kennen, die mit uns im Urwald lebten. In solcher Not sich einander beistehen, war ihnen etwas Selbstverständliches. Ohne erst lange darum gebeten zu sein, kamen unsere Nachbarn und halfen. Keine Stunde, ob Tag oder Nacht, ließen mich die guten Leute mit dem Kranken allein; bei Tage wechselten sich die Frauen ab, des Nachts kamen auch die Männer abwechselnd mit. Stets hatte ich drei, auch vier helfend bei mir. Was hätte ich armes Weib auch in solcher Not allein beginnen können? Immer heftiger wurde das Fieber, immer unheimlicher seine grausigen Träume. Oft sprang er im Fieberwahn mit einem Satz aus dem Bett und wollte fort, so daß die Männer ihn kaum bewältigen konnten. Man kann sich nicht vorstellen, welche Kraft dann solch ein Fieberkranker besitzt. Ließ das Fieber etwas nach, dann lag

nos darmos conta, ela nos acomete. Também o medo pelo crescimento da família que estava por vir. Para o meu maior terror fiquei sabendo que não havia nenhuma parteira experiente na colônia. Uma senhora mais velha, era quem auxiliava, uma vez que já tivera vários filhos e era vista por parteira em toda vizinhança. E eu já ouvira que mulheres perderam suas vidas durante o puerpério! Sem parteira, sem médico! Ah, pobres mulheres se tudo não tomasse seu rumo normal!

O tempo passava como de costume, sob trabalho árduo. Meu marido começou novamente a derrubar uma parte da floresta. Numa tarde, em uma hora não habitual, ele voltou, atormentado por uma forte dor de cabeça. Ele se deitou e pensou que passando um dia na cama, logo estaria recuperado. Vinte e quatro horas depois ele estava ardendo em febre. Uma doença grave tinha acometido o homem até então saudável. O que fazer agora? Sempre suplicava a Deus para que me poupasse das doenças na floresta. Desamparada, fiquei ao lado de sua cama sem poder ajudar. Nenhum médico, nenhuma farmácia estava ao nosso alcance. Foi nesta grande atribulação que aprendi a conhecer bem as pessoas que conviviam conosco na floresta. Para elas era algo comum ficar ao lado um do outro em situações como esta. Sem demora, nossos vizinhos vieram e ajudaram. Não me deixaram sozinha com o doente nem por uma hora, fosse dia ou noite. Durante o dia as mulheres se revezavam, à noite os homens também vinham se revezar. A todo o momento havia três, até quatro pessoas me ajudando. O que eu, uma pobre mulher, poderia fazer sozinha em tal sofrimento? A febre foi ficando cada vez mais forte, e seus pesadelos cada vez mais horríveis. Frequentemente ele pulava da cama delirando de febre, e querendo ir embora. Os homens mal davam conta de segurá-lo. Não dá para imaginar quanta força tem um febril. Quando a febre o deixava, ele ficava deitado como morto. No oitavo dia, chegou minha afetuosa

er wie tot. Am achten Tage kam meine mütterliche Freundin aus der Pikade Von Jesus. Ich hatte ihr sagen lassen, daß mein Mann schwer krank daniederliege. Diese gute und wieder so entschiedene Frau hatte zu gleicher Zeit ihren Sohn zu einem evangelischen Pfarrer gesandt, der hier die Stelle eines Arztes mitversah. Wenigstens ein Lichtblick in dieser schweren Zeit.

Tags darauf kam der Pfarrer nach einem sechsstündigen Ritt bei uns an. Typhus, war sein niederschmetternder Ausspruch. Medizin, um das starke Fieber zu bekämpfen, hatte der Urwaldarzt gleich mitgebracht. Frau Zühlsdorf und der Herr Pfarrer überredeten mich dann, auch an meine Gesundheit zu denken und im Nebenzimmer für ein paar Stunden auf einem Strohlager Ruhe zu suchen. Ich war ja die ganze Zeit nicht vom Bette meines Mannes gewichen. Hätte ich in dieser schweren Lage nicht all die guten Leute gehabt, ganz gewiß, mein Mann und ich wären elend im Walde zugrunde gegangen.

Die Krankheit wurde schlimmer und schlimmer. Als nach weiteren vierzehn Tagen noch keine Besserung eintrat, fragte ich Frau Zühlsdorf, die ich während dieser Zeit wie meine Mutter liebgewonnen hatte, ob es nicht besser sei, nach einem katholischen Geistlichen zu schicken. Meinen Mann selbst konnte ich deshalb nicht befragen, lag er doch nun schon drei Wochen vollständig ohne Besinnung. Frau Zühlsdorf, der ich es anmerkte, daß sie selbst nur wenig Hoffnung hatte, wollte einen Boten zu dem fünfzehn Stunden entfernt wohnenden Pater senden, der mich damals so freundlich empfangen hatte.

Zwei Tage später, gegen Abend, als die Sonne schon hinter dem Walde versunken war, kam der Pater in Begleitung seines Küsters. Warhlich ein schwerer Versehgang im Urwald!

Der Pater gab meinen Manne die hl. Ölung und die allgemeine Lossprechung, da er immer noch besinnungslos war. Daß ich dies alles überlebt habe, und das bei meinem damaligen Zustand, kann ich heute, wenn mir die Erinnerung kommt, kaum begreifen.

Als der Pater fortritt, versprach er mir, zu einem ihm bekannten

amiga da estrada Bom Jesus. Pedi para avisá-la que meu marido estava muito doente e de cama. Esta boa e decidida mulher enviou seu filho na mesma hora a um pastor evangélico que desempenhava a tarefa de um médico. Ao menos uma luz nesta hora difícil! Dias depois chegou o pastor a nossa casa, após seis horas de cavalgada. O seu fulminante diagnóstico: tifo. Ele trouxera remédio para combater a febre forte. A Sra. Zühlsdorf e o pastor conversaram comigo para que eu pensasse também em minha saúde e procurasse descansar por algumas horas em uma cama de palha no quarto ao lado. O tempo todo não saí de perto da cama de meu marido. Se eu não tivesse estas boas pessoas nestes dias complicados, com certeza, eu e meu marido teríamos perecido miseravelmente na floresta. A doença foi piorando cada vez mais. Como não houve sinal de melhora depois de catorze dias, perguntei a Sra. Zühlsdorf, que foi como uma mãe para mim neste período, se não seria melhor mandar alguém a um padre católico. Não poderia mesmo perguntar ao meu marido, pois estava inconsciente na cama há três semanas. A Sra. Zühlsdorf, que notei estava com poucas esperanças, enviou um mensageiro ao padre que morava há quinze horas de distância e que certa vez me recebera amigavelmente.

Dois dias mais tarde, quase à noitezinha, quando o sol já descera atrás da floresta, o padre chegou na companhia de seu sacristão. Uma extrema-unção deveras difícil na floresta. O padre deu ao meu marido o óleo sagrado e a absolvição comum, já que ele ainda estava inconsciente. Quando as lembranças vêm, mal consigo compreender que vivi tudo isto e ainda na situação em que estava naquela época. Quando o padre foi embora, me prometeu ir até um médico conhecido providenciar remédio para acabar com a febre. Era questão de vida ou morte. Ele acreditava que se a ajuda não viesse logo, meu marido não teria mais salvação, porque queimava de febre interna. O bom padre manteve sua palavra. Depois de

Arzt zu reiten, um mir Medizin zu besorgen, die das Fieber brach. Es ging ja auf Leben und Tod. Er meinte, wenn nicht bald Hilfe käme, wäre mein Mann rettungslos verloren, denn er verbrenne innerlich vom Fieber.

Der gute Pater hielt Wort. Nach zwei Tagen war ich im Besitze der Medizin, auf die ich so große Hoffnung setzte. Ein Bote brachte sie mir, es waren nämlich zweierlei, eine gegen das Fieber und eine, um meinem Mann endlich den Schlaf zu bringen.

Nun wollte Frau Zühlsdorf, die über die ganze Zeit bei mir geblieben war, für einige Tage nach Hause reiten. Sie meinte am Tage nach Ostern käme sie bestimmt zurück. Wie erschrak ich, als ich das Wort Ostern hörte, hatte ich doch die letzten Wochen nicht mehr an die bevorstehenden Feiertage gedacht. Übermorgen war also Ostern, das Fest der Auferstehung des Herrn. Wie wollte ich da Gott bitten, daß es auch für mich das Fest der Auferstehung werden möge, indem er mich nicht ohne den Schutz meines Mannes im Walde zurücklassen solle. Gott hat mein Gebet erhört.

Ich reichte meinem Mann, im festen Vertrauen auf Gott, abwechselnd die Medizinen, wie der Arzt sie verordnet hatte. Ich selbst sollte, wie der Arzt befahl, eins der Schlafpulver nehmen. Der Pater mußte ihm wohl meinen Zustand verraten haben. Wie konnte ich aber an mich denken, wenn das Leben meines Mannes nur an einem Fädchen hing. Ich gab also meinem Mann Schlafpulver, denn bevor er keine Ruhe gefunden, durfte ich für mich nicht daran denken. Wem könnte ich mein Empfinden schildern, als nach einigen Stunden wirklich eine Änderung eintrat. Der Kranke wurde allmählich ruhiger und schließlich, es mochte um Mitternacht sein schlief er fest ein. Die Krankheit war gebrochen - Gott sei Dank! Der Schlaf hielt an bis zum späten Morgen. Dann verlangte er - es war die ganze Zeit nicht vorgekommen - zu trinken. Doch war die Besinnung noch nicht so weit zurückgekehrt, daß er mich erkannte. Dann schlief er wieder ein und schlief der Genesung entgegen. Einige Tage hielt der Zurstande so an. Eines Morgens endlich, nach einer ruhigen Nacht, kam er endlich zur

dois dias estava em posse do remédio, no qual depusitei grande esperança. Um mensageiro o trouxe para mim. Eram dois: um contra a febre e um para meu marido finalmente conseguir dormir. Neste momento, a Sra. Zühlsdorf, que ficara comigo o tempo todo, queria ir para casa por alguns dias. Ela pensava em retornar no dia depois da Páscoa. Como me assustei quando ouvi a palavra Páscoa. Nas últimas semanas não havia pensado mais no feriado que estava bem a nossa frente. Então depois de amanhã seria Páscoa, a celebração da ressurreição de Cristo! Queria pedir a Deus que a celebração do renascimento também fosse para mim e que ele não me deixasse na floresta sem a proteção do meu marido. Deus ouviu minha prece. Com muita fé em Deus, ofereci alternadamente os remédios ao meu marido, como o médico prescrevera. Eu mesma deveria tomar também um daqueles remédios para dormir, conforme ordem do médico. O padre deve ter dito a ele sobre o meu estado. Como poderia pensar em mim se a vida de meu marido estava por um fio? Portanto, dei ao meu marido o remédio para dormir, e se ele não conseguisse descansar, não deveria pensar em mim mesma. Como poderia descrever o que senti, quando depois de algumas horas uma mudança começou ocorrer. O enfermo foi ficando pouco a pouco mais calmo e até que finalmente, devia ser meia-noite, pegou no sono. A doença foi debelada – Graças a Deus! O sono perdurou até o final da manhã, quando pediu algo para beber, o que não ocorrera durante todo este tempo. Porém, a consciência não voltou muito ao ponto de me reconhecer. Depois adormeceu novamente e dormiu até se restabelecer. Por alguns dias, ele se manteve neste estado. Finalmente, em uma manhã, depois de uma noite tranquila, voltou à consciência. Quando notei que me reconhecera, não pude me conter e chorei alto de alegria. Agora sim, podia pensar outra vez em descansar um pouco. Estava tão nervosa que não conseguia dormir, mesmo depois de catorze dias. O estado de meu marido foi melhorando diariamente. Dois dias depois, ao acordar durante

Besinnung. Als ich merkte, daß er mich wiedererkannte, konnte ich mir einfach nicht helfen; vor Freude habe ich laut geweint. Nun durfte ich auch wieder für mich an Ruhe denken. Meine Nerven waren aber so überreizt, daß ich noch vierzehn Tage keinen Schlaf finden konnte. Der Zustand meines Mannes besserte sich von Tag zu Tag. Als er zwei Tage später am Tage einmal erwachte, wunderte er sich, daß er bei Tage im Bett lag. Von seinem Kranksein wußte er nichts. Erst allmählich fiel ihm alles wieder ein. Wie freute sich Frau Zühlsdorf, als sie wieder zu uns kam und mein Mann ihr vom Bett aus ein Willkommen zurief.

Doch jetzt kam die Erschöpfung über mich. Die ganzen Wochen hatten mich Angst und Sorgen aufrecht erhalten. Nun war es vorbei. Mein Körper war durch die wochenlange Aufregung und Nachtwache so geschwächt, daß ich mich legen mußte. So hatte Frau Zühlsdorf zwei Kranke zu pflegen. Mein Zustand bedurfte möglichst der Ruhe, da ich acht Wochen später meine Niederkunft erwartete. Die Pflege der alten Frau brachte uns bald wieder zu Kräften. Jeden Tag ein Huhn, dazu viel frische Milch und Eier, und wir waren bald wieder so kräftig, daß wir das Bett verlassen konnten.

Die letzten Tage lag mein Mann so ruhig in Gedanken versunken. Ich sah es ihm an, daß er über etwas nachgrübelte. Schon einige Male hatte ich ihn nach seinen Gedanken gefragt, hatte aber keine Antwort bekommen. Endlich fing er von selbst an zu sprechen. Er faßte mich an der Hand und sagte: "Was meinst du, Frau, ist das Leben im Urwald nicht zu schwer für uns beide?" Sollen wir nicht lieber heimkehren?" Mein Mann war durch seine Krankheit auch vom Heiweh erfaßt. Ich konnte nicht antworten. Als ich das Wort "heimkehren" hörte, da war es mir wie Musik. Ich kniete an seinem Bett nieder und dankte ihm für diesen Entschluß. Wie oft hatte ich ihn von selbst darum bitten wollen. Heimkehren! Heim zu meiner Mutter und zu meinen Geschwistern! Als nun Frau Zühlsdorf ins Zimmer trat, konnte ich nicht anders, ich fiel ihr um den Hals und weinte vor Freude. Nun war das Leben wieder leicht, nun hatte der Urwald mit all seinen Schrecken keine Gewalt mehr über mich, ich liebte ihn jetzt in dem

o dia, ele ficou surpreso por estar muito tempo na cama. Não sabia nada do seu estado enfermo. Pouco a pouco foi se lembrando de tudo novamente. Como a Sra. Zühlsdorf se alegrou quando chegou em casa e meu marido, da cama, lhe desejou boas-vindas!

Agora o cansaço tomava conta de mim. Todas estas semanas o medo e a preocupação me mantiveram em pé. Agora tudo acabou. Meu corpo estava tão enfraquecido pelo nervosismo e noites em claro que passei durante semanas, que precisei repousar. A Sra. Zühlsdorf passou a ter dois doentes para cuidar. O meu estado exigia repouso, o quanto antes, porque em oito semanas daria à luz. O cuidado desta boa senhora logo nos fortaleceu. Todo dia um frango, além disto, leite e ovos frescos. Ficamos tão fortes que logo pudemos deixar a cama. Nos últimos dias, meu marido estava muito calmo mergulhado em seus pensamentos. Via que ele estava matutando sobre alguma coisa. Já perguntara algumas vezes sobre o que estava pensando, mas não recebi nenhuma resposta. Finalmente, começou a falar. Pegou a minha mão e disse:

-O que você acha mulher, a vida na floresta não é muito dura para nós dois? Será que não é melhor voltarmos?

Meu marido foi arrebatado pela saudade de seu país por causa da doença. Não consegui responder. Ouvir a palavra “voltar”, soou como música para mim. Ajoelhei-me à sua cama e o agradei por essa decisão. Quantas vezes quis pedir-lhe isto. Voltar ao nosso país! De volta para minha mãe e meus irmãos! Quando a Sra. Zühlsdorf entrou no quarto, não resisti, me atirei em seus braços, abracei-a e chorei de alegria. A vida ficou mais leve outra vez. A floresta com todos seus horrores não exercia mais poder sobre mim. Eu a amava naquela hora em pensamento, nesses momentos difíceis que nela passamos. Tivemos a convicção de que a vida na floresta não era tão fácil, como imagináramos anteriormente. Mas não foi o árduo,

Gedanken an diese schwere Zeit, die wir in ihm zugebracht hatten. Wir hatten in den Jahren die Überzeugung gewonnen, daß das Leben in dem Urwald nicht so leicht war, wie man es sich vorher gedacht halte. Nicht die schwere, unendlich schwere Arbeit war es, die uns forttrieb, nicht die Schlangen und Spinnen und das andere Ungeziefer nein, der Drang nach Menschen und nach Geistesnahrung und der Wunsch, unsere Kinder nicht als Urwaldmenschen auswachsen zu lassen. Nicht der Körper, nein, der Gedanke zieht einen fort.

Es war, als wenn der Gedanke an baldige Heimkehr auch meinem Manne neue Kräfte verlieh. Er verließ heute nach acht Wochen zum erstenmal das Bett. Nun planten wir die Heimreise. Vorerst wollten wir meine Niederkunft abwarten und einige Wochen danach die Reise zu dritt antreten. Nur hatten wir die Mittel zu dieser Reise noch nicht. Zwar hatten wir unsere Kolonie, woraus wir 500 Milreis angezahlt hatten. Woher so schnell einen Käufer nehmen! Frau Zühlsdorf wußte Rat; sie kannte jemand, der uns die Kolonie abkaufen würde. Sie hatte sich Ostern schon gedacht, daß wir nicht blieben und hatte sich nach einem Käufer umgesehen. Es war ein Kolonistensohn aus ihrer Pikade; er wollte uns 1500 Milreis bezahlen und die Schuld übernehmen, die noch darauf ruhte. 500 Milreis hatten wir angezahlt, so blieben uns für die vierjährige Arbeitszeit für jedes Jahr 250 Milreis. Fürwahr nicht viel, aber ein besseres Angebot würden wir schwerlich bekommen. Dann konnten wir unser Vieh verkaufen, das brachte noch 3-400 Milreis, und sämtliches Hausgerät, das die uns besuchenden Kolonisten schon immer bewundert hatten. Dazu die diesjährige Ernte, und die nötigen Reisegelder waren beisammen. Dann gingen wir schlafen und träumten von der Heimat.

Zwei Tage darauf ging mein Mann das erste Mal wieder nach draußen. Es wäre ihm bald schlecht bekommen. Schwach, wie er war, humpelte er, auf zwei Stöcken gestützt, zur Tür hinaus. Kaum war er draußen, sah ihn Cäsar, unser Hund, der ihn nun acht Wochen nicht gesehen hatte. Das Tier hing sehr an ihm; jetzt, nach wochenlangem Suchen, hatte es ihn endlich entdeckt. Ich sah vom Fenster aus,

o infinito trabalho árduo, que nos fez recuar, nem as cobras, nem as aranhas e outros animais nocivos, não! Foi a falta de pessoas e de alimento para a alma e o desejo que nossos filhos não crescessem como pessoas da floresta. Não é o corpo, mas o pensamento que nos faz partir.

Era como se a ideia de regressar logo desse também novas forças ao meu marido. Hoje, depois de oito semanas, ele saiu da cama pela primeira vez. Planejamos nossa viagem de volta. Antes disso, queríamos esperar pelo meu parto, e algumas semanas depois, partir para a viagem em três. Recursos para tal viagem, entretanto, não dispúnhamos ainda. Na verdade tínhamos a nossa colônia, pela qual pagáramos 500 mil réis. Como conseguir um comprador tão rápido? A Sra. Zühlsdorf sabia o que fazer; ela conhecia alguém que compraria nossa colônia. Na Páscoa, ela já pensara que não ficaríamos e procurou um comprador. Ele era filho de um colono, lá de sua estrada. Ele queria nos pagar 1500 mil réis e assumir a dívida que ainda existia. Pagáramos 500 mil réis, assim nos restavam 250 mil réis para cada ano dos quatro anos de trabalho. Na verdade não era muito, mas dificilmente encontraríamos uma oferta melhor. Pudemos vender nossa criação, o que nos trouxe mais 3 -400 mil réis e todos os utensílios domésticos, que eram admirados por todos os colonos que nos visitavam. Além disso, a colheita desse ano e o dinheiro da viagem necessário foram guardados. Então íamos dormir e sonhávamos com o nosso país. Dois dias depois, meu marido saiu para o lado de fora pela primeira vez. Foi difícil para ele. Fraco, como estava, saiu coxeando porta afóra, se apoiando em duas bengalas. Mal chegara lá, César, nosso cachorro que não o via por oito semanas, o avistou. O animal gostava muito dele; e naquele momento, depois de semanas procurando-o, ele finalmente o encontrou. Vi da janela, como pulou a cerca do jardim que era acima de um metro de altura – o jardim era local proibido para ele – e depois se jogou sobre meu marido e

wie der Hund über den meterhohen Gartenzaun setzte - der Garten war sonst für ihn verbotenes Gebiet - dann auf meinen Mann losstürzte und im Freudengeheul an ihm hinaufsprang. Das war für die schwachen Beine meines Mannes zu viel; er sank in die Knie. Der Hund sprang wie toll gegen ihn, heulte und bellte sprang über ihn und wieder gegen ihn an. Ich war meinem Manne zu Hilfe geeilt, konnte aber gegen den großen Hund nicht an. Mein Mann hatte sich auf die Erde gesetzt und ließ jetzt willenlos die Freudenausbrüche des Hundes über sich ergehen. Hernach mußte ich ihn in die Ställe führen; ich hatte mich selbst die ganze Zeit nicht um das Vieh kümmern können. Dank der guten Nachbarn war aber für alles aufs beste gesorgt.

Der Zustand meines Mannes besserte sich von Tag zu Tag, die alte Kraft und Arbeitslust kam allmählich zurück. Das Leben nahm wieder seinen regelmäßigen Lauf. Es wurde wieder gepflanzt und geputzt, aber kein Wald mehr geschlagen. Einige Wochen später kam der junge Kolonist, der unsere Kolonie kaufen wollte. Mein Mann wurde bald mit ihm einig, Mitte August konnte er sie haben. Er übernahm auch unser Vieh und allerlei Haushaltungsgegenstände. Ebenso die Herdplatte. Mein Mann hatte sie in der Heimat für 10 Mk. gekauft, er bot uns ohne weiteres 100 Milreis dafür. Für alles, was wir in Zukunft von unsern deutschen Sachen verkauften, bekamen wir Preise geboten, die oft das Zehnfache des Kaufpreises betrug. Emaille und Eisentöpfe und Porzellangeschirr waren gesuchte Gegenstände. Noch gaben wir die Sachen nicht ab, damit wir uns die letzte Zeit nicht zu behelfen brauchten. Was sollten wir sie wieder mitnehmen, wenn wir sie in Deutschland für wenig Geld wiederbekommen konnten! Nur die Betten und die Wäsche behielten wir; die Betten wollten wir auf dem Schiff wieder gebrauchen.

Mein Mann hatte sich mit unserm Nachfolger verabredet, er sollte im nächsten Monat 14 Tage hierherkommen. Diese Zeit wollte er zu einem Ritt in das Innere des Landes benutzen, um die deutschen Landsleute zu besuchen, die sich weiter im Innern niedergelassen haben. Er wollte, ehe er Brasilien verließ,

com alúidos de felicidade pulava nele. Isto era demais para as pernas fracas de meu marido: ele caiu de joelhos. O cachorro saltava como um louco, gania e latia e pulava novamente em cima dele. Corri para ajudá-lo, mas não pude fazer nada contra aquele cachorro grande. Meu marido se sentou na terra e permaneceu inerte perante a explosão de alegria do cachorro. Mais tarde precisei levá-lo aos estábulos. Eu mesma não pude me preocupar o tempo todo com a criação de animais. Mas graças aos bons vizinhos, tudo foi cuidado da melhor maneira.

O estado de meu marido estava melhorando dia após dia. A antiga força e a vontade de trabalhar voltavam aos poucos. A vida tomava outra vez o seu curso normal. Plantamos e limpamos, mas não derrubamos mais a floresta. Algumas semanas depois, veio o jovem colono que queria comprar nossa colônia. Meu marido logo entrou em um acordo com ele: no meio de agosto poderia tomar posse. Ele assumiu também nossa criação e todos os tipos de utensílios domésticos, e assim como a chapa de fogão. Meu marido comprou-a em nosso país por 10 DM, já o jovem nos ofereceu sem delongas 100 mil réis por ela. Por tudo o que vendemos das nossas coisas além posteriormente, recebemos ofertas que logravam dez vezes seu preço de compra. As panelas esmaltadas e de ferro e a louça de porcelana eram objetos procurados. Mas não entregamos prontamente as coisas para que não precisássemos improvisar, sem elas nos últimos dias. Para que levá-las de volta se na Alemanha poderíamos comprá-las por pouco dinheiro? Ficamos apenas com as roupas e os colchões, pois queríamos usá-los no navio novamente. Meu marido combinou com nosso sucessor para vir no próximo mês por catorze dias. Queria usar este tempo para viajar pelo interior do país e assim visitar os compatriotas alemães que se estabeleceram nestes locais. Ele queria conhecer bem o Brasil, antes de deixá-lo. Deveria ser uma viagem de descanso, apesar de mal conseguir imaginar como seria uma viagem cavalgando catorze dias. Quando nosso vizinho chegou, já

das Land genau kennenlernen. Es sollte eine Erholungsreise sein, obschon ich mir das von einem vierzehntägigen Ritt schlecht vorstellen konnte.

Als unser Nachbar kam, waren wir reisefertig. Das Pferd meines Mannes wurde gesattelt und bepackt. Einige trockene Mettwürste und geräucherte Gänsebrüste als Wegnahrung, das Gewehr über den Rücken, und der Forschungsreisende war fertig. Ein letztes „Aus Wiedersehen“, und dann ging es die Waldstraße entlang.

Der Wagen, der unseren Nachfolger hierher gebracht hatte, fuhr dann mich zur Kolonie der Frau Zühlsdorf. Hier verlebte ich vierzehn schöne Tage. Bei Tage half ich im Haushalt und im Garten, des Abends saßen wir im Familienkreise und erzählten uns von der Heimat. Fünfunddreißig Jahre waren diese Leute schon hier. Sie waren aus Pommern ausgewandert. Frau Zühlsdorf als junge Frau mit ihrem Mann und zwei Kindern und ihrem Vater.

Ich bekam auch einen Einblick in die ersten Entstehungsjahre der Kolonie. Die ersten Ansiedler hatten es noch viel schlimmer gehabt als wir. Schon die Fahrt über den Ozean war viel gefährlicher als zu unserer Zeit. Drei Monate und zehn Tage hatten sie zu ihrer Überfahrt gebraucht. Ein Segelschiff war es gewesen, und dazu schlechte Kost und schlechtes Trinkwasser, so daß drei ihrer Mitreisenden ihr Grab auf dem Meeresgrunde fanden. Als die Auswanderer in Brasilien ankamen, wurden sie in den damals noch unerforschten Urwald versetzt. Es gab keine Straßen und Pfade, und sie fanden nicht wie wir gute Nachbarn und hilfsbereite Hände. Alle diese Pommern, die sich später dort ansiedelten, sie haben alle das Heimweh kennengelernt, haben oft den Wunsch geäußert: wären wir doch in der Heimat geblieben! Und was waren diese Leute in der Heimat gewesen? Sie lebten in den vierziger bis sechziger Jahren des vorigen Jahrhunderts als Knechte, Schäfer oder Kötter der Großgrundbesitzer, lebten als Leibeigene, als unfreie Leute für ihren Herrn. Die wenigsten konnten schreiben und lesen. Kurz, es waren Menschen vom Lande, die wenig Ansprüche an das Leben stellten. Solche Leute konnten von den Agenten und Maklern leicht zum Auswandern

estávamos prontos para a viagem. O cavalo de meu marido foi selado e carregado. Alguns salames e peitos de ganso defumados para comer na viagem, a espingarda nas costas, e o explorador estava pronto. Um último “Até logo” e depois seguiu pela rua da floresta.

A carroça que trouxe nosso sucessor, levou-me para a colônia da Sra. Zühlsdorf. Lá passei catorze belos dias. Durante o dia ajudava, cuidando da casa e da horta; à noite, sentávamos em família e falávamos sobre nosso país de origem. Essa gente já estava ali há trinta e cinco anos. Eles tinham vindo da Pomerânia. Quando jovem, a Sra. Zühlsdorf veio com seu marido, dois filhos e seu pai. Pude ter uma ideia dos primeiros anos de formação da colônia.

Para os primeiros colonizadores foi muito pior do que para nós. Começando pela viagem sobre o oceano que era muito mais perigosa do que na nossa época. Precisaram de três meses e dez dias para esta travessia. Era uma caravela e ainda com comida e água potável tão péssimas que três viajantes tiveram o fundo do mar como sepultura. Quando estes imigrantes chegaram ao Brasil, foram deslocados para uma floresta, naquela época, ainda inexplorada. Não havia ruas, nem estradas e eles não encontraram, como nós, bons vizinhos e mãos dispostas a ajudar. Todos estes pomeranos, que imigraram para lá, conheceram a saudade de sua terra natal e com frequência expressavam o desejo:

-Ah, se tivéssemos ficado em nosso país!

E o que teriam sido estas pessoas em seu país de origem? Eles viveram nas décadas de quarenta a sessenta do século passado como peões, pastores ou pequenos camponeses de latifundiários; viviam como servos, como subordinados ao seu senhor. A minoria sabia ler e escrever. Resumidamente, eram pessoas do campo, que tinham poucas pretensões na vida. Estas pessoas podiam ser facilmente convencidas a imigrar pelos

gewonnen werden. Und keiner war darunter, wie mir Frau Zühlsdorf versicherte, der in den ersten 10 bis 15 Jahren nicht mit Freuden das schwere Los unter der pommerschen Herrschaft wieder auf sich genommen hätte, um nur aus dem Wald herauszukommen. Heute aber sind es keine Leibeigenen, die auswandern wollen, nein, ich kann sagen, alle die vielen, die schon zu mir kamen, um sich Rat zu holen, waren Arbeiterfrauen, die höhere Ansprüche an das Leben stellten als damals die einstigen Frauen aus Pommern. Die Klasse der Auswanderer hat sich verändert. Der Urwald, die Arbeit, der Werdegang der Kolonie hat sich nicht geändert. Heute noch, nach vielen Jahren, bekomme ich Briefe von den lieben Bekannten im Urwald, weiß, wie es ihnen geht, und lese darin immer noch die Sehnsucht nach der alten Heimat.

An einem Abend bekamen wir Besuch von einem Kolonisten, der nicht weit von Frau Zühlsdorf wohnte. Er war ein Mann von vielleicht 50 Jahren. Seit 25 Jahren war er in Brasilien. Er war aus Schleswig-Holstein gebürtig und hatte in der Heimat das Anstreichergeschäft erlernt. Er hieß hier der Maler. Als junger Mann ausgewandert, hatte er sich auf einer Kolonie eingeheiratet und war jetzt Vater von fünf Kindern. Dieser Mann lebte nur in dem einen Gedanken, noch einmal zurück in seine Heimat zu kommen. Als ich ihm erzählte, daß wir in nächster Zeit wieder in die Heimat reisten, da weinte er wie ein Kind. Ich machte ihm den Vorschlag, sein Anwesen zu verkaufen und samt seiner Familie mit uns zurückzukehren. Da sagte er zu mir: „Liebe Frau, ich habe das schon oft überlegt, aber immer bin ich wieder davon abgekommen. Denn sehen Sie: meine Frau und meine Kinder sind hier im Urwald geboren und großgezogen. Die ältesten Mädchen sind 17 und 18 Jahre. Kann ich solche Kinder, die noch nie einen Schuh an den Füßen, noch keinen Hut auf dem Kopfe gehabt haben, nach Deutschland bringen? Sollen sich diese braven Kinder auslachen lassen?“ Der Mann hatte recht. Ein Urwaldkind kann man nicht nach Deutschland verpflanzen, ebensowenig wie einen Baum des Urwaldes; es würden beide zugrunde gehen.

Einmal besuchte ich auch mit den Kindern von Frau Zühlsdorf die

agentes e corretores. A Sra. Zühlsdorf assegurou-me que não havia ninguém entre eles, que nos primeiros dez a quinze anos não aceitasse com alegria o difícil destino sob o domínio pomerano outra vez, só para sair da floresta. Hoje, no entanto, não há mais servos que queiram imigrar. Posso dizer que todas aquelas mulheres que vieram pedir-me conselhos, eram esposas de trabalhadores, que tinham pretensões maiores na vida do que as pomeranas daquela época. A classe social dos imigrantes mudou. A floresta, o trabalho, o processo de desenvolvimento da colônia não mudaram. Hoje ainda, depois de muitos anos, recebo cartas destes queridos conhecidos na floresta. Sei como estão e sempre leio dentro delas a saudade da velha terra natal.

Numa noite recebemos a visita de um colono que não morava muito longe da casa da Sra. Zühlsdorf. Era um homem com, talvez, cinquenta anos. Estava no Brasil desde os vinte e cinco. Tinha nascido em Schleswig-Holstein, na Alemanha, e lá aprendeu o ofício de pintor. Era chamado ali de Maler, Pintor. Como imigrou jovem, se casou na colônia e agora era pai de cinco filhos. Este homem vivia com um único pensamento: voltar mais uma vez para o país de origem. Quando contei-lhe que em pouco tempo viajaria para a Alemanha, chorou como uma criança. Aconselhei-o a vender sua propriedade, reunir sua família e regressar conosco. Então disse-me:

- Prezada senhora, já pensei nisso várias vezes, mas sempre desisto da ideia. Veja bem, minha esposa e meus filhos nasceram e cresceram aqui na floresta. As meninas mais velhas têm 17 e 18 anos. Posso eu levar para a Alemanha estes filhos que nunca usaram sapatos nos pés ou um chapéu na cabeça? Devo permitir que lá riam destes filhos tão bons?

O homem tinha razão! Uma criança da floresta não pode ser simplesmente transplantada para a Alemanha, assim como uma árvore da floresta: ambas pereceriam.

Certa vez visitei a escola da colônia com os filhos da Sra. Zühlsdorf. De bom grado, o professor, também pomerano, me permitiu

Kolonieschule. Gern wurde mir von dem Lehrer, ebenfalls einem alten Pommern, erlaubt für einen Morgen den Unterricht zu übernehmen. Er gab mir die Schlüssel und ließ mich mit den Kindern allein. Es waren 60 an der Zahl, Knaben und Mädchen. Es wurden keine zu großen Ansprüche an die Kinder gestellt, etwas Lesen, Schreiben und Rechnen, aber nur das einfachste; ganz gewöhnliche Bruchrechnung konnte keins der Kinder. Mit den Lehrbüchern stand es sehr schlecht, fast jedes Kind hatte ein anderes Buch, so daß ein einheitliches Lesen nur stattfinden kann durch Weitergabe eines Buches. Ebenso war es mit dem Rechnen und in der Religion, soviel Kinder, soviel verschiedene Bücher. Ich habe die Kinder in den paar Stunden nicht viel mit Lernen beschäftigt; ich habe ihnen von Deutschland erzählt, von den deutschen Schulen und Kirchen, von Kinderspielen und Unterhaltung, und ich fand dankbare Zuhörer. Es sind wirklich die Kinder des Urwalds brave Kinder; sie leiden nicht unter den bösen Beispielen der Straße. Groß war der Jubel, als ich die letzte Stunde mit ihnen hinauszog und ihnen deutsche Kinderspiele zeigte. Ich bin überzeugt, daß die Spiele in dieser Schule noch fortleben, und auch heute wird dort sicherlich „Blinde Kuh usw.“ im Urwald gespielt. Nachdem ich den kleinen Leuten Lebewohl gesagt hatte, brachte ich dem Kolonistenlehrer die Schlüssel zurück. Ich hörte von ihm noch viel über Kirche und Schule.

Zu der Pikade Von Jesus gehören an 40 Familien. Sie unterhalten die Schule und besolden den Lehrer. Schulzwang gibt es nicht. Der Unterricht ist von morgens 7 bis 11 Uhr. Zur Pflanz- und Erntezeit wird keine Schule gehalten; ebenso fällt der Unterricht aus, wenn es regnet. Als ich Abschied von dem Waldschulmeister nahm, gab ich ihm das Versprechen, ich wollte ihm, wenn ich wieder in Deutschland sei, für jedes Kind ein Lese und Rechenbuch schicken, damit diese Bücher einheitlich wären. Da bei uns früher und heute alle paar Jahre neue Schulbücher von der Schulbehörde eingeführt werden und die alten in die Papierstampe kommen, könnte man für wenig Geld Hunderte solcher Bücher kaufen und sie nach Südbrasilien schicken. Sie würden den Kindern dort große

dar aulas numa manhã. Deu-me as chaves e deixou-me sozinha com as crianças. Eram sessenta, entre meninos e meninas. Não era exigido muito delas, apenas algo como ler, escrever e calcular, mas só o mais simples; o tão habitual cálculo com frações nenhuma delas sabia. A situação era ruim em relação aos livros didáticos: quase toda criança tinha um livro diferente, de modo que uma leitura uniforme só ocorria quando um único livro passava de mãos em mãos. O mesmo acontecia com o cálculo e a religião, o número de crianças era o mesmo de livros diferentes. Não ocupei muito as crianças com estudos durante aquelas horas; contei-lhes sobre a Alemanha, as escolas e as igrejas alemãs, as brincadeiras de crianças e divertimento, e encontrei ouvintes muito agradecidos. Realmente, as crianças da floresta são crianças boas. Eles não sofrem as influências ruins da rua. Como foi grande a alegria quando saí com elas na última aula para fora e mostrei brincadeiras infantis alemãs! Tenho certeza que essas brincadeiras ainda continuam sendo feitas nesta escola e que certamente até hoje se brinca de cabra-cega na floresta. Depois de dizer adeus aos pequenos, devolvi as chaves ao professor da colônia. Ainda fiquei ali ouvindo-o contar muito sobre a igreja e a escola.

Quarenta famílias pertencem à estrada Bom Jesus. Elas mantêm a escola e pagam o professor. Ensino obrigatório não há. A aula é das 7 às 11 horas da manhã. Na época de plantio e colheita não tem aula; da mesma forma quando chove. Quando me despedi do mestre da escola da floresta, prometi-lhe, assim que estivesse na Alemanha, enviaria um livro de leitura e de cálculos para cada criança, para que todos pudessem ter os livros iguais. Em nosso país, antigamente e hoje, com intervalo de alguns anos, livros novos são implantados pelas autoridades de ensino e os velhos vão para a prensa de papel, sendo que centenas deles poderiam ser comprados por pouco dinheiro e enviados ao sul do Brasil. Eles iriam ter uma grande função para as crianças de lá. Incumbi-me, naquele tempo, de prover esta escola com livros.

Dienste leisten. Ich habe damals veranlaßt, daß diese Schule mit Büchern versorgt wurde.

Auf neuen Kolonien gibt es noch keine Schulen, die ersten zehn Jahre kann der Kolonist an nichts denken als an seine Hütte und sein Stück Wald. Da ist dann die Mutter die Stellvertreterin der Schule. Sie muß ihre Kinder selbst unterrichten und ihnen auch den ersten Religionsunterricht geben. Die Frau muß als Mutter sehr vielseitig sein, Frau Zühlsdorf wußte hierüber sehr viel zu erzählen. Ihre ältesten Kinder hatten nur das gelernt, was sie ihnen hatte beibringen können; die jüngeren konnte sie zur Schule schicken.

Am folgenden Sonntag folgte ich der Einladung von Frau Zühlsdorf und besuchte mit ihr die evangelische Kirche. Alle drei Wochen kam der Pfarrer geritten, um Gottesdienst in der Schule zu halten. Längst vorher hatten sich die Kolonisten eingefunden, zu Pferde und auch zu Fuß; nahezu dreißig Pferde standen an dem Zaun angebunden. Fast alle Kolonisten der Pikade waren mit ihren Frauen und erwachsenen Kindern gekommen. Es war eine merkwürdige Versammlung. Gesprochen wurde nur Pommersch Platt; da konnte ich mein Westfälisch Platt nur eben zur Geltung bringen. Die Unterhaltung dehnte sich um das, was dem Kolonisten die Hauptsache ist, um roça und Vieh, alles andere kümmert diese Urwaldmenschen nicht. Dann kam der Getstliche geritten, auf einem ziemlich halsstarrigen Maultier.

Der Gottesdienst konnte nun beginnen. Alte deutsche Lieder wurden gesungen, ohne Orgel oder sonstige Begleitung. Der Lehrer war Vorsänger, und die Gemeinde stimmte mit ein.

Schlichte deutsche Worte waren der Inhalt der Predigt. Worte, die diese Leute verstehen, und denen sie auch folgen können. So war es recht für den Urwald. Ein schlichter Schulraum als Kirche und schlichte Menschen dazu als Gläubige, die keinen Hader gegen Gott in sich aufkommenm ließen.

Nach dem Gottesdienst war Gemeindeberatung. Die gesamten Fragen der Pikade wurden besprochen. Eine Straße mußte gebessert werden, der

Nas novas colônias não há escolas. Nos primeiros dez anos, o colono não pode pensar em mais nada a não ser na sua cabana e no seu pedaço de floresta. Então a mãe passa a substituir a escola. Ela mesma tem que ensinar seus filhos e dar-lhes as primeiras aulas de religião. A mulher, enquanto mãe, deve ser muito dinâmica, e a Sra. Zühlsdorf podia falar muito sobre isto. Seus filhos mais velhos puderam aprender apenas aquilo que ela lhes ensinou; já os mais novos ela pôde mandar para a escola. No domingo seguinte, aceitei o convite da Sra. Zühlsdorf e fui com ela à igreja evangélica.

O pastor vinha a cada três semanas para realizar o culto na escola. Muito antes disto, os colonos tinham vindo a cavalo e também a pé; aproximadamente trinta cavalos estavam amarrados na cerca. Quase todos os colonos da estrada vieram com suas esposas e filhos adultos. Era uma notável reunião. O dialeto falado foi pomerano, só pude fazer valer o meu dialeto vestfaliano. A conversa girava em torno do que é o mais importante para o colono: a roça e a criação; sobre todo o resto estas pessoas da floresta não se preocupavam. Logo chegou o pastor cavalgando em uma mula bastante teimosa. Agora o culto podia começar. Velhas canções alemãs eram cantadas sem órgão ou qualquer outro acompanhamento. O professor era o hantre, e a comunidade acompanhava. Palavras alemãs simples eram o conteúdo do sermão. Palavras que estas pessoas entendiam e as quais poderiam seguir também. Assim era o correto para a floresta. Uma sala simples de escola como igreja, e pessoas simples como fiéis que não se permitiam ter nenhum descontentamento contra Deus.

Depois do culto houve o conselho da comunidade. Foram discutidas questões relacionadas à estrada Bom Jesus: uma rua tinha que ser melhorada, a cerca em volta do pátio da igreja renovada, o professor queria reparos em sua casa, uma viúva, cujo marido morreu há catorze dias picado

Zaun um dem Kirchhof erneuert werden, der Lehrer wünschte Ausbesserungen an seinem Wohnhaus, eine Witwe, deren Mann vierzehn Tage vorher am Schlangenbiß gestorben war, brauchte Hilfe. Alles wurde ohne lange Reden bald erledigt. Ein kurzes Besinnen: die Männer und Witwen nicken mit dem Kopf, und die Sache ist erledigt. Nur die Männer und Witwen haben Bestimmungsrecht; für die übrigen Frauen bestimmt der Mann. Kommen Fragen vor, die nicht einstimmig von den Kolonisten gelöst werden, gibt der Pfarrer den Ausschlag.

Am Nachmittag besuchten wir den Maler, den das Heimweh so gepackt hatte. Er hatte nur eine halbe Kolonie und wohnte tief im Walde versteckt. Fünf Kinder nannte er seinen Stolz, vier Mädchen und einen Knaben, alle mit blauen Augen und blonden Haaren, echte Germanen. Unsere Unterhaltung drehte sich natürlich um Deutschland. Dabei wollte er den Seinen begreiflich machen, wie seine Heimat ausschaue. Alles konnten sie begreifen, nur den Winter nicht. Das Wasser sollte so hart werden, daß man es mit der Axt zerschlagen konnte, daß der Regen zu Schnee würde, den man zusammendrehen und Ball damit werfen könne, das wollten sie nicht glauben. Bei dem zehnjährigen Knaben weckte es nur ein mitleidiges Lächeln. Gerade den Kindern, die nie Eis und Schnee gesehen haben, dies zu beschreiben, ist sehr schwer. Als wir am Abend Abschied nahmen, ging der Maler ein Stück Weg mit. Zum Schluß meinte er, wenn seine Kinder alle erwachsen seien, wollte er Deutschland noch einmal besuchen, wenn auch bloß auf ein paar Wochen. Sein Wunsch ging nicht mehr in Erfüllung. Kurz bevor wir Brasilien verließen, hörten wir, daß er gestorben war.

So verstrichen für mich die Tage auf der alten Kolonie, einer wirklichen Musterwirtschaft an Fleiß und Arbeit. Zehn Paar kräftige Hände fanden stets Arbeit genug, um roça und Vieh in Ordnung zu halten. Nach vierzehn Tagen kam mein Mann zurück. Gesund und braungebrannt kam er heim. Nun mußte er am Abend unter dem Orangenbaum erzählen.

Sein Ritt hatte ihn bis an den Fluß Rio Uruguay gebracht, dann den Fluß Varzea hinunter nach der deutschen Kolonie Xingu, von da über Palmeira

por cobra, precisava de ajuda. Tudo foi resolvido sem longas conversas. Uma observação: os homens e as viúvas acenam com a cabeça e o assunto está solucionado. Apenas os homens e as viúvas têm o direito de decidir; para as outras mulheres quem decide é o homem. Se há questões que não são resolvidas por unanimidade entre os colonos, então o pastor decide.

À tarde visitamos o Pintor que estava com saudades da terra natal. Tinha apenas metade de uma colônia e vivia embrenhado na floresta. Referia-se com orgulho a cinco crianças, quatro meninas e um menino, todos com olhos azuis e cabelos loiros, germanos legítimos. Naturalmente, nossa conversa girava em torno da Alemanha. Queria que os seus familiares compreendessem como era o seu país de origem. Tudo eles puderam compreender, só o inverno que não. Não queriam acreditar que a água ficaria tão dura que poderia ser quebrada com o machado, que a chuva se transformaria em neve, e dela se poderia fazer uma bola e jogá-la. Só despertou um sorrisinho de compaixão no garoto de dez anos. É muito difícil descrever isto para crianças que nunca viram gelo e neve. À noite quando despedimos-nos, o Pintor nos acompanhou até uma parte do caminho. Por fim, pensava que quando seus filhos fossem adultos, ele visitaria a Alemanha mais uma vez, nem que fosse por apenas algumas semanas. Seu desejo não pôde ser realizado. Pouco antes de deixarmos o Brasil, soubemos que falecera.

Assim passaram-se os dias na velha colônia, uma verdadeira economia modelo de esforço e trabalho. Dez pares de mãos fortes sempre encontraram trabalho suficiente para manter em ordem a roça e a criação. Depois de catorze dias meu marido voltou. Saudável e queimado do sol, retornou pra casa. À noite, sob o pé de laranja, ele teve que contar sobre sua viagem. Sua cavalgada levou-o até o rio Uruguai, depois desceu o rio Várzea até a colônia alemã Xingu, de lá passando por Palmeira até Neu-Württemberg, a colônia do Dr. Meher de Leipzig. Ele sabia narrar tudo

nach Neu-Württemberg, der Kolonie des Leipzigers Dr Meyer. Was wußte er nicht alles zu berichten von den Pionieren des Urwaldes, die er auf seinem Ritt angetroffen hatte. Blühende deutsche Kolonien hatte er gefunden. Aber auch viele im Urwalde verkommene Landsleute, die ihr Leben dort elend fristen. Zum Teil mit Mulattinnen und Negerinnen verheiratet, schämen sie sich, zu gestehen, daß sie einstmals Deutsche waren. Überall, wo sich der deutsche Kolonist nicht unter Deutschen ansiedelt, sondern unter Portugiesen, Italienern und Mulatten, da ziehen ihn seine Nachbarn zu sich hinunter. Da sind der deutsche Mann und die deutsche Frau die ersten, die ihr Volksbewußtsein verlieren. Sie sind verloren im großen Urwald, verschlungen von ihm. Besonders hatte meinem Manne die Kolonie Neu Württemberg gefallen. Es ist eine wahre Musterkolonie. Sie ist nun schon ganz besiedelt und hat so für neue Einwandernde keinen Platz mehr. Ganz begeistert war er von dem weiten Ritt durch Rio Grande do Sul, von den unendlichen Strecken Urwald und von den großen fruchtbaren Kämpfen. Er hatte das Land genau so gefunden, wie er von begeisterten Reiseberichterstattem darüber gelesen hatte. Nun wußte er jetzt aus eigener Erfahrung, welche eine riesige Arbeit es kostet, das Land so weit zu bringen, daß es einen ernährt.

Zwei Tage blieben wir noch bei Zühlsdorfs, dann fuhr uns der Vater wieder nach Hause. Auf unserer Kolonie fanden wir alles in bester Ordnung. Nur noch ein paar Wochen, dann konnten wir der alten Heimat zueilen.

Unser Nachfolger wollte erst noch einmal nach Hause, doch bald ganz nach hier übersiedeln. Mit dem Vater der Frau Zühlsdorf fuhr er heim. Nun waren wir wieder allein im Urwald. Mein Mann schaffte nur noch zum Zeitvertreib in der roça.

Die Zeit meiner Niederkunft kam heran. Troßdem ich den festen Willen hatte, stark zu bleiben, sah ich mit Schrecken der Stunde entgegen. Keine Hebamme, im Falle der Not keinen Arzt; und es war ja mein erstes Kind! Ich war froh, daß wenigstens Frau Zühlsdorf um mich war; sie war auf Wunsch meines Mannes schon acht Tage vorher gekommen. Sie sprach mir Mut zu, hatte sie ja

sobre os pioneiros da floresta que encontrou em sua viagem. Encontrou colônias alemãs prósperas, mas também muitas pessoas do campo decadentes, que levam suas vidas miseravelmente lá. Alguns destes colonos estão casados com mulatas e negras e se envergonham em declarar que antigamente era alemães. Em todo lugar, onde o colono alemão não se estabelece entre alemães, mas entre portugueses, italianos e mulatos, estes arruinam-no. O homem e a mulher alemães são os primeiros a perder sua consciência de nação. Eles estão perdidos na grande floresta e engolidos por ela. Meu marido gostou principalmente da colônia Neu-Württemberg. É uma verdadeira colônia-modelo. Está, no entanto, completamente colonizada e não tem mais lugares para novos imigrantes. Ele ficou muito entusiasmado com a cavalgada pelo Rio Grande do Sul, com os trechos intermináveis de floresta e com os grandes campos férteis. Ele encontrou a terra exatamente como tinha lido nas descrições dos animados relatores de viagem. Mas agora sabia, através da experiência própria, quanto trabalho custava preparar a terra para que esta pudesse alimentar alguma pessoa. Ficamos ainda mais dois dias na casa dos Zühlsdorfs, então o Pai nos levou de volta para casa outra vez. Encontramos tudo em perfeita ordem na nossa colônia. Só mais algumas semanas e poderíamos ir correndo para a velha pátria. Antes disso, nosso sucessor queria ir mais uma vez para casa, só depois mudar definitivamente. Ele voltou com o pai da Sra. Zühlsdorf. Estávamos sozinhos na floresta novamente. Meu marido trabalhava na roça apenas para passar o tempo.

Estava chegando a hora de meu parto. Apesar de ter o firme desejo de ficar forte, via com assombro este momento. Sem parteira, sem médico em caso de emergência; e ainda, além disso, era o meu primeiro filho! Ficava feliz em saber que ao menos a Sra. Zühlsdorf estava ao meu lado. Ela chegou oito dias antes, atendendo ao desejo de meu marido. Encorajava-me, pois ela mesma já tinha dado a luz a vários filhos na floresta.

selbst mehrere Kinder im Urwald geboren. Aber hatte ich nicht auf dem Friedhof in der alten Kolonie viele Gräber von jungen Frauen gesehen, die im Wochenbett gestorben waren? Gott hatte uns bisher geholfen, er würde uns weiter helfen, das war mein einziger Trost und meine Hoffnung.

Ich will von den schwesten Stunden nichts schreiben. Doch stelle sich eine Frau einmal vor Augen, was eine werdende Mutter zu leiden hat ohne jegliche Hilfe, nur auf sich selbst angewiesen. Sind auch die Nachbarfrauen hilfsbereit, aber wehe der armen Frau, wenn nicht alles natürlich zugeht. Ich machte nun selbst durch, was Hunderte von Frauen vor mir im Urwald hatten durchmachen müssen. Erlebte die Schreckenstage und Nächte einer Mutter in solchen Nöten, sah die Nachbarsfrauen weinend mich umstehen, sah meinen Mann mit verstörtem Gesicht umherirren - niemand konnte mir helfen. Am liebsten wär' ich gestorben. Daß ich überhaupt noch bin - es ist mir oft wie ein Wunder Gottes. Drei Tage und Nächte dem Wahnsinn nahe. Als ich endlich von meinen Oualen erlöst war, da war der Traum meines Mannes zerstört: eine kleine Kinderleiche lag neben mir, ein kleines Mädchen, erstickt in der Geburt.

Nur um meine Leidensgefährtninnen zu warnen, schreibe ich dieses nieder. Jede Frau, die in den Urwald zieht, soll auch hierin ganz klar sehen. Es sollte hinreichen, eine junge Frau vor dem Auswandern zurückzuschrecken. Als alles vorbei war und ich meinem Herrgot danken konnte, daß er mir mein Leben erhalten, sagte mir mein Mann, daß er den jungen Zühlsdorf mit seinem Wagen, bespannt mit seinen zwei Pferden des Nachbarn, zum Arzt geschickt hätte. Ich hatte keinen Arzt mehr nötig. Gottlob! Am folgenden Morgen kam der junge Zühlsdorf zurück, doch ohne den Arzt. Dieser menschenfreundliche Helfer, der sich Deutscher nannte, hatte seine Nachtruhe nicht opfern wollen. Auch war ihm der Weg zur neuen Kolonie zu weit gewesen, trotzdem er sich nur auf den Wagen hätte zu setzen brauchen.

Was ich jetzt nötig hatte, war Ruhe, um Kräfte zu sammeln für die Heimreise. Meine Freundin, Frau Zühlsdorf, blieb bei mir, so konnte ich es, denn

Mas já não vi no cemitério da velha colônia muitas sepulturas de jovens mulheres que morreram durante o puerpério? Se Deus nos ajudou até aqui, vai continuar nos ajudando, isto era meu único consolo e minha esperança. Não quero escrever sobre as horas mais difíceis. Mas imagine o quanto uma mulher, que vai se tornar mãe, tem que sofrer sem qualquer tipo de ajuda, dependendo apenas de si mesma! As vizinhas também são prestativas. Mas ah! Pobre mulher, se tudo não correr naturalmente!

Eu mesma estava experimentando o que centenas de mulheres antes de mim já passaram na floresta. Vivi os dias e noites de horror de uma mãe em dificuldades, vendo as vizinhas que estavam à minha volta chorando, meu marido com o rosto transtornado andando de lá pra cá – ninguém podia me ajudar! Teria preferido morrer! Se ainda estou aqui – para mim é um milagre de Deus! Três dias e três noites perto da loucura.

Quando, finalmente, acabou minha agonia, o sonho de meu marido fora destruído: um pequeno cadáver jazia ao meu lado, uma pequena menina que morrera asfixiada no parto. Descrevo este fato apenas para alertar minhas companheiras de sofrimento. Toda mulher que se muda para a floresta deve saber disto também, e de forma muito clara. Deve ser o suficiente para que uma jovem mulher desista da imigração. Quando tudo já havia passado, e pude agradecer ao meu Deus por ter mantido minha vida, meu marido disse-me que enviara o jovem Zühlsdorf ao médico na sua carroça atrelada a dois cavalos seus e dois do vizinho. Eu não precisava mais de médico. Graças a Deus! Na manhã seguinte, o jovem Zühlsdorf retornou, porém sem o médico. Este assistente e amigo das pessoas, que se denominava alemão, não quis sacrificar sua noite de sono. Para ele, também era muito longe o caminho para a nova colônia, embora precisasse apenas se sentar na carroça.

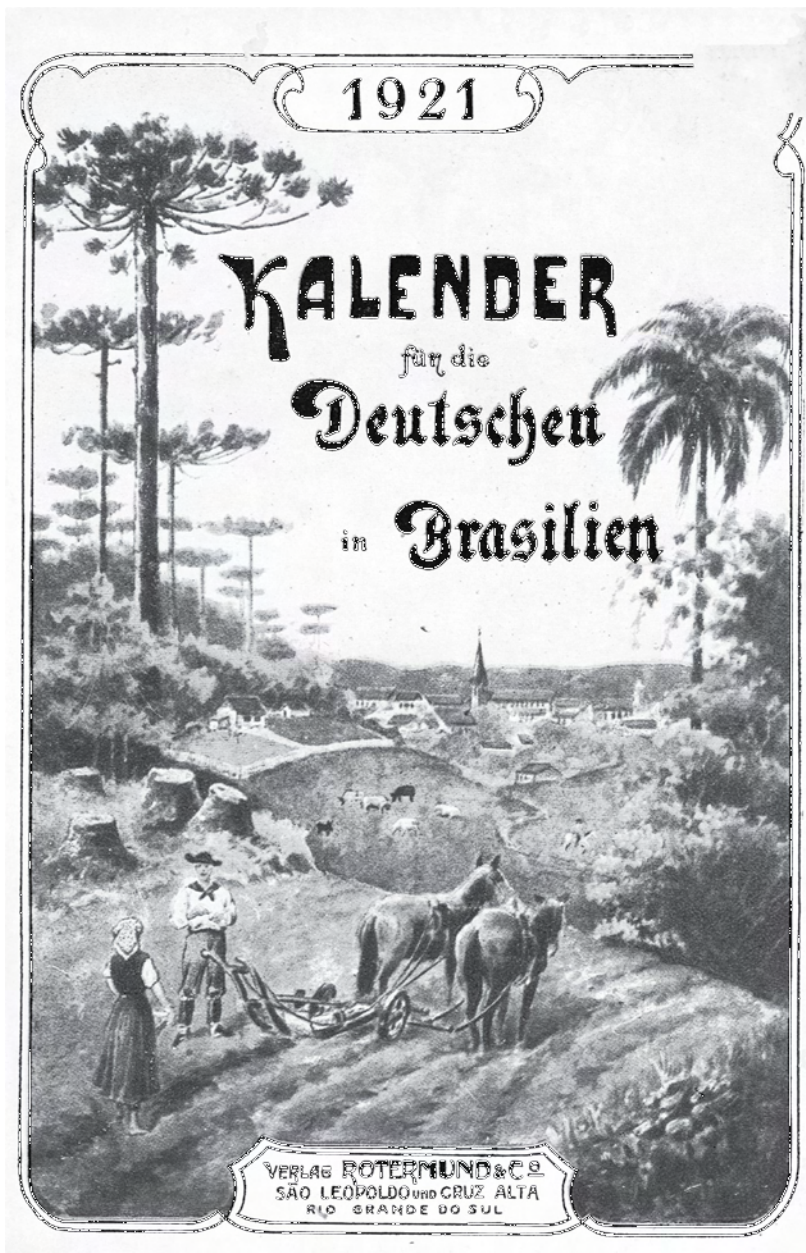
O que eu realmente precisava agora era de repouso para reunir

die sorgte für alles. Nach vierzehn Tagen verließ ich, gestützt auf meinen Mann, zum erstenmal das Zimmer, um im Garten etwas Luft zu schöpfen. Da vermißte ich sofort unsern schönen Weihnachtsbaum, die herrliche Edeltanne, die wir nach Weihnachten mitten in unserm Garten gepflanzt hatten. Ich fragte meiner Mann danach, und er sagte es mir.

Der Baum beschattete das kleine Grab im Urwald.

forças para a viagem de volta. Minha amiga, a Sra. Zühlsdorf, ficou na minha casa. Assim pude mesmo descansar, pois cuidava de tudo. Passados os catorze dias, deixei o quarto pela primeira vez, apoiando-me no meu marido para respirar um pouco de ar. Imediatamente senti falta da nossa árvore de natal, o esplêndido pinheiro que plantáramos no meio de nosso jardim depois do natal. Perguntei dele ao meu marido, que me disse:

- A árvore faz sombra à pequena sepultura na floresta.



LITERATURA DE EXPRESSÃO ALEMÃ NO BRASIL

**LITERATURA DE EXPRESSÃO ALEMÃ NO BRASIL:
TRANSTEXTUALIDADE E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM
TÄUSCHUNGEN DE WILHELM ROTERMUND***

Imgart Grützmann**

Evelise Kunzler***

INTRODUÇÃO

Entre a segunda metade do século XIX e a década de 1970, os almanaques (Kalender)¹ editados no Brasil em língua alemã,

* Esta comunicação apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa “Fora do cânone, dentro da cultura: relações transtextuais e a construção de identidades e diferenças na literatura de expressão alemã no Brasil em almanaques (1874-1941)”, coordenado pela profa. Dra. Imgart Grützmann, em desenvolvimento no Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Uma versão resumida de partes deste artigo foi apresentada como comunicação no VI SENALE – Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, realizado na UCPel em abril de 2010 e no Seminário Internacional Migrações: mobilidade social e espacial. XIX Simpósio de Imigração e Colonização, realizado na UNISINOS em setembro de 2010.

** Professora-pesquisadora do Centro de Letras e Comunicação da UFPel.

*** Aluna do Curso de Licenciatura Português-Inglês do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Bolsista PROBIC/FAPERGS.

¹ Um panorama dos almanaques em língua alemã publicados no Brasil encontra-se em ARNDT, Karl J. R.; OLSON, May E. *The German Language Press of the Americas. 1732-1968. History and Bibliography*. Pullach bei München: Verlag Dokumentation, 1973; FROTSCHER, Méri. *Almanaques e revistas publicados em alemão em Blumenau entre 1900 e 1965*. Blumenau em Cadernos, Blumenau, Tomo XLV, n. 07/08, p.96-113, julho/agosto 2004; GRÜTZMANN, Imgart. *Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: os almanaques em língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941)*. In: SIDEKUM, Antonio (org.). *Às sombras do carvalho*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p.177-254; GRÜTZMANN, Imgart. *Práticas de leitura no Paraná: os almanaques em língua alemã (1895-1934)*. *Martius-Staden Jahrbuch*, São Paulo, n.52, p.61-90, 2005; GRÜTZMANN, Imgart. *Almanaques em língua alemã em Santa Catarina (1864-1938): tipos, editores, objetivos. Dimensões*. *Revista de História da UFES*, Vitória, n.18, p.71-103, 2006.

publicações voltadas à informação, à formação e ao entretenimento e norteadas por ideários e objetivos específicos, direcionadas aos imigrantes alemães e seus descendentes, foram um dos meios de comunicação que divulgou a literatura de expressão alemã ou literatura em língua alemã (deutschsprachige Literatur) aqui produzida. Entre estes periódicos anuais encontram-se Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien, editado em Porto Alegre/RS para os anos de 1874 a 1918 e de 1921 a 1938, Der Familienfreund. Katholischer Hauskalender und Wegweiser, editado em Porto Alegre, para os anos de 1912 a 1918 e de 1920 a 1942, e Kalender der Serra-Post, publicado em Ijuí/RS para os anos de 1922 a 1941 e de 1948 a 1978. Por literatura de expressão alemã ou literatura em língua alemã no Brasil entende-se uma produção literária escrita em idioma alemão, de diversos gêneros e temáticas, e veiculada em almanaques, jornais, coletâneas, livros didáticos e volumes de autoria individual. Seu período de maior representatividade numérica ocorreu entre 1850 e 1941, havendo, contudo, produções nas décadas posteriores ao término da Segunda Guerra Mundial². Ao se adotar a denominação literatura de expressão alemã no Brasil, coloca-se o idioma em que estas produções foram escritas como critério de identificação, visando, assim, a um grau maior de isenção, já que termos como literatura de expressão alemã no exterior (deutschsprachige Literatur des Auslandes), literatura teuto-brasileira (teuto-brasilianische Literatur), literatura dos teutões (Teutonen-Literatur) ou literatura alemã-brasileira (deutsch-brasilianische Literatur) trazem consigo conotações ideológicas tributárias dos ideários norteadores das políticas de preservação

² Cf. FLEISCHER, Marion. A poesia alemã no Brasil. Tendências e situação atual. São Paulo: FFCL/USP, 1967; FLEISCHER, Marion. Elos e anelos: da literatura em língua alemã no Brasil. São Paulo: FFLCH/USP, 1981; SOUSA, Celeste Henriques Marques Ribeiro de. A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948 (temas). (Mestrado em Língua e Literatura Alemã), FFLCH/USP, São Paulo, 1979.

da germanidade³, colocadas em ação pelo Reino Alemão e por lideranças étnicas no sul do Brasil, que estiveram na ordem do dia entre o final do século XIX e o início da década de 1940.

Esta literatura foi escrita, em sua maior parte, por alemães e por pessoas originárias de localidades de fala alemã na Europa que, a partir de 1850, emigraram para o Brasil e aqui se radicaram em diversos locais, como foi o caso de Wilhelm Süffert (Friedberg/Alemanha, 1857; Porto Alegre/RS, 1942), Alfred Wiedemann (Dresden/Alemanha, 1867; Porto Alegre, 1920); Wolfgang Ammon (Neustadt-Eberswald/Alemanha, 1869; São Bento/SC, 1938), Erich Fausel (Reutling/Alemanha, 1904; São Leopoldo/RS, 1963), Dora Hamann (Berlim/Alemanha, 1889; São Paulo, 1976) e Luise Breslau-Hoff (Strassbourg/França, 1882; São Paulo, 1966), entre outros. Um segundo grupo, numericamente mais reduzido do que o primeiro, compõe-se de autores de origem alemã nascidos no Brasil, entre os quais figuram Ernest Niemeyer (Dona Francisca/Joinville/SC, 1863; Curitiba/PR, 1950), Karl Fouquet (Blumenau/SC, 1897; São Paulo, 1980) e Pe. Balduino Rambo, S.J. (Tupandi/RS, 1905; Porto Alegre, 1961). Entre os escritores há ainda alemães que vieram para o Brasil em virtude de seus compromissos profissionais e aqui permaneceram por um período, durante o qual escreveram e publicaram suas obras, mas posteriormente retornaram para a Alemanha. Este foi o caso de alguns escritores vinculados à Igreja Evangélica Alemã, entre eles Dr. Paul Aldinger (Heutingsheim-Ludwigsburg/Alemanha, 1869; Kleinbottwar/Alemanha, 1944) e Dr. Alfred Funke (Wellinghofen/Alemanha, 1869; Berlin/Alemanha, 1941).

Desta literatura de expressão alemã no Brasil também faz parte

³ Cf. SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: Fundação Catarinense, 1981; GERTZ, René E. O fascismo no Sul do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; GRÜTZMANN, Imgart. O carvalho entre palmeiras: representações e estratégias identitárias no germanismo. História-Unisinos, São Leopoldo, vol. 7, no. 8, p.115-169, 2003.

a produção literária de Wilhelm Rotermund, autor que juntamente com Karl von Koseritz (Dessau/Alemanha 1830; Porto Alegre, 1890), Carl Jansen (Köln/Alemanha, 1829; Rio de Janeiro, 1889) e Emil Schlabit (Wartenberg/Alemanha, 1842; Carasinho/RS, 1927), constitui o primeiro grupo de escritores que escreveram para e publicaram em almanaques destinados aos imigrantes e seus descendentes no Brasil.

WILHELM ROTERMUND, SUA PRODUÇÃO E O KALENDER FÜR DIE DEUTSCHEN IN BRASILIEN

Wilhelm Rotermund⁴ nasceu a 21 de novembro de 1843 em Stemmen, perto de Hannover, Alemanha, e faleceu em 5 de abril de 1925, na cidade de São Leopoldo/RS. Estudou teologia em Erlangen e Göttingen, doutorando-se na Universidade de Jena com a tese *Die Ethik Laotses mit besonderer Bezugnahme auf die budistische Moral*. Após trabalhar como professor particular em Kurland (hoje pertencente à Letônia), Rotermund prestou o exame teológico, passando a exercer o vicariato e a função de inspetor escolar na Província de Hannover. Em 1873, assumiu o cargo de secretário do Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil, dirigido pelo Dr. Friedrich Fabri, “uma instituição surgida no contexto

⁴ Os dados biográficos de Wilhelm Rotermund foram compilados a partir dos seguintes estudos: FAUSEL, Erich. Dr. Wilhelm Rotermund. Ein Kampf um Recht und Richtung des evangelischen Deutschtums in Südbrasilien. São Leopoldo: Verlag der Rio-grandenser Synode, 1936; GERTZ, René. O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.28-50; KREUTZ, Lúcio. Um pastor elaborando e imprimindo material didático: desvio de função? In: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL. Pelotas: Seiva, 2002. p.65-100; DREHER, Martin N. Igreja e germanidade. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003; NEUMANN, Gérson. Dr. Wilhelm Rotermund – Leben und Werk. Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, nr.57, p.65-79, 2010.

de um movimento de reavivamento das associações protestantes alemãs”⁵, “que tratava de conseguir obreiros e meios para manter o trabalho pastoral entre os imigrantes alemães luteranos no Rio Grande do Sul”⁶. Em 1874, a pedido de Fabri, Rotermund emigra para o Brasil com a finalidade de atuar como pastor evangélico em São Leopoldo/RS, localidade em que permaneceu até a sua morte e onde também exerceu as funções de escritor, jornalista, livreiro e editor.

Na função de pastor, Rotermund esteve à frente da comunidade evangélica de São Leopoldo de 1874 a 1918⁷. Nesta localidade também liderou a organização das comunidades evangélicas, trabalho esse que culminou, em 1886, com a fundação do Sínodo Rio-Grandense, o qual, à época, “era pouco mais que uma associação de comunidades que lutava por conseguir a confiança das comunidades”⁸, representando, contudo, sua fundação “uma certa institucionalização da atividade eclesiástica luterana no estado”⁹. Rotermund exerceu a presidência do Sínodo de 1886 a 1893 e de 1909 a 1919.

As atividades jornalísticas de Rotermund iniciaram em julho de 1875 quando, em São Leopoldo, assumiu a redação do jornal *Der Bote. Amtliches Blatt für St. Leopoldo und die Colonien*, atividade essa que encerrou em dezembro do mesmo ano. Em final de 1880, Rotermund criou e passou a editar dois periódicos: o jornal *Deutsche Post*¹⁰ e *Kalender für die*

⁵ GERTZ, op. cit., p.28.

⁶ DREHER, Martin N. A participação do imigrante na imprensa brasileira. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos J. (orgs.) Imigração & imprensa. Porto Alegre: EST, 2004, p.95.

⁷ Na bibliografia consultada há divergências quanto ao período de atuação de Rotermund. GERTZ, op. cit., p.33, estabelece o período de 1874 a 1921.

⁸ DREHER, op. cit., 2003, p.90.

⁹ GERTZ, op. cit., p.29.

¹⁰ Cf. DREHER, op. cit., 2004; FELDENS, Jorge A. Jornal Deutsche Post: sua história, seus propósitos. In: ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos A. (orgs.) História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã. São Leopoldo: Oikos, 2005. p.182-198.

Deutschen in Brasilien, para os quais escreveu diversas opções de leitura. Neste almanaque, que circulou nos anos de 1881 a 1918 e 1920 a 1941, Rotermund¹¹ publicou, já a partir do volume inicial, as suas produções literárias, que compreendem as narrativas *Täuschungen* (1881), *Wie einer durch einen Cipo festgehalten wurde* (1881), *Das Glück* (1882), *Die beiden Nachbarn. Bilder aus der Kolonie* (1883 e 1884), *Auf dem Campo. Erzählung* (1884), *O lieb, so lang du lieben kannst!* (1886 e 1890), „Schwabensreiche“ in Brasilien, (1891), *Der Schein trugt* (1897), *Brilhantine* (1897), *Skizzen aus Süd-Brasilien* (1931), *Reisebilder* (1938); e o poema *Die Frösche* (1884). Neste almanaque, também conhecido entre os leitores da época como *Rotermundkalender*, Wilhelm Rotermund ainda divulgou parte de suas produções não-literárias: *Zum Nachdenken* (1881), *Zwei brasilianische Sprichwörter* (1884), *Vorbereitung auf die Konfirmation* (1886), *Pastor Peters. Lebensbild eines evangelischen Pfarrers in Brasilien* (1887), *Für die Frauen. Ein Wort an die Männer* (1893) e *Eltern, aufgewacht* (1923). A maior parte destes escritos de Rotermund foi posteriormente reunida em formato de livro e publicada, a partir de 1917, pela Rotermund & Co., nos volumes 8, 15 e 24, sob o título de *Gesammelte Schriften*, da coletânea *Südamerikanische Literatur*.¹² Uma tradução para o português destas produções, efetuada por Martin Norberto Dreher, encontra-se em *Os dois vizinhos e outros textos*, livro publicado em 1997. Além destes escritos, há ainda a produção de Rotermund em jornais e livros didáticos.

Outra frente de trabalho aberta por Rotermund foi a organização e publicação de material didático e a comercialização de livros e outros suportes da palavra impressa. Esta atividade inicia em 1877, em

¹¹ A relação das obras de Rotermund publicadas no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* foi efetuada a partir de consulta aos volumes do mencionado almanaque.

¹² Cf. GRÜTZMANN, Imgart. Produção de livros em língua alemã no Rio Grande do Sul: a *Südamerikanische Literatur*. In: ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos A. (orgs.) *História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã*. São Leopoldo: Oikos, 2005. p.318-333.

São Leopoldo, com a criação da *Evangelische Buchhandlung*, a partir de 1889 denominada de *W. Rotermunds Buchhandlung*, passando a chamar-se, em 1915, Rotermund & Co.¹³ A criação da Livraria foi impulsionada, entre outras causas, pela carência que Wilhelm Rotermund vislumbrou no mercado editorial concernente à edição de livros didáticos para as escolas de língua alemã, cujos conteúdos em parte estivessem adaptados à realidade dos alunos no Brasil. Além disso, Rotermund “entendia que o processo escolar, com manuais escolares adequados, poderia ser uma privilegiada instância de ação pastoral”¹⁴. Em função disso, organizou e publicou, juntamente com Nack, já em 1878, a sua primeira cartilha – *Fibel für die deutsche Schule in Brasilien*, ainda impressa em Leipzig/Alemanha. Rotermund, nos anos vindouros, deu continuidade à organização e à edição de livros escolares, entre eles *Rechenfibel*, publicado em 1879, e *Lesebuch für Schule und Haus*, editado em 1891. Com o passar dos anos, Rotermund transformou o empreendimento em uma das principais editoras de material didático em língua alemã no Brasil¹⁵. A preocupação com o processo escolar entre os imigrantes e seus descendentes ainda levou Rotermund a fundar o Colégio Independência, que funcionou, em São Leopoldo, de 1880 a 1892.

Da autoria de Wilhelm Rotermund pretende-se, neste artigo, analisar a narrativa literária *Täuschungen*¹⁶, de cunho epistolar, publicada no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* para o ano de 1881. Nesta narrativa é tematizada a trajetória de Emma Wölbern Heldberg, descendente de

¹³ Cf. 60 ANOS-JAHRE. 1877-1937. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1937.

¹⁴ KREUTZ, op. cit., p.68.

¹⁵ A respeito dos livros organizados e editados por Rotermund e pela editora Rotermund & Co. cf. KREUTZ, op. cit.

¹⁶ ROTERMUND, Wilhelm. *Täuschungen. Kalender für die Deutschen in Brasilien*, São Leopoldo, p.1-29, 1881. No presente trabalho também se utiliza a tradução de *Täuschungen* [Ilusões] efetuada por Martin N. Dreher constante em ROTERMUND, Wilhelm. *Os dois vizinhos e outros textos*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: EST, 1997. p. 83-112.

abastados comerciantes de Berka/Turíngia, entre os anos de 1848 e 1869 no Brasil, e de seus familiares na Alemanha durante este mesmo período. Esta trajetória, marcada por uma sucessão de desilusões, desventuras e perdas, está contida nas cartas que Emma troca com sua família, as quais constituem o cerne de *Täuschungen*. Estas cartas são lidas por Ethmann, amigo de Petersen que casara com a sobrinha de Emma, em um restaurante na estação férrea durante o período que espera o trem para Hamburgo. Esta leitura está entremeada pelas observações de Ethmann acerca do conteúdo das cartas e pela audição de uma canção que os cantores da sociedade de canto, entre eles Petersen, ensaiam naquela noite perto do restaurante.

Nesta análise de *Täuschungen* privilegia-se a transtextualidade presente em sua tessitura. Para Gérard Genette, a transtextualidade consiste em “tudo o que coloca [o texto] em relação manifesta ou secreta, com outros textos”¹⁷, podendo ocorrer por meio de intertextos, paratextos, metatextos, hipertextos e arquitextos. No entanto, o estudo da narrativa de Rotermund não se restringe apenas ao levantamento formal da transtextualidade, mas também leva em conta os seguintes aspectos sublinhados por Tânia Carvalhal:

[...] sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. [...] toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa.¹⁸

A partir destas considerações objetiva-se evidenciar o papel exercido pela transtextualidade na construção e afirmação de uma identidade feminina por meio da linguagem literária para o público leitor do *Kalender*

¹⁷ GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982. p.7. “Tout ce qui le met en relation, manifeste ou secrète, avec d’autres textes.” A tradução desta fonte, bem como as demais em francês, foi efetuada por Imgart Grützmann.

¹⁸ CARVALHAL, Tânia. *Literatura Comparada*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1992. p.53-54.

für die Deutschen in Brasilien, especialmente para as leitoras de origem alemã e de confissão evangélica. Para tanto, a análise apóia-se na noção, proposta por Tomaz Tadeu da Silva, de que “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas [...] somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.”¹⁹ Para Silva, a produção da identidade e da diferença é resultado de “um processo de produção simbólica e discursiva”²⁰, o qual está intimamente ligado a relações de poder e a disputas “por outros recursos simbólicos e materiais na sociedade.”²¹ Com o intuito de elucidar os interesses subjacentes à identidade feminina construída por e afirmada em *Täuschungen*, torna-se necessário sublinhar as metas norteadoras de Wilhelm Rotermund na sua atuação e produção por ocasião da publicação desta narrativa literária, especialmente no que concerne ao suporte em que foi divulgada: o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*.

Um dos propósitos de Rotermund como pastor, redator e livreiro consistia “em primeira linha, edificar, fortalecer e defender os cristãos evangélicos no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul”²². Outra meta englobava “o fortalecimento e a preservação da germanidade”²³ deste grupo. Foi a partir destes objetivos que Rotermund idealizou o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, o qual, para Erich Fausel, “foi fundado em 1880, antes que o próprio jornal viesse a lume, com a determinada intenção de rebater o almanaque popular do Koseritz e de reconquistar o povo leitor das colônias para o espírito cristão”²⁴.

¹⁹ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.76.

²⁰ Idem, *ibid.* p.81.

²¹ Idem, *ibid.*

²² DREHER, op. cit., 2003, p.84.

²³ Idem, *ibid.*

²⁴ FAUSEL, op. cit., p. 48. “wurde 1880, noch ehe die eigene Zeitung da war, mit der bestimmten Absicht gegründet, den Volkskalender von Koseritz zurückzudrängen und

O *Koseritz' deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul*, editado pelo jornalista Karl von Koseritz era, desde 1874, um dos meios de comunicação responsável pela divulgação das idéias liberais, evolucionistas e anticlericais defendidas pelo criador deste almanaque entre os imigrantes alemães e seus descendentes. No que tange ao anticlericalismo, René Gertz salienta que

A pouca simpatia de Koseritz pelos jesuítas vai levá-lo a uma prolongada e nunca encerrada polêmica não só contra essa ordem religiosa, mas sim contra a igreja em geral, e a própria religião como tal. Nesse sentido o conflito com os católicos extrapola para um confronto também com os principais líderes da população luterana. Esse último confronto se dá em especial com o pastor Wilhelm Rotermund, com quem, no entanto, restabelece mais tarde uma convivência pacífica e até uma colaboração ²⁵.

Foi neste contexto de combate à atuação da Igreja em geral, de luta em torno de um espaço para a religião evangélica no Rio Grande do Sul e de fortalecimento da fé, dos valores cristãos e da germanidade dos imigrantes alemães e de seus descendentes que vieram a lume as narrativas literárias de Rotermund publicadas no *Kalender für die Deutschen in Brasilien, entre elas Täuschungen*. Trata-se, portanto, de produções literárias nascidas de “uma calamidade e necessidade”²⁶, já que Rotermund não exercera até então a atividade de escritor, e decorrentes “da dupla vontade, a qual configurou toda a vida e labuta de seu autor, a alemã e a cristã”²⁷. Ao se valer da literatura em almanaque para tais finalidades, Rotermund acredita na potencialidade da linguagem literária e da palavra impressa,

das lesende Volk auf den Kolonien so für christlichen Geist wiederzugewinnen“. A tradução desta fonte, bem como das demais em língua alemã, foi efetuada por Imgart Grützmann.

²⁵ GERTZ, René E. (org.) Karl von Koseritz: seleção de textos. Porto Alegre: EDIPU-CRS, 1999. p.8.

²⁶ FAUSEL, op. cit, p.49, „einer Notlage und Notwendigkeit“.

²⁷ Idem, *ibid*. “Aus dem doppelten Willen, der das ganze Leben und Schaffen ihres Verfassers gestaltet hat, aus dem deutschen und den christlichen”.

fazendo, a partir deste viés, destas duas categorias instâncias estratégicas para a formação e edificação dos leitores. Desta forma, conforme salienta Lúcio Kreutz, Rotermund retoma duas vertentes acerca da leitura, pois “como pastor luterano vinha da tradição agostiniana, onde se salientava a importância da leitura e da escrita. Segundo Lutero, todo cristão deveria ser alfabetizado para que pudesse ler a Escritura Sagrada. [...] A promoção da leitura, especialmente de teor religioso, foi característica marcante do luteranismo”²⁸.

TÄUSCHUNGEN, TRANSTEXTUALIDADE E IDENTIDADE FEMININA

Em *Täuschungen* uma das marcas da transtextualidade consiste na intertextualidade, definida como “uma relação de co-presença entre dois ou mais textos, quer dizer, [...] como a presença efetiva de um texto em outro texto”²⁹. Nesta narrativa um dos sinais da intertextualidade ocorre por meio da referência a textos bíblicos. Uma destas referências é feita por Emma: “perguntei-me, porém, se havia castigo suficientemente grande e pesado para uma filha que havia transgredido o quarto mandamento”³⁰. Este mandamento, oriundo do livro de Deuteronômio, institui a seguinte norma de conduta: “honra teu pai e tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá”³¹. Na visão cristã os pais são os representantes de Deus na terra, distinção especial por Ele

²⁸ KREUTZ, op.cit., p.67.

²⁹ GENETTE, op. cit., p.8. „Par une relation de coprésence entre deux ou plusieurs textes, c'est a dire, [...] par la présense effective d'un texte dans un autre.“

³⁰ ROTERMUND, op. cit., 1881, p.16. „Aber ich fragte mich, ob denn eine Strafe gross und schwer genug sei für eine Tochter, welche das vierte Gebot verletzt hat“; ROTERMUND, op. cit., 1997, p.99.

³¹ A BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica, do Brasil, 1993. p.70.

concedida, pois se trata do estado imediatamente inferior ao do divino e superior a todas as demais posições na terra. Honrar os pais significa, inicialmente, honrar, amar e reverenciar a majestade do Criador aí oculta. Seguir esse mandamento representa também acatar a vontade de Deus, portanto, a aceitação “de uma santa e divina palavra e ensinamento”³². Na visão de Lutero, a sujeição ao divino torna-se relevante porque “o que Deus ordena deve ser muito mais nobre que tudo quanto nós mesmos possamos excogitar”³³. O segundo aspecto decorrente da subordinação ao Senhor está relacionada com as consequências desse ato, pois, conforme ainda Lutero, “sabemos que tal agrada sobremodo à alta Majestade, bem como a todos os anjos, e que vexa a todos os demônios. E a mais isso é a maior obra que se pode fazer depois do sublime culto divino descrito nos mandamentos”³⁴. Nesta chave de interpretação, guardar e cumprir a Palavra não se restringe apenas a uma relação pessoal entre as esferas do divino e do humano, mas traz consigo repercussões no âmbito social, visto que “temos, além disso, perante o mundo o dever de mostrar-nos agradecidos pelo benefício e por todos os bens que dos pais recebemos”³⁵. Lutero, em sua exegese deste mandamento, assim sintetiza as bem-aventuranças na terra advindas do cumprimento da lei divina:

Aí tens, portanto, o fruto do prêmio: quem guardar o mandamento, haverá de ter bons dias, felicidade e prosperidade. Por outro lado, o castigo. Quem for desobediente, tanto mais cedo perecerá e nunca há de fruir a vida com alegria. Pois longevidade, segundo as Escrituras, não significa apenas chegar a macróbio, porém que se tenha tudo que pertence a uma vida longa, como, por exemplo, saúde, mulher e filhos, alimentação,

³² LUTERO, Martinho. Catecismo maior. In: LIVRO DE CONCÓRDIA. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1981. p.412.

³³ Idem, *ibid.*

³⁴ Idem, *ibid.*, p.414.

³⁵ Idem, *ibid.*

paz, bom governo, etc., coisas sem as quais esta vida não pode ser alegremente fruída, nem durar por tempo dilatado³⁶.

Assim, de acordo com esta visão, a quebra do quarto mandamento lança sobre seu infrator a maldição e a culpa porque a desobediência não seria apenas aos pais, mas acima de tudo a Deus, criador e instância última.

Em *Täuschungen*, o quarto mandamento não está presente apenas como referência, mas também como paráfrase, uma das modalidades de intertextualidade, que ocorre “quando a recuperação de um texto por outro se faz de maneira dócil, isto é, retomando seu processo de construção em seus efeitos de sentido”³⁷. Esta modalidade verifica-se na trajetória de Emma que encena as conseqüências negativas advindas da desobediência a este preceito divino, conforme quadro traçado por Lutero, infração essa que configura a vida da personagem do seguinte modo: “desde o instante em que deixei a casa paterna minha vida nada mais é que uma seqüência ininterrupta de desilusões”³⁸. Este percurso inicia quando Emma Wölbern, voluntariosa, rebelde e apaixonada, decide, em 1848, fugir de Berka, na Alemanha, durante a noite, em segredo com seu amado Ferdinand Heldberg, ocorrendo o casamento durante a viagem de navio para o Brasil. Ao tomar esta decisão, Emma desobedece à decisão dos pais, que se opunham ao romance pelo fato de o rapaz ser alcoólatra. Ao fugir na calada da noite, sem a permissão e bênção paternas, Emma infringe o quarto mandamento, razão pela qual se torna culpada perante Deus, sendo punida em sua trajetória por meio de uma série de desilusões e perdas, que conferem um

³⁶ Idem, *ibid.*, p.415.

³⁷ PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. *Intertextualidades: teoria e prática*. São Paulo: Formato, 2005. p.30.

³⁸ ROTERMUND, op. cit., 1881, p.25. “Von da an, als ich das Elternhaus verliess, ist mein Leben nichts anders als eine forlaufende Kette von Enttäuschungen gewesen“; ROTERMUND, op. cit., 1997, p.107.

rumo descendente a sua vida terrena. Este declínio tem sua continuidade logo após a sua chegada ao Brasil quando Emma se depara com os primeiros desapontamentos, visto que o marido não consegue uma colocação como marceneiro em Porto Alegre, razão pela qual ele volta a beber. Em função da falta de emprego, Emma e Ferdinand são obrigados a procurar outra forma de sobrevivência, momento também marcado por dificuldades ocasionadas pelo desconhecimento da língua, percalços e inquietações. Eles assumem, então, uma colônia, doada pelo governo brasileiro, em Dona Flora, distante três dias a cavalo de Porto Alegre. Durante o período em que permanecem na propriedade, Emma enfrenta uma série de obstáculos e decepções, percebendo também que as promessas de Ferdinand “de mudar completamente e tornar minha vida tão agradável quanto na casa paterna”³⁹ não se concretizam. As decepções se acentuam com a chegada ao lugar da moradia onde Emma se depara com um mundo estranho a uma mulher acostumada ao conforto e à vida urbana, pois não havia nada além de mata. Mesmo desapontada e triste, ela é obrigada a realizar tarefas que nunca antes efetuara, entre elas pegar em uma foice para eliminar emaranhados de cipós e taquaras, que lhe causaram bolhas e sangramentos, além de roupas esfarrapadas pelos espinhos, trabalhar na lavoura com a enxada e lidar com cavalos e vacas. Ainda que realize o duro trabalho braçal na propriedade, Emma não progride, sentindo-se desanimada e acovardada, pois não pode contar com o auxílio do marido. Enquanto Emma sozinha planta e colhe, Ferdinand permanece na venda onde bebe e joga cartas, razão pela qual ela não consegue ganhar o suficiente para o sustento do casal. Esta condição de miséria ainda se acentua pelo fato de Ferdinand ter adquirido uma série de apetrechos de caça dispendiosos e se distanciar cada vez mais do trabalho na propriedade. Além deste gasto junto ao vendeiro,

³⁹ Idem, *ibid.*, p.3. “Er versprach, sich völlig zu verbessern und mir das Leben so angenehm zu machen, wie im Elternhause”; Idem, *ibid.*, p.85.

há ainda as dívidas contraídas com a aquisição de utensílios e mantimentos por ocasião da instalação na colônia e o custeio da bebida de Ferdinand. A vida de Emma não é apenas miserável do ponto de vista econômico, mas também afetivo, especialmente com o marido, visto que o “o sonho há muito havia terminado”⁴⁰, estando marcada por tormentos, tristeza, vergonha e solidão. Ferdinand entrega-se cada vez mais ao vício da bebida, o que traz consigo constantes desentendimentos com a esposa, descuido em relação à criação do filho Ernst e descaso com a edificação de uma casa confortável e sólida. A somatória destes fatores faz com que a produção da colônia não seja suficiente para o pagamento das dívidas junto ao vendeiro, o qual ainda acrescenta juros exorbitantes ao montante devedor. Em razão disso, Ferdinand é obrigado a vender a propriedade ao vendeiro, restando-lhe apenas uma pequena soma em dinheiro vivo. De posse desta quantia, Ferdinand abandona Emma, a qual fica sem recursos e com o pequeno Ernst para criar. Sem lar ela é forçada a buscar outro lugar para morar. Com a ajuda financeira dos vizinhos, Emma dirige-se a Fortaleza, a meio caminho de Porto Alegre, onde encontra trabalho como lavadeira e engomadeira. Nesta fase de sua vida, ainda que Emma ganhe o necessário para si e seu filho, novas dificuldades se apresentam, visto que ela se depara com as condições de trabalho desfavoráveis, especialmente os pés descalços na água do rio, o acúmulo de roupa suja e a companhia desagradável das outras lavadeiras.

Uma nova etapa da trajetória de Emma principia quando ela encontra, em Porto Alegre, um antigo morador de Berka, que emigrara ao Brasil em busca de novas oportunidades, graças a uma carta que a personagem escrevera para a família na Alemanha. Trata-se do mestre alfaiate Röthert, o qual, comovido com a situação de Emma, oferece-lhe

⁴⁰ Idem, *ibid.*, p.11. “Der Traum war längst vorbei”; Idem, *ibid.*, p.93.

uma colocação como professora particular e de piano de seus filhos. Ela aceita a oferta de emprego e de moradia na casa da família Röthert. Nesta fase, a vida de Emma torna-se mais tranquila ao lado do filho, ocorrendo também a melhoria de sua situação financeira, pois consegue pagar suas dívidas e ainda poupar uma pequena quantia de dinheiro. Este tempo de calma é interrompido pelo retorno de Ferdinand, bêbado e desempregado, o que vai causar na vida de Emma uma sucessão de dissabores, humilhações e cenas violentas em função do fato de ela se recusar a dar dinheiro ao marido. Depois de dois meses ela recebe a visita de um cobrador que exige o pagamento das dívidas de comida e bebida contraídas por Ferdinand em um estabelecimento. A fim de evitar maiores aborrecimentos, Emma paga a dívida com suas economias. Depois de mais uma discussão, Ferdinand vai embora e, catorze dias depois, seu cadáver é encontrado nas águas perto de Pedras Brancas. Após enviuar, a vida de Emma gira em torno do trabalho e do filho, o qual, em 1868, vem a falecer de varíola. Emma não consegue se refazer desta perda e deste sofrimento, entregando-se a um torpor que a leva à morte em 12 de maio de 1869, finalizando, assim, a sua trajetória descendente.

As desilusões e perdas sofridas por Emma não se restringem apenas a sua vida no Brasil, mas também abarca a sua família em Berka entre 1848 e 1869, cujas consequências atingem profundamente os sentimentos da personagem, já que impedem o reencontro, o perdão e a reconciliação. A fuga de Emma causa em seu pai, Ernst Wölbern, profundo pesar e grande remorso que, por sua vez, geram um estado melancólico constante. Ernst evita a companhia das outras pessoas, perde o interesse pelo seu florescente negócio, que acaba vendendo em momento oportuno, e gasta seu tempo em busca de notícias acerca do paradeiro de Emma, busca essa que termina em constante frustração. Ainda que o noivado de Olga Wölbern com Otto Strassenfeld, comprador da loja, tenha trazido certa alegria a Ernst,

a sua tristeza pelo desaparecimento de Emma não cessa. À apatia habitual somam-se um resfriado e uma infecção cerebral que provocam a sua morte em 13 de março de 1850, justamente no dia em que Emma escreve a sua primeira carta para a família. Apesar das várias tentativas de Berta Wölbern de trazer a filha e o neto para Berka, chegando, inclusive, a enviar-lhe parte da herança para custear as despesas de viagem, Emma não consegue rever a mãe. Berta Wölbern adoece e falece em 1868. Cerca de dois meses depois morre a irmã Fanny, vitimada de febre nervosa aguda.

Assim, a trajetória descendente de Emma parafraseia os castigos advindos da infração do quarto mandamento, já que a personagem não desfruta de uma existência aprazível. Os seus dias são marcados por desilusões, remorsos, tormentos, angústias e sofrimentos, lamentando continuamente a decisão de ter abandonado a casa paterna na calada da noite. Emma também não alcança a felicidade na vida familiar, pois seu casamento é assinalado por enganos, desapontamentos, desavenças e humilhações. O relacionamento com a família em Berka, especialmente em relação aos pais, caracteriza-se por culpa, rompimento de laços e impossibilidade de alcançar perdão e reconciliação em vida. A infelicidade familiar ainda se manifesta por meio da morte prematura de Ernst, circunstância essa que finaliza a descendência de Emma. A própria personagem não alcança longevidade. Prosperidade é outro estado que Emma não atinge. Ao final de sua vida, o dinheiro em espécie que possui é suficiente apenas para custear as despesas médicas necessárias para si e para seu filho. Após o falecimento de Emma, seus pertences são leiloados, cuja soma cobre os gastos de seu funeral e o levantamento de sua sepultura e a de seu filho.

A *MÏSE EN ABYME* E A IDENTIDADE FEMININA

Esta idéia de que desobedecer aos pais e seguir o livre curso das paixões causa o infortúnio e a morte ainda fica explícito em outro intertexto presente em *Täuschungen*. Trata-se do poema *Tragödie*, de Heinrich Heine, publicado originalmente em 1844, na obra *Neue Gedichte*:

I

Entflieh mit mir und sei mein Weib,
Und ruh an meinem Herzen aus!
In weiter Ferne sei mein Herz
Dir Vaterland und Vaterhaus.

Foge comigo e sê minha mulher,
E descansa junto a meu coração!
Em região longínqua, meu coração
Te seja pátria e casa paterna.

Und fliehst Du nicht, so sterb ich hier
Und Du bist einsam und allein.
Und bleibst Du auch im Vaterhaus,

E se não fugires, morro aqui,
E estarás solitária e só.
E mesmo permanecendo em casa
paterna,
Sentir-te-ás como em terra estranha.

Wirst doch wie in der Fremde sein.

II

[...]

Es fiel ein Reif in der Frühlingsnacht,
Er fiel auf die bunten Blaublümelein,

Uma geadá caiu na noite primaveril,
Ela caiu sobre as coloridas florzinhas
azuis,

Sie sind verwelkt, verdorret.

Elas murcharam, queimaram.

Ein Jüngling hat ein Mädchen lieb,
Sie flohen heimlich vom Hause fort,
Es wusst' weder Vater noch Mutter.

Um jovem ama uma menina,
Fugiram em segredo de casa.
Nem pai nem mãe o sabiam.

Sie sind gewandert hin und her,
Sie haben gehabt weder Glück, noch Stern,
Sie sind gestorben - verdorben,

Migraram de cá para lá,
Não tiveram nem sorte, nem estrela.
Morreram – danaram-se.

III

Auf ihrem Grab, da steht eine Linde,
Drin pfeifen die Vögel und Abendwinde,

Sobre sua sepultura, há uma tília.
Nela, cantam os pássaros ao vento da
noite.

Und drunter sitzt, auf dem grünen Platz,

Sob ela, na verde grama, assenta-se

Der Müllersknecht mit seinem Schatz.	O empregado do moleiro com sua amada.
Die Winde weh'n so still und so schaurig,	Os ventos sopram tão silenciosa e tão terrivelmente,
Die Vögel singen so süß und so traurig.	Os pássaros cantam tão doce e tão tristemente.
Die schwatzenden Buhlen, sie werden stumm, Sie weinen und wissen selbst nicht warum. ⁴¹	Os namoradores loquazes, eles emudecem, Eles choram e nem sabem por quê. ⁴²

Este poema, retomado na forma de citação, constitui uma *míse en abyme*, definida por Lucien Dällenbach como o “redobramento especular, ‘à escala das personagens’, do ‘próprio sujeito’ duma narrativa.”⁴³ (Grifos do autor) Para Dällenbach, a *míse en abyme* pode ser classificada como uma citação de conteúdo ou um resumo intratextual, ou seja,

Enquanto condensa ou cita a matéria de uma narrativa, ela constitui um enunciado que se refere a outro enunciado – e, portanto, uma marca do código metalingüístico; enquanto parte integrante da ficção que resume, torna-se o instrumento dum regresso e dá origem, por conseqüência, a uma repetição interna.⁴⁴

Em sua condição de *míse en abyme*, o poema *Tragödie* condensa e repete o cerne da fábula⁴⁵ de *Täuschungen*, pois também apresenta um jovem casal apaixonado que foge, para longe, na calada da noite sem o consentimento e conhecimento dos pais. A moça deixa-se levar pela paixão e pelas promessas do amado, o qual lhe promete amor e amparo no estrangeiro.

⁴¹ ROTERMUND, op. cit., 1881, p.27-28. A versão contida em *Täuschungen* não apresenta um verso e, em algumas estrofes, há pequenas variações em relação ao poema de Heine disponível em <http://www.heinrich-heine.net/trag.htm>, acesso em 09/09/2010.

⁴² Tradução de Martin N. Dreher. In: ROTERMUND, op. cit., 1997, p.110-111.

⁴³ DÄLLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. In: INTERTEXTUALIDADES. Coimbra: Almedina, 1979. p.53.

⁴⁴ Idem, *ibid.*, p.54.

⁴⁵ TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). Teoria da literatura: formalistas russos. 4. ed.. Porto Alegre: Editora Globo, 1978. p.174.

O casal peregrina de um lado para o outro. As suas ilusões fenecem, estando este processo metaforizado nos versos que mencionam a geada que caiu em noite primaveril sobre as florzinhas azuis, as quais simbolizam os sonhos, a utopia, a perfeição e a busca pelo inefável e pelo absoluto. A flor azul se tornou no Romantismo alemão, a partir da obra *Heinrich von Opferdingen*, de Novalis, o cerne de uma visão intuitiva do mundo e da nostalgia romântica por excelência.⁴⁶ A trajetória do casal no poema também traz como marca a peregrinação, o infortúnio, a infelicidade e a morte. Tanto em *Tragödie* quanto em *Täuschungen* está presente a árvore que cresce na sepultura, ainda que Ferdinand e Emma não estejam sepultados juntos. No poema de Heine trata-se de uma tília. Na narrativa de Rotermund, um salgueiro e uma palmeira enfeitam o túmulo de Emma e de seu filho. Em *Tragödie* uma tília derrama sombra sobre o túmulo do casal. Em *Täuschungen* as duas sepulturas encontram-se à sombra de um salgueiro.

Ao condensar e repetir a fábula de *Täuschungen*, o poema de Heine exerce as funções atribuídas à *mîse en abyme*: “a aptidão para dotar a obra de uma estrutura forte, de lhe assegurar melhor a significação”⁴⁷ e de “amplificar maciçamente a redundância da obra”⁴⁸. Deste modo, *Tragödie* reforça e amplifica a mensagem de *Täuschungen* de que se abandonar às paixões, fugir da casa paterna e buscar no estrangeiro uma nova vida não é um caminho pautado pela felicidade, mas pelo erro, pelo padecimento, pela errância, transitoriedade, desilusão e morte. Este teor também fica evidente nos paratextos⁴⁹ das duas produções, ou seja, seus títulos: *Täuschungen* e *Tragödie*, que remetem ao engano e ao sofrimento.

⁴⁶ DAEMMRICH, Horst; DAEMMRICH, Ingrid. *Blaue Blume*. In: DAEMMRICH, Horst; DAEMMRICH, Ingrid. *Themen und Motive in der Literatur*. Tübingen; Basel: Francke, 1995. p.76.

⁴⁷ DÄLLENBACH, op. cit., p.54.

⁴⁸ Idem, *ibid.*, p.55.

⁴⁹ GENETTE, op. cit., p.9.

Dotar a obra de uma estrutura forte, assegurar a sua significação e amplificar seu significado por meio da *mîse en abyme* ainda podem ser verificados pela sua colocação na estrutura de *Täuschungen* e pelo seu tipo.

No que tange ao efeito de distribuição, *Täuschungen* integra a *mîse en abyme* “dividindo-a, de modo que alterne com a narrativa que a engasta”⁵⁰, encontrando-se alguns versos de *Tragödie* diluídos ao longo da narrativa, geralmente situados ao final de cartas trocadas entre Emma e seus familiares e entre os comentários do narrador acerca do narrado. O poema ainda é retomado em sua íntegra após o término da leitura das cartas por Ethmann, estando intercalado entre as considerações do narrador. Os versos citados correspondem aos trechos do poema, musicado por Mendelssohn, cantado pelos cantores da sociedade de canto, entre eles Petersen, durante o tempo que Ethmann lê as cartas e espera pelo trem com destino a Hamburgo.

Em virtude de sua colocação na estrutura de *Täuschungen*, a *mîse en abyme* é de natureza retrospectiva, ou seja, “reflete a história descobrindo os acontecimentos anteriores e os acontecimentos posteriores ao seu ponto de ancoragem na narrativa”⁵¹ e estabelece uma “coexistência da profecia e da recordação”⁵².

A manifestação inicial da *mîse en abyme* é visível entre os comentários do narrador, situados após a leitura da primeira carta de Emma, endereçada aos pais em Berka, na qual ela narra as promessas de felicidade e de carinho feitas por Ferdinand, a fuga da casa paterna, a travessia de barco para o Brasil, os sonhos acalentados e os primeiros obstáculos e problemas enfrentados pelo casal. Trata-se da citação do verso “caiu geada na noite primaveril!”⁵³, que, assim posicionado, recapitula as primeiras desilusões

⁵⁰ DÄLLENBACH, op. cit., p.59.

⁵¹ Idem, *ibid.*, p.60.

⁵² Idem, *ibid.*, p.65.

⁵³ ROTERMUND, op. cit., 1881, p.4; ROTERMUND, op. cit., 1997, p.86.

sofridas pelo casal, narradas na missiva, e prefigura outro padecimento que Emma enfrentará, relatado na carta seguinte. Nela, Berta Wölbern comunica à filha o falecimento de seu pai, Ernst Wölbern, em decorrência da dor causada pela fuga de Emma e pelo desconhecimento de seu paradeiro. Este verso é repetido pelo narrador e complementado pelas suas observações:

Caiu geada na noite primaveril! Minhas ideias ficaram mais claras. Vi amável criança primaveril; em seus olhos havia brilho de sol e sobre seu rosto o vento sul soprava seus ares frescos, cheirosos. Aí veio uma geada noturna, tão desastrosa para muitos botões.⁵⁴

Nestas observações tecidas pelo narrador se evidencia outra marca da transtextualidade em *Täuschungen*: a metatextualidade, definida por Genette como “a relação, chamada usualmente de ‘comentário’, que une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo (convocá-lo)”(grifo do autor)⁵⁵. Nestes comentários Ethmann gera um resumo que condensa e repete a trajetória de Emma narrada nas cartas até aquele momento e o intertexto oriundo de *Tragödie*, reforçando, assim, parte da fábula de *Täuschungen* por meio da paráfrase e amplificando, pelas repetições, o sentido a ser apreendido pelos leitores.

A estrofe “um jovem amava uma menina,/ às escondidas fugiram de casa,/ nem o pai nem mãe o sabiam”⁵⁶ encontra-se citada após a segunda carta, escrita pela mãe de Emma. Nela, Bertha Wölbern menciona a fuga

⁵⁴ Idem, *ibid.* «Es fiel ein Reif in der Frühlingsnacht! Meine Gedanken wurden klarer. Ich sah ein liebes Frühlingskind; in seinem Auge lag Sonnenschein und über das Angesicht hauchte der Süd seine linden, duftigen Lüfte. Da kam einer der für vielen Knospen so verhängnisvollen Nachfröste»; Idem, *ibid.*

⁵⁵ GENETTE, *op. cit.*, p.10. „La relation, on dit plus couramment de ‘commentaire’, que unit un texte à un autre texte dont il parle, sans nécessairement le citer (le convoquer)».

⁵⁶ ROTERMUND, *op. cit.*, 1881, p.6. “Ein Jüngling hatte ein Mädchen lieb,/sie flohen heimlich vom Hause fort./es wusste weder Vater noch Mutter!” Estes versos apresentam algumas discrepâncias em relação ao poema citado ao final de *Täuschungen*; ROTERMUND, *op. cit.*, 1997, p.88.

do jovem casal e detalha a repercussão desta ação na família, notadamente a venda da casa de comércio e o falecimento do pai de Emma. A mencionada estrofe não apenas recapitula parte do teor da carta de Bertha Wölbern, mas também reproduz parte da trajetória de Emma e Ferdinand até aquele momento.

O verso “eles morreram, danados!”⁵⁷ é citado ao final da quarta carta, redigida por Bertha Wölbern, que está acompanhada da quinta carta, escrita por Fanny, irmã de Emma. O verso antecipa o tom sombrio e desesperador da sexta carta, que Emma escreve para sua mãe com o propósito de lhe colocar a par de sua verdadeira situação de miséria interior e exterior no Brasil, destacando a morte das promessas e das ilusões do casal.

Entre as considerações do narrador acerca de seu interesse pela trajetória de Emma, situadas ao final da oitava carta, redigida pela personagem e endereçada a sua mãe, encontra-se citado o verso “sobre sua sepultura há uma tília”⁵⁸, que antecipa o conteúdo da nona carta disponibilizada aos leitores. Trata-se da missiva de Emma para sua mãe, na qual conta os sofrimentos pelos quais passou, em Porto Alegre, desde a volta de Ferdinand, e a morte do marido em circunstâncias nebulosas. Ao final desta carta está posicionado o verso “os ventos sopram tão silenciosos e terríveis”⁵⁹, que reitera o padecimento de Emma e também prenuncia o tom triste da décima carta, escrita por Olga Wölbern Strassenfeld, na qual a irmã narra a doença e a morte da mãe e de Fanny.

Na décima primeira carta, destinada a Olga, mas inacabada, Emma confessa que sua vida foi uma desilusão constante, acredita no perdão dos seus pecados e teme pela vida de seu filho adoentado. Ao seu final, entre os questionamentos do narrador referentes às possíveis causas

⁵⁷ Idem, *ibid.*, p.10; idem, *ibid.*, p.93.

⁵⁸ Idem, *ibid.*, p.20; idem, *ibid.*, p.103.

⁵⁹ Idem, *ibid.*, p.23. “Die Winde weh’n so still und schaurig”; idem, *ibid.*, p.106.

da interrupção da correspondência, encontram-se os versos “os namorados loquazes, eles emudecem, eles choram e nem sabem por quê?”⁶⁰ A citação, colocada em forma de pergunta pelo narrador, reforça o mistério da carta inconclusa de Emma e prefigura os acontecimentos da derradeira missiva. Nela, Röthert comunica a Olga a morte de Ernst, vítima de varíola, os últimos meses de vida de Emma, seu falecimento e sepultamento, fazendo referência também às providências que ele tomou em relação aos pertences da falecida, ao levantamento de seu túmulo e de seu filho.

Após o término da leitura desta última carta, o narrador, como de praxe, expressa suas observações e suas sensações acerca dos acontecimentos narrados, os quais estão entremeados pela citação das estrofes do poema *Tragödie*, que correspondem aos versos cantados pelos cantores da sociedade de canto. As primeiras duas estrofes do poema, colocadas após o término da leitura das cartas por Ethmann, referem-se ao desejo do casal de amantes de fugir para um país distante e às promessas do rapaz à amada, recordando, assim, novamente para os leitores o início da trajetória de Emma e Ferdinand narrada nas cartas. A esta dupla recordação é acrescido o metatexto do narrador, na forma de um resumo, que novamente retoma o narrado:

Quão cativamente doce soava o hino! Há cerca de vinte anos os dois estavam sob o caramanchão escuro e quebravam a cabeça e o coração por causa da palavra do pai: não! E novamente encontravam-se ali, e ele apontava para o país distante e ensolarado, auxílio em dores de amor. Quão cativamente doce soava! O amor quer possuir, e ela o ama tanto!⁶¹

⁶⁰ Idem, *ibid.*, p. 25. “Die schwatzenden Buhlen, sie werden stumm, sie weinen und wissen selbst nicht warum?”; idem, *ibid.*, p.108.

⁶¹ ROTERMUND, *op. cit.*, 1881, p.27. “Wie süß bestrickend das Lied klang! Vor etwa zwanzig Jahren standen sie beide in der dunklen Laube und zerbrachen sich Kopf und Herz an dem Worte des Vaters: Nein! Und wieder standen sie da, und er zeigte in der Ferne das sonnige Land, Hülfe in dem Liebesleid. Wie süßbestickend das klang! Die Liebe will besitzen, und sie hat ihn ja so lieb!”; ROTERMUND, *op. cit.*, 1997, p.110.

As três estrofes seguintes do poema aludem aos sofrimentos e desilusões do jovem casal, a sua fuga em segredo da casa paterna, a sua vida peregrina, ao seu falecimento e a sua danação. Estes versos reiteram o destino de Emma e Ferdinand narrado nas cartas, o qual é novamente ativado pelo metatexto produzido pelo narrador:

Uma vez mais, as imagens descritas nas cartas passaram ante meus olhos. O medo da mulher no mar, seu trabalho na lavoura, nova humilhação como lavadeira, nova desilusão em Porto Alegre. Também o homem estava ante meus olhos em suas andanças enganosas, caindo de degrau em degrau, até as vagas o libertarem do sofrimento da indignidade.⁶²

Após este resumo encontram-se citadas as duas últimas estrofes de *Tragödie*, que falam da tília sobre a sepultura dos amantes, na qual os pássaros cantam ao vento da noite e sob a qual um casal de namorados se assenta, e dos ventos que sopram taciturnamente e do par apaixonado que chora sem saber a razão. Este verso final, que sinaliza a tristeza e o sofrimento do casal, alude a uma nova história de desilusões, desencadeando novamente a *mise en abyme*. Estas estrofes do poema ainda recapitulam as peculiaridades do túmulo de Emma e de Ernst: a presença de uma árvore frondosa, no caso um salgueiro, que derrama sua sombra sobre as duas sepulturas. Esta característica mencionada na carta de Röthert é novamente retomada por um metatexto do narrador, no qual também ocorre a alusão ao sussurrar do vento em *Tragödie*, estando este resumo ainda a serviço da difusão da mensagem cristã de que se deve crer em Deus, apesar das vicissitudes da vida:

⁶² Idem, *ibid.*, p.27-28. „Noch einmal gingen die in den Briefen entrollten Bilder vor mir vorüber. Die Angst des Weibes auf dem Meere, ihre Arbeit in der Plantage, neue Demüthigung als Waschfrau, neue Täuschungen in Porto Alegre. Auch der Mann stand vor mir in seinen Irrfahrten, von Stufe zu Stufe tiefer sinkend, bis die Fluten ihn von der Qual der Nichtswürdigkeit befreien.“; idem., *ibid.*, p.111.

E mais uma vez, meus pensamentos se detiveram junto às duas cruzes e, entre elas, uma palmeira. O pobre coração foi traído em muita esperança, mas junto a sua sepultura está o sinal de sua firme esperança cristã. Fugiu da casa dos pais, mas foi encontrada por Deus e, por isso, levada para casa; assim me parecia possível interpretar o sussurrar das palmeiras.⁶³

Em *Täuschungen* o tipo de *mise en abyme* e seu posicionamento ao longo da narrativa instauram um jogo de espelhos que traz à tona e recapitula os acontecimentos já narrados nas cartas até o ponto em que o intertexto encontra-se posicionado, prefigura os desdobramentos e desenlaces da trajetória de Emma e de sua família e repete, por meio da retomada integral do poema de Heine, todo o cerne da história narrada. Assim, este recurso intertextual não apenas adensa a fábula de *Täuschungen*, mas também aciona, em diferentes momentos, uma repetição interna que ativa a memória dos leitores acerca do lido, que dota a narrativa de uma coesão ao reforçar pontos de referência para a leitura e que amplifica o significado da obra pelo redobramento do narrado, efeito esse ainda potencializado pelos metatextos do narrador em sua condição de paráfrase.

Em *Täuschungen* ainda se observa a presença de outra modalidade de transtextualidade que foi mobilizada para direcionar a leitura, para dotar o texto de uma estrutura forte e para assegurar o seu significado: a arquitextualidade, isto é, “o conjunto das categorias gerais ou transcendentais – tipos de discursos, modos de enunciação, gêneros literários, etc. – de que depende cada texto singular”⁶⁴.

⁶³ Idem, *ibid.*, p.28. «Und wieder weilten meine Gedanken bei den beiden Kreuzen und mitten dazwischen eine Palme. Das arme Herz ist um manche Hoffnung betrogen, aber an ihrem Grabe steht das Zeichen ihrer festen Christenhoffnung. Den Eltern entflohen aber von Gott gefunden und darum heimgekommen; so konnte ich ja wohl das Rauschen der Palmen deuten»; idem, *ibid.*, p.211.

⁶⁴ GENETTE, *op. cit.*, p.7. “L’ensemble des catégories générales, ou transcendantales – types de discours, modes d’énonciations, genres littéraires, etc. – dont relève chaque texte singulier”.

O GÊNERO EPISTOLAR E A IDENTIDADE FEMININA

Em *Täuschungen*, a arquitextualidade manifesta-se por meio do diálogo que a narrativa estabelece com o gênero epistolar. Inicialmente esta relação se dá com o romance epistolar caracterizado por Wolfgang Jeske⁶⁵ como uma forma literária composta unicamente ou em sua maior parte de cartas, geralmente acompanhadas por um editor fictício que se apresenta, na maioria das vezes, em uma introdução ou posfácio. Desta forma, *Täuschungen* relaciona-se com um conjunto de produções literárias, que começou a se consolidar no século XVIII, do qual fazem parte obras como Pamela (1740), de Samuel Richardson, *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang von Goethe e *Relações perigosas* (1782), de Choderlos de Laclos⁶⁶.

Em *Täuschungen*, as características do romance epistolar se verificam pela presença de uma série de cartas, perfazendo um total de 12 missivas disponibilizadas aos leitores, escritas por Emma, sua mãe Berta, pelas suas irmãs Fanny e Olga e por seu amigo Röthert, nas quais é narrada a trajetória de Emma e de sua família entre os anos de 1848 e 1869.

Além das cartas, cerne de *Täuschungen*, a narrativa de Rotermund também apresenta outra especificidade do romance epistolar: a figura do editor, o qual, segundo Jeske⁶⁷, tem a função de autenticar as cartas fictícias no romance e de editá-las como verdadeiras, dar a conhecer a origem da correspondência e o modo como teve acesso a ela, questões essas geralmente comunicadas aos leitores por meio de um prefácio ou posfácio.

⁶⁵ JESKE, Wolfgang. Der Briefroman. In: KNÖRRICH, Otto. Formen der Literatur: in Einzeldarstellungen. 2. Auflage. Stuttgart: Kröner, 1991. p.49.

⁶⁶ Idem, *ibid.*, p.51; NICKISCH, Reinhard M. G. Brief. Stuttgart: Metzler, 1991. p. 186-188.

⁶⁷ JESKE, op. cit., p.52.

Em *Täuschungen*, Ethmann desempenha o papel do editor, cuja presença é visível em uma espécie de moldura que abre a narrativa e nos comentários que tece acerca do conteúdo das cartas lidas, os quais estão intercalados entre as missivas. Esta moldura, na qual também narra as condições em que teve acesso à correspondência trocada entre Emma e sua família, abarca um eixo temporal de cerca de oito horas, iniciando às 15 horas quando Ethmann chega ao gabinete de seu amigo Petersen até seu embarque no trem das 23 horas com destino a Hamburgo. Os acontecimentos que integram este eixo temporal são narrados por um narrador homodiegético, no caso Ethmann, e ocorrem em um tempo posterior aos acontecimentos relatados nas cartas. Nesta espécie de moldura, Ethmann em viagem para Hamburgo, onde pretende passar o Natal com a família, decide fazer uma parada em Celle e visitar seu amigo Petersen que havia recentemente casado e exercia a função de juiz na cidade. Ao chegar ao gabinete de Petersen, Ethmann encontra-o absorto na leitura de cartas que são parte da história da família de sua mulher, visto que Petersen casara com a filha de Olga Wölbern Strassenfeld, irmã de Emma Wölbern, protagonista de *Täuschungen*. Para não deixar de tomar chá em sua casa, Petersen sugere ao amigo que retarde a sua volta para Hamburgo e fique no restaurante da estação férrea lendo as cartas, enquanto ele participa do ensaio da sociedade de canto localizada perto da estação. Durante o tempo de espera pelo amigo Ethmann lê as cartas que Emma Wölbern Heldberg e sua família trocaram ao longo dos anos. Nesta leitura, Ethmann entra em contato com um segundo eixo temporal, que engloba o tempo em que os acontecimentos, descritos nas cartas, transcorreram, o qual perfaz em torno de 21 anos. Na carta de março de 1850, primeira notícia de Emma aos pais, já passara dois anos da fuga do casal. Maio de 1869 é a data da última missiva, na qual Röthert comunica a Olga Strassenfeld o falecimento de sua irmã em

Porto Alegre, estando acompanhada dos atestados de óbito de Emma e de seu filho Ernst. A leitura desta correspondência está entremeada pelas observações de Ethmann acerca do conteúdo das cartas e pela audição do poema *Tragödie*, de Heinrich Heine, musicado por Mendelssohn, que os cantores da sociedade de canto, entre eles Petersen, ensaiam naquela noite. A moldura se fecha ao final da narrativa quando Petersen entrega o maço de cartas a Ethmann, pedindo-lhe que as publique, tarefa a que o narrador vai dedicar as suas férias natalinas.

Outra característica do romance epistolar, conforme assinala Jeske⁶⁸, consiste nas intervenções do editor em forma de observações, notas de rodapé ou similares com a finalidade de emitir esclarecimentos, referências ou comentários acerca das cartas. Em *Täuschungen* esta especificidade concretiza-se nos comentários de Ethmann referentes às cartas que disponibiliza aos leitores, os quais se centram nos sentimentos nele despertados pelos acontecimentos narrados e reduplicam, em vários momentos, na condição de metatextos, partes da trajetória de Emma e Ferdinand e do casal de *Tragödie*, conforme anteriormente mencionados. Os comentários do editor também assumem na narrativa de Rotermund a feição de resumo. Entre a oitava carta, datada de dois de novembro de 1852, escrita por Emma e endereçada a sua mãe, e a nona carta, com data de 10 de abril de 1868, de mesma autoria e destinatário, há o seguinte resumo do editor, que condensa várias cartas não disponibilizadas aos leitores:

A correspondência que se seguiu pouco continha que pudesse ser de importância para o decorrer de nossa narrativa. No mais, as observações da filha a respeito do preparo das refeições, de usos e costumes do país, bem como a queixa a respeito da falta de cultura na sociedade da cidade eram bastante cativantes. Sua carta expressava contentamento. – As cartas das irmãs expressavam leve indisposição da mãe e faziam relatos sobre

⁶⁸ Idem, *ibid.*

novidades que só podiam despertar o interesse daqueles que estavam familiarizados com as situações.⁶⁹

A presença de um editor ou de um autor-transcritor⁷⁰ em *Täuschungen* não estabelece apenas uma relação arquiteitual com o romance epistolar, mas também com uma tradição literária, a qual, segundo observa Oscar Tacca,

compreende uma variada gama de relatos, que se poderiam ordenar em correspondência com uma dupla coordenada: desde a forma epistolar dos romances, até àqueles em que o autor se apresenta como mero ‘editor’ de uns papéis (encontrados num desvão, numa hospedaria, numa farmácia); e desde os que (sem participação do intermediário) apenas foram objecto de cópia fiel e cuidadosa, até aos que (admitindo uma certa participação) forma ‘traduzidos’, ‘compostos’ ou ‘reescritos’ pelo transcritor”. (Grifos do autor)⁷¹

Integra esta tradição, na qual se verifica a utilização do recurso do autor-transcritor, obras literárias como *Dom Quixote* (1605), de Miguel de Cervantes, *Manuscrito encontrado em Saragoça* (1805), de Jean Potocki e *O Guarani* (1857), de José de Alencar, entre outras.

A presença do editor ou do autor-transcritor no romance epistolar e nas demais produções literárias traz consigo a busca de dois objetivos a serem alcançados junto aos leitores. Para Oscar Tacca,

O recurso corresponde, desde os seus começos, a uma dupla

⁶⁹ ROTERMUND, op. cit., 1881, p. 20-21. “Der jetzt folgende Briefwechsel enthielt wenig, was für den Verlauf unserer Erzählungen von Belang ist. Im Uebringen waren die Bemerkungen der Tochter über die Zubereitung des Essens, über Sitten und Gebräuche des Landes, sowie ihre Klagen über den Mangel an gesellschaftlicher Bildung in der Stadt, recht fesselnd. Aus ihrem Briefe sprach Zufriedenheit. – Die Breife der Schwestern meldeten eine leichte Unpässlichkeit der Mutter und ergingen sich dann in Mittheilungen von Neuigkeiten, welche nur dem mit den Verhältnissen Bekannten Interesse erwecken konnte.”; ROTERMUND, op. cit., 1997, p.103.

⁷⁰ TACCA, Oscar. As vozes do romance. Coimbra: Almedina, 1983. p.38.

⁷¹ Idem, *ibid.* p.38-39.

procura de *objetividade* (a) e de *verossimilhança* (b) [...] o primeiro conceito aponta para a *imparcialidade* do autor. O segundo para a credibilidade daquilo que é narrado. Por ambas as vias o romance pretende caucionar a 'história'. Pela primeira, subtraindo a figura do rapsodo, do inventor, do enganador (como diria Borges). Pela segunda, acumulando provas e indícios da *realidade* do documento. (grifos do autor)⁷²

Em *Täuschungen* a busca pelo caráter imparcial, objetivo e documental fica evidente nas considerações finais da narrativa:

“Não terias prazer”, continuou, “em transformar toda essa história em romance?” “Nada seria mais fácil”, foi minha resposta. “Mas pensa: eu não conseguiria descrever as paisagens do Brasil, pois lá não estive, e, além disso, com a livre manipulação, diminuir-se-ia a impressão causada pelas cartas, porque se haveria de duvidar da verdade histórica da narração. O melhor seria imprimir simplesmente as cartas.” “Se é assim. Aqui as tens. Só modifica os nomes!” Peguei o pacote. Após meia hora, estava viajando em direção a minha querência. O leitor pode constatar nestas folhas a que dediquei minhas férias de natal. (Grifos do tradutor)⁷³.

Por meio do recurso romanesco do editor, o autor de *Täuschungen* despersonaliza sua autoria e o caráter ficcional da narrativa, pois está apenas disponibilizando ao público leitor uma história, encontrada em cartas, que se pretende verdadeira. O editor se apresenta isento de qualquer envolvimento, já que está distanciado geográfica, temporal e afetivamente dos acontecimentos narrados na correspondência. Assim,

⁷² Idem, *ibid.* p.39.

⁷³ ROTERMUND, op. cit, 1881, p28-29. «Würde es Dir nicht Vergnügen machen, fuhr er fort. Diese ganze Geschichte zu einem Roman zu verarbeiten? Nichts würde leichter sein, als das, war meine Antwort. Aber bedenk: Schilderungen der Scenerieen in Brasilien würden mir nicht gelingen, da ich nicht dort war, und ausserdem würde durch eine freie Bearbeitung der Eindruck beeinträchtigt werden, welchen diese Briefe hervorrufen, weil man an der geschichtlichen Wahrheit der Erzählungen zweifeln würde. Besser würde es sein, die Briefe einfach abdrucken zu lassen. Wenn Du meinst. Hier sind sie! Nur ändere die Namen! Ich nahm das Packet. Nach einer halben Stunde rollte ich der Heimat zu. Wozu ich die Weihnachtsferien benutzt habe, sieht der Leser aus diesen Blättern»; ROTERMUND, op. cit., 1997, p.112.

este recurso não visa apenas a assegurar a objetividade e a credibilidade do narrado e inspirar a confiança, mas também dotar a narrativa de um caráter exemplar e modelar para que atue como estratégia de admoestação e de formação para os leitores e, principalmente para as leitoras, no sentido de que não cometam os mesmos erros de Emma. Esta função das cartas, e conseqüentemente de *Täuschungen*, como detentoras de uma experiência exemplar a ser transmitida para as novas gerações, assumindo Ethmann, nesta perspectiva, o papel de intermediário entre o passado e o futuro, fica explícito no seguinte diálogo:

“em si não é novidade”, interrompeu finalmente o silêncio, “que amantes fujam em silêncio e busquem um navio. Nossos romancistas sabem, por isso, muito bem narrar-nos uma história de amor até o ponto em que acontece a fuga. Mais tarde, deixam os fugitivos retornar, mas ninguém sabe exatamente o que fizeram entretentes. E, certamente, essa segunda parte da história de amor, na maioria das vezes, seria mais pedagógica e interessante do que a primeira. Aqui temos a segunda parte da história, em cartas; a primeira pode ser facilmente imaginada.”⁷⁴
(Grifos do tradutor)

A presença desta diretriz de ensinamento e formação em *Täuschungen* insere-a em outra rede arquitextual composta de narrativas de cunho epistolar. Um destes diálogos se estabelece com uma longa tradição do Cristianismo no uso da palavra escrita para a divulgação do Evangelho e para a doutrinação de membros das comunidades cristãs, cujos primórdios remontam às epístolas ou cartas do Apóstolo Paulo, integrantes do Novo

⁷⁴ ROTERMUND, op. cit., 1881, p.28. «Es ist gerade nichts neues, brach er endlich das Schweigen, dass Liebende heimlich fliehen und zu Schiffe gehen. Unsere Romanschriftsteller verstehen es darum schon recht gut, uns eine Liebesgeschichte bis zu dem Punkte zu entwickeln, wo es zur Flucht kommt. Später lassen sie die Entflohenen zurückkehren, aber niemand weiss so recht, was sie in der Zwischenzeit getrieben haben. Und doch wäre dieser zweite Theil der Liebesgeschichte meistens gewiss lehrreicher und interessanter, als der erste. Hier haben wir nun einmal den zweiten Theil der Geschichte in Briefen vor uns; der erste Theil ist aus demselben leicht hinzu zu denken»; ROTERMUND, op. cit., 1997, p.111.

Testamento. Em virtude de sua intenção admoestadora e educadora, *Täuschungen* também firma uma ligação com a escrita epistolar, especialmente as cartas instrutivas em série (Belehrende Brieffolgen), norteadas por um impulso pedagógico, que começaram a surgir na Alemanha do século XVIII em diferentes domínios, entre eles o estético, filosófico, teológico, educativo e político⁷⁵. Integram esta vertente obras como *Briefe über die wichtigsten Wahrheiten der Offenbarung* (1772), de B. A. von Hallers, *Briefe über die Erziehung der Frauenzimmer* (1773), de R. Zobels, e *Versuch einer deutschen Prosodie* (1786), de K. P. Moritz⁷⁶.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em *Täuschungen* a vida de Emma, desde o momento em que deixou a casa paterna para se unir a Ferdinand, desobedecendo deste modo, a vontade dos pais, é tematizada como uma trajetória marcada por desilusões, sofrimentos e perdas. A narrativa assim estruturada traz para os leitores, especialmente para as leitoras, uma imagem feminina que pode ser considerada um anti-modelo por meio do qual “incentiva-se a distinguir-se de alguém”⁷⁷, pois as escolhas de Emma levaram-na a uma caminhada tortuosa e sofrida, a qual ainda trouxe consigo decadência, destruição e morte. Nesta tematização da trajetória descendente da vida terrena de Emma fica evidente o propósito de formação e admoestação de *Täuschungen*. Ao colocar em cena um anti-modelo, a narrativa afirma a identidade e marca a diferença por meio das “operações de incluir e excluir”⁷⁸. O anti-modelo

⁷⁵ NICKISCH, op. cit., 1991, p.122-128.

⁷⁶ Idem, *ibid.*

⁷⁷ PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da argumentação. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.418.

⁷⁸ SILVA, op. cit., 2000, p.82.

está imbuído da função de deixar claro para as leitoras de descendência alemã e de confissão evangélica a conduta a ser rejeitada e evidenciada pela distinção a identidade feminina desejável. A fim de evitar a vida atribulada e desventurada de Emma, as leitoras deveriam se distinguir da conduta da personagem, pautando suas ações e desejos pela obediência à vontade dos progenitores e, conseqüentemente, ao quarto mandamento. Assim, a identidade feminina ensinada tem como traços centrais a obediência aos pais e aos preceitos religiosos. Apenas a obediência garantiria as benesses advindas da ligação com o divino, conforme explicita o quarto mandamento: bem-estar, felicidade, família, descendência, longevidade, e prosperidade. Este processo de inclusão e exclusão explicita a luta pela identidade na qual “está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais na sociedade”⁷⁹. No caso de *Täuschungen*, a identidade desejável veiculada decorre dos propósitos de Rotermund de fortalecer os valores cristãos dos leitores evangélicos em um momento de embate em torno da afirmação da Igreja Evangélica entre os imigrantes e seus descendentes no Rio Grande do Sul.

Na construção desta identidade feminina desempenha papel central a transtextualidade mobilizada na tessitura de *Täuschungen*, cuja utilização se dá como uma atitude de reverência e continuidade por meio da paráfrase. Na sua condição de elo de ligação, a paráfrase “mais do que um efeito retórico e estilístico, é um efeito ideológico de continuidade de um pensamento, fé ou procedimento estético”⁸⁰, reduplicando, deste modo, as ações consideradas dignas para as mulheres de origem alemã e confissão evangélica.

No que tange ao quarto mandamento, um dos intertextos religiosos

⁷⁹ Idem, *ibid.* p.81.

⁸⁰ SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia.* 2ª. Ed. São Paulo: Ática, 1985. p.21-22.

colocados em ação em *Täuschungen*, a trajetória de Emma parafraseia as conseqüências negativas advindas do descumprimento deste mandamento, pois salienta que esta atitude de rebeldia desencadeia uma caminhada tortuosa e sofrida. A retomada deste intertexto, na condição de paráfrase, deixa claro o propósito de *Täuschungen* de formar leitores em conformidade com o Evangelho, fortalecendo, assim, a fé cristã, já que reforça a obediência aos preceitos religiosos e, deste modo, estabelece uma continuidade com a matriz religiosa. A paráfrase também caracteriza outro intertexto: o poema *Tragödie*, citado ao longo de *Täuschungen* em diferentes momentos, já que corrobora o paradigma do quarto mandamento. A figura feminina deste poema também foge com o amado na calada da noite sem o consentimento dos pais. Em sua condição de *mise en abyme*, *Tragödie* parafraseia a trajetória de Emma, reforçando a mensagem de *Täuschungen* e seu propósito de formação. A paráfrase também se faz presente nos metatextos do narrador que retomam e fortalecem o narrado, reatualizando os valores transmitidos na tematização da trajetória de Emma e de Ferdinand e do casal de *Tragödie*. A paráfrase ainda caracteriza a arquitextualidade da narrativa de Rotermund, já que reforça um paradigma referente ao gênero epistolar e a sua busca pela imparcialidade, objetividade e pelo caráter documental, atribuindo, deste modo, um sentido verídico e exemplar aos acontecimentos narrados. Estes tópicos deixam ver que a transtextualidade em *Täuschungen*, assentada na paráfrase, portanto “um discurso sem voz, pois quem está falando está falando o que o outro já disse”⁸¹, traz em si uma intencionalidade. A presença de intertextos, metatextos e arquitextos revela uma intencionalidade marcada pela similaridade, estando a serviço do reforço de um paradigma religioso e de valores a ele associados. Deste modo, visa a garantir a permanência de uma concepção de mundo centrada na repetição ritualística que tolhe

⁸¹ Idem, *ibid.* p.29.

qualquer ensaio de mudança e manter os leitores ligados a uma matriz por meio da paráfrase. Ao trazer em si procedimentos parafrásticos, *Täuschungen* está embasada em modelos e presta-lhes reverência e culto, obedecendo aos procedimentos estabelecidos por uma instância anterior e reatualizando este código por meio da repetição de paradigmas outrora instituídos. Fora desta esfera de submissão e docilidade a vida seria ilusão e também castigo, como exemplifica a opção de Emma.



Gruss aus
Lembrança de Blumenau.

Hôtel Otto Freygang in Blumenau.

A FAMÍLIA FREYGANG E A CONSTRUÇÃO DE BLUMENAU

A FAMÍLIA FREYGANG E A CONSTRUÇÃO DE BLUMENAU

Sueli Freygang*

1 ALEMANHA

A Alemanha dos séculos dezesseis e dezessete sentia as transformações socioeconômicas pungentes em todos os momentos. As pessoas sofriam com essas variações e padeciam a incerteza da vida. Zacharias Freygang é o primeiro de que se tem notícias, o iniciador da grande e prestigiosa família Freygang. Tudo começou em Freiberg.



Por influência religiosa, as famílias eram numerosas e era muito difícil sustentar tantas pessoas e, mesmo não tendo muitos filhos, a vida se tornava assaz dificultosa. O clima não mais propiciava colheitas fartas e as guerras destruíam casas, plantações e o sistema existencial de todos, neutros, inocentes e beligerantes.

* Autora da pesquisa/artista plástica. Revisão do texto: Professor e escritor Alfredo Scottini.

Em terras alemãs, houve diversos casamentos dos descendentes de Zacharias. Assim, Carl Gottlob Freygang casou-se com Ernestine Karoline Richert, nascendo-lhes o filho Reinhold Freygang. Este, por sua vez, contraiu nupcias com Henriette Oehme, gerando cinco filhos. Exercia a profissão de contador. O pai lhe custeara os estudos. Professavam o luteranismo. Vivia em Liebenwerda (Figura 1), atualmente, Bad Liebenwerda, uma vila minúscula ao Sul de Berlim¹. Quando da imigração, partiu dali em direção à América. Muitas pessoas procuravam melhores locais para viverem e a América se lhes abria como o novo Eldorado.

2 AMÉRICA

Na busca do melhor lugar para viver e construir um futuro promissor, Reinhold passou alguns anos na América do Norte. Viajou, depois, para a Argentina, de onde se deslocou para o Uruguai, sempre ansiando pelas terras dos seus sonhos.

Finalmente, aportou no Brasil, chegando a Blumenau aos 22 de agosto de 1864 (BLUMENAU EM CADERNOS, 1968, p.160). Veio sozinho. Já em 1867, a esposa com quatro filhos vieram juntar-se a ele. Os filhos tinham idade entre seis e dezoito anos. Mandou a família vir, quando descobriu o lugar certo para estabelecer-se com segurança e firmeza. Era um homem muito precavido e que programava as ações, como costumam fazer os homens da contabilidade. Seguiu à risca o provérbio: “Mais vale um pássaro na mão que dois voando”. Afinal a propaganda feita sobre as novas terras era incomensurável e os seres espertos desconfiavam disso.

¹ Fonte: Alemanha, **Klaus Freygang** (descendente de Adolf Freygang (14.09.1830 - 08.02.1893), filho do segundo casamento de Carl Gottlob Freygang (05.09.1770 - 05.04.1855), sendo assim meio irmão de Reinhold Freygang (11.11.1812 - 21.05.1877).

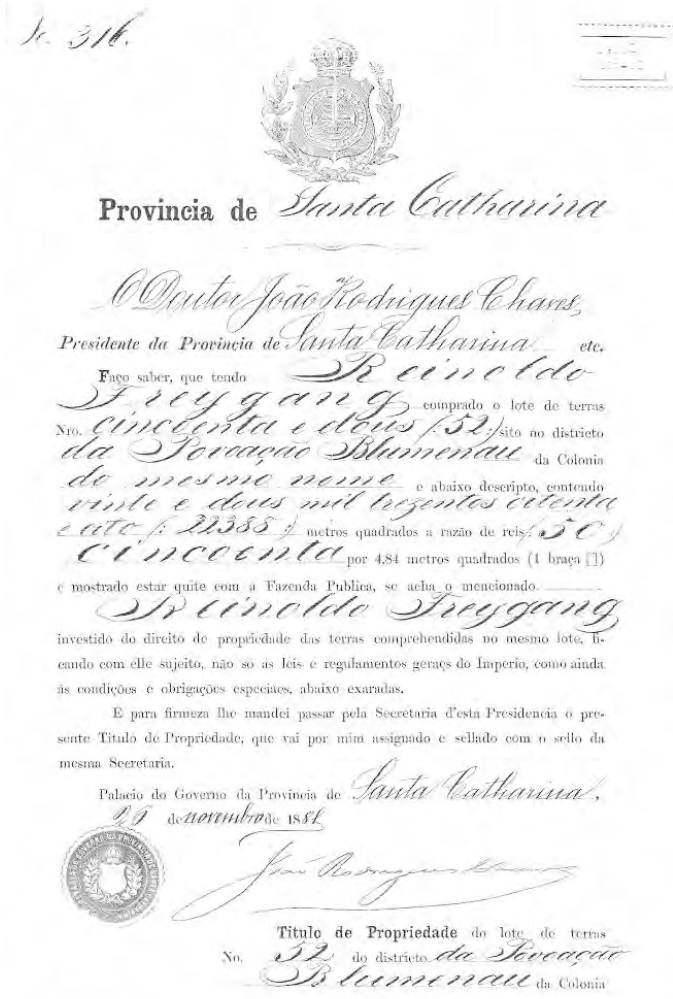


Figura 2: Título de Propriedade

3 BRASIL - BLUMENAU

Reinhold, enfim, estava feliz, com toda a família reunida, na terra nova que escolhera, para construir a sua vida e de todos os filhos. Fora o primeiro Freygang a pisar o solo brasileiro e Blumenau. Contudo, o filho

mais velho, Paul Freygang, permaneceu na Alemanha, onde se casou e teve quatro filhos. Na Alemanha exercia a profissão de Inspetor Sanitário, na cidade Hettstedt (BLUMENAU EM CADERNOS, 1968, p.160).

4 MATRIMÔNIOS

Aos poucos, os filhos foram crescendo e, naqueles tempos, os matrimônios eram contraídos entre as pessoas mais jovens, visto que estavam destinados a compartilhar uma vida e a gerarem muitos filhos.

Anna Elise Freygang se casou com Heinrich F.W. Schreep. Clara Freygang chegou a Blumenau, já com trinta anos e se casou com o viúvo Friedrich Donner, em 1885, em cerimônia nupcial celebrada pelo pastor Sandrezcki². Otto Freygang nasceu em Liebenwerde, era hoteleiro e se casou em 31 de março de 1879 com Maria Schreep, em Blumenau. Ela era filha de Johann Schreep e Dorothea Lemmisier. Tiveram quatro filhos e três filhas, sendo que, estas receberam os nomes, por ordem de nascimento: Margarete, Ottilie e Gertrud.

Dos rapazes há o registro de matrimônio de Paul Freygang que contraiu núpcias com Hedwig Brunn. Já Freymund Reinhold Freygang se casou em aos 22 de maio de 1909 com Elise Agnes Berta Benke. Desta união matrimonial nasceram: Victor Freygang e Olga Hilda Berta Freygang.

Dentre tantos dados e nomes, surgem os detalhes do batizado de Margarethe Freygang, nascida em Blumenau aos dois de agosto de 1888. Foram padrinhos Fides Deeke, Philipp Doerk, Klara Schreep, Nani Hering. Os Freygang foram passando de geração em geração e tornando-se sempre mais numerosos, como ocorreu com todas as famílias.

² Esta informação e as que seguem foram obtidas junto aos registros e livros da Igreja Luterana de Blumenau.

Na sequência matrimonial, há que se registrar o enlace de Rudolf Freygang com Emma Dorothea Schubert. Estes seguiram o rito antigo e geraram nove filhos, multiplicando bastante a já numerosa descendência.

Dessa descendência ampla, Otto Freygang se casou com Irmgard Seiler, Rodolfo Freygang, por sua vez, com Ilse Polli, Adolfo Freygang desposou Irene, Alfredo Pedro Freygang contraiu núpcias com Anneliese Hochleitner, Hildegard Freygang esposou Gotlieb Ewald, Maria Margarida Freygang se casou com Raul da Silva Porto, Evaldo Freygang desposou Jandira, Gertrudes Hercilia Freygang, Aurel Schuber. Edgar Freygang, casado com Nilda Luz, reside em Curitiba, os demais todos em Blumenau.

Em outros tempos, falava-se que um numeroso grupo de famílias formava um clã. Assim, é óbvio, que por serem muitos e operosos, logo assumiram vasto espaço na cidade de Blumenau, destacando-se por muitos feitos e trabalhos.



Figura 3: Rudolf Freygang e Emma Freygang em frente casa enxaimel, na década de 30. Acervo da família.



Figura 4: Emma Freygang e os filhos, da esquerda para a direita: Rudolf, Otto, Hildegard, Adolfo, Gertrudes, Alfredo, Maria Margarida, Evaldo e Edgar, em 1959. Acervo da família.

5 REALIZAÇÕES

Os Freygang que vieram da Europa detinham várias habilidades profissionais e conhecimentos que lhes permitiam o exercício de algumas atividades em todos os locais. Assim, Reinhold, em 1867, foi professor em Rio do Testo (CENTENÁRIO DE BLUMENAU, 1950. p. 288). No ano seguinte, já passou a ser escriturário na administração da colônia³. Registram os anais da Colônia que colaborou com Dr. Blumenau e participou da Junta Comercial, obtendo prêmio na Exposição de Filadélfia (SILVA, 1972, p. 103). Destacou-se por muitos e bons serviços prestados na administração da colônia. A versatilidade dele surge, em 1875, quando, em dezesseis de

³ Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau.

fevereiro, assume como Agente do Correio, sendo o primeiro no exercício desse cargo em Blumenau (BLUMENAU EM CADERNOS, 1967).

Era proprietário de terreno, sito no lado esquerdo da Rua Padre Jacobs, extremando com terrenos da Igreja Católica. Possuía casa neste terreno e administrava um hotel, bem perto da Igreja Matriz. Faleceu com a idade de sessenta e três anos, aos vinte e um de maio de 1877, havendo vivido e trabalhado sempre na Colônia. Todos os que o conheciam lhe prantearam a morte prematura, visto que deixou uma lacuna muito sentida por todos.

7 A PROFESSORA

Cabem, aqui alguns versos de Cora Carolina:

*Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
Para a mesma meninada,
Das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias...
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal – sempre havia
Distribuídos
Alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a mestra
Era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
Antes da minha.*

A Professora Margarida Freygang, no dia primeiro de outubro de 1884, abriu uma escola primária em Blumenau. Esta, a partir do dia

sete de janeiro de 1891, tornou-se escola pública mista, comandada pelas professoras Margarida Freygang e Margarethe Freygang. Estes fatos são narrados na linguagem candente de Edith Kormann (1994, p.106), grande pesquisadora e historiadora de Blumenau.

A escola de nascimento tão humílimo, logo, em trinta e um de dezembro de 1913, com a presença muito honrosa do então Governador do Estado de Santa Catarina, Vidal Ramos, passa a ser o primeiro Grupo Escolar de Blumenau. Margarida, a partir desta data, se torna a Regente da escola pública feminina, passando para o quadro dos professores do novo grupo.

O Grupo simples passa a ser o Colégio Estadual Luiz Delfino, situado nos inícios da Rua São Paulo, aos fundos da Praça Victor Konder, dando continuidade à pequenina escola de Margarida. Mais tarde, as instalações foram mudadas para a Rua São José, todavia a sua história viva prossegue, lembrado, sempre, como um dos baluartes do ensino da cidade de Blumenau.

A Prefeitura de Blumenau, através do decreto-lei de 25 de maio de 1938, criou a Escola Seriada Professora Margarida Freygang⁴, na entrada da Nova Rússia, às margens do Ribeirão Garcia, num local de intensa ternura campestre. Os professores e alunos ouvem o canto das águas durante as aulas e se deliciam com o sonoro canto das aves. Uma homenagem que faz jus à professora indefessa e carismática.

8 O HOTELEIRO CULTO

Os pequenos hotéis, as hospedarias, eram um costume europeu e migrou com os novos desbravadores. Eram diversos os albergues, comandados por uma família, onde o hóspede podia dormir, tomar as refeições e sentir-se, tão bem, como se estivesse em sua própria casa. Era

⁴ Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau - Decreto Lei n. 16 de 25.05.1938, cria a Escola Margarida Freygang no bairro Nova Rússia. (in. Jornal Cidade de Blumenau 04.06.1938)

conhecido da população e dos viandantes o Hotel Otto Freygang. Otto, também, tinha uma participação assídua a muitas atividades. Participou do Grupo Teatral Frohsinn de 1850 a 1885 (BLUMENAU EM CADERNOS, 1978, p.280). Foi, inclusive, sócio da Sociedade Recreativa Esportiva Ipiranga, com o status de sócio co-fundador (KORMANN, 1994). Era afeiçãoada a todas as atividades de artes, cultura e lazer cultural.



Figura 5: O Hotel Otto Freygang, na enchente de 1911. De paletó branco, segurando o remo, Rudolf Freygang. Emma Freygang é a primeira na janela da direita para esquerda. Fonte: idem.

9 AS RUAS

Em muitos locais, é costume dar o nome de pessoas a ruas das cidades. Não podia ser diferente em Blumenau. Em virtude do destaque das pessoas da Família Freygang, diversas ruas ostentam o nome de seus membros. A Rua Reinhold Freygang serve a pessoas no Bairro Garcia, começando na Rua Visconde de Sinimbu, nº 44. A Rua Emma Freygang e a Rua Adolfo Freygang, também estendem seu leito no mesmo bairro. Já a Rua Rodolfo Freygang se prolonga pelo centro de Blumenau.

10 O TEMPO E AS GERAÇÕES

Os Freygang vão nascendo, crescendo em sabedoria, multiplicando-se em muita paz, construindo o mundo que lhes cabe. Foi marcante o casamento de Alfredo Pedro Freygang com Anneliese Hochleitner (12.05.1951), no templo da Igreja Luterana do Espírito Santo, paróquia Centro, de Blumenau. Havia flores a mancheias, mas as cores matizavam desejos e anseios. A música escolhida e os convidados solenizavam o momento, momento único e raro, na vida das pessoas que assumem um matrimônio. De qualquer maneira, tornou-se inesquecível e, quando lembrado, com certeza, fará deslizar alguma lágrima furtiva, enxugada com satisfação.



Figura 6: Casamento de Alfredo e Anneliese, maio de 1951. Acervo da família.



Figura 7: Igreja Luterana do Espírito Santo, Paróquia Centro. Acervo da Secretaria Comunidade Evangélica Luterana em Blumenau.

BRAUT		Datum und Ort der Geburt	Eltern der Braut	Tag des Civilaktes	TRAUZEUGEN
Anneliese Hochleitner		8-4-1933	Fritz Hochleitner Johanna n. Mahler	12. 8. 1951	Gottlieb Reinhold August Hochleitner
No.	BRÄUTIGAM	Datum und Ort der Geburt	Eltern des Bräutigam	TRAUTAG	
21	Alfredo Pedro Freygang	8-4-1931	Rudolf Freygang Emma n. Schubert	12. 8. 1951 Bl.	

Figura 8: Registro do casamento, na Igreja Luterana do Espírito Santo, página 219, n. 21, livro de 1951.

Alfredo era filho de Rudolf Freygang e Emma Freygang, neto de Otto Freygang e bisneto de Reinhold Freygang, que viera da Alemanha para as terras brasileiras.

Alfredo começou a vida profissional na antiga Empresa Industrial Garcia, em Blumenau (02.05.1939), na qualidade de menor aprendiz. Desligou-se da empresa em 29 de junho de 1944.

Depois, foi trabalhar na sociedade de Motores Deutz Otto Legítimo Ltda. (01.09.1944), como torneiro mecânico, até 08 de fevereiro de 1947. Voltou a Blumenau e iniciou o novo trabalho (09.08.1948), na Casa do Americano S/A, Mercado de Automóveis em Blumenau, como torneiro mecânico.

Em 1955, foi designado Avaliador do Fórum. Em 1962, assumiu na Junta de Conciliação e Julgamento (JCJ) de Blumenau, o cargo de Oficial de Justiça. Exerceu o cargo até 1975, quando se aposentou.



Figura 9: Alfredo exercendo seu trabalho como torneiro mecânico, na década de 50. Acervo da família.



Figura 10: Alfredo como Oficial de Justiça, na JCJ, nos anos 60. Acervo da família.

Alfredo sempre sonhou formar os filhos na Universidade. Com a ajuda forte da esposa, conseguiu o objetivo e avançou, viu os netos com a faculdade. Para ele sempre foi um conceito básico: a formação intelectual era um bem que ninguém poderia furtar, em nenhum momento da vida.



Figura 11: O casal e os filhos, da esquerda para a direita, Frederico Rudolfo, Janete, Sueli e Fred Nelson, 1968.

Alfredo gostava de contar as histórias da vida de que fora autor. Lembrava sempre aos filhos e aos netos como era a vida de outros dias. Relatava sobre os bichos que viviam nas florestas. Em companhia da esposa, Anneliese, sempre, educou os filhos na honestidade, na responsabilidade, na ética e no respeito aos semelhantes, bem como nos caminhos da religião.

Era membro da Paróquia Luterana, Centro. Mais tarde, quando se mudou para a Vila Nova, associou-se à Paróquia Martin Luther, da Itoupava Seca. Era uma pessoa de extrema afabilidade, amigo dos livros, da cultura e da preservação do Meio Ambiente. Foi sócio da Associação Catarinense de Preservação da Natureza - ACAPRENA e do Automóvel Clube de Blumenau, ocupando, em 1979, o cargo de primeiro tesoureiro. Esteve presente na diretoria de vários outros clubes.



Figura 12: O casal Alfredo e Anneliese, em 1990. Acervo da família.

11 OS FREYGANG ATUAIS

Em breves traços surgem alguns perfis dos muitos Freygang que nasceram pelo Brasil e o ilustram por uma vida, simples, mas produtiva e honrada. Frederico Rudolfo Freygang nasceu em 24 de março de 1952, é residente em Itaiópolis, SC. Formou-se Bioquímico pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem duas filhas: Cristina C. Freygang (*21.02.1977), Bióloga formada pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), que atualmente, reside em Porto Alegre; e Tatiana C. Freygang (*20.05.1981), enfermeira formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e que, atualmente, reside em Jaraguá do Sul.

Fred Nelson Freygang, nascido em 12 de novembro de 1953, é formado Engenheiro Civil pela UFSC. Casou-se, em 17 de novembro de 1979 com Marily Froeschlin, (*03.10.1956). O casal possui duas filhas. Adriana Freygang (*02.06.1980) é formada Fisioterapeuta pela FURB, casada com Odair Momm (*21.08.1979), tem um filho, Vinícius Freygang Momm (*10.04.2009) (Figura 15), e reside em Blumenau. E Joseane Freygang (*05.06.1982), residente em Blumenau, formada Nutricionista e professora na FURB.

Sueli Freygang, nascida em 25 de setembro de 1955, filha de Alfredo e Anneliese, é formada em Economia pela FURB. Trabalhou por longos anos na Caixa Econômica Federal e é dedicada artista plástica. Reside em Blumenau.

Janete Freygang Mendes, nascida em 01 de setembro de 1963, é professora formada pela FURB, em Educação Física. Casou-se, com Plauto Nercy C. Mendes (*15.05.1962), professor formado pela FURB, na mesma área. O casal reside em Blumenau e os filhos já batalham a vida. Rafael Freygang Mendes (*28.08.1983) é médico formado pela UFSC;

Sarah Freygang Mendes (* 21.04.1987), é dentista formada pela UFSC; e Raquel Freygang Mendes (*30.04.1990), atualmente, cursa Medicina Veterinária na Universidade Federal do Paraná.



Figura 13: Frederico Rudolfo, Janete, Anneliese, Sueli e Fred Nelson, em 2007. Acervo da família.





Figura 14: Sarah, Tatiana, Raquel, Adriana, Joseane e Rafael, com a avó Anneliese, em 2007.



Figura 15: Cristina, em 1999.

12 O FUTURO É PRESENTE

Quando se fala de famílias, de descendências, de pessoas, sempre, faltam nomes e fatos, pois todos os seres humanos são agentes da História e cada um constrói uma história única e ímpar. Não se consegue, nunca, engessar uma personalidade com as palavras, hão de faltar adjetivos, falharão os substantivos e a pessoa ficará apequenada. Nesta saga dos Freygang há histórias de heroísmo, personalidades especiais, e de suas obras intensas e relevantes. A beleza desta história se dá por cada um e pelo conjunto uníssono e sinfônico formado. Ainda haverá por muito tempo, até ao fim dos séculos, Freygang construindo histórias, marcadas por seu espírito empreendedor e persistente, por garra e brio, dignas de honra como as que até aqui se sucederam.



Figura 16: Vinicius Freygang Momm, bisneto de Anneliese e Alfredo Freygang, 2009.

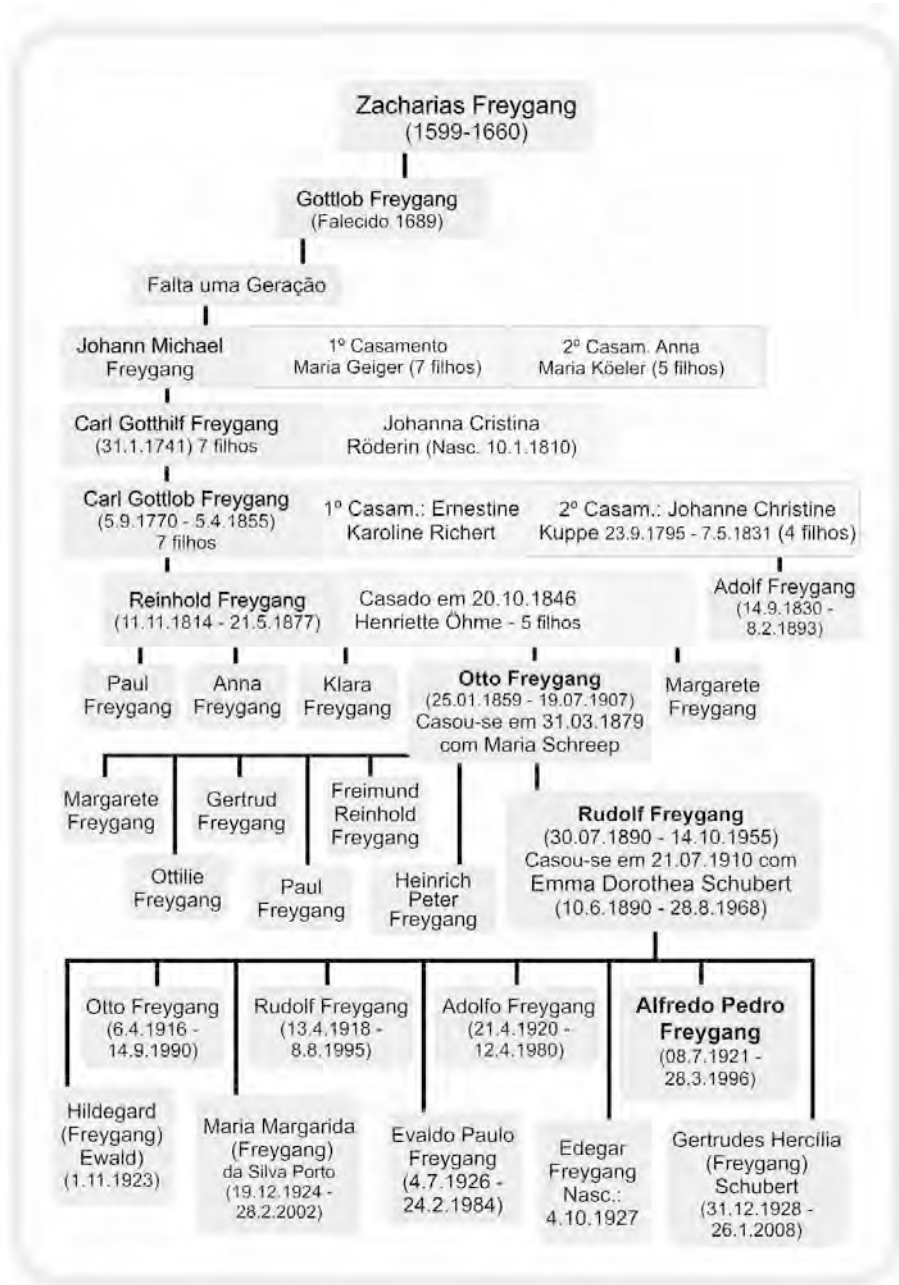


Figura 17: Gráfico das Gerações

**"Lâmpada para os meus pés é a tua
palavra e luz para os meus caminhos"
Salmo 119 - n° 105**



Figura 18: Árvore Alfredo Pedro Freygang.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Blumenau. **Centenário de Blumenau 1850 - 1950**: Documentário fotográfico e mapas. Blumenau: Edição da Comissão de festejos, 1950.

KORMANN, Edith. **Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente** (1850-1985) v.1. Blumenau: Pararelo 27, 1994. 271 p. (Série municípios catarinenses)

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Florianópolis: EDEME, 1972.

Periódicos

Revista **Blumenau em Cadernos** – Tomo VIII – Agosto -1967.

Revista **Blumenau em Cadernos** - Tomo XXIX –Junho -1988.

Revista **Blumenau em Cadernos** – Tomo XIV – n. 10 - Outubro – 1978.

Jornal **Cidade de Blumenau** - 04 de Junho – 1938.

Publicação **125 Jahre Blumenau** - Teuto Brasil Report - 1975.

Instituições Consultadas

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC - 2009.

Igreja Luterana do Espírito Santo, Paróquia Centro, Blumenau. Registro do casamento nº 21, livro de 1951, página 219.



MOVIMENTO ESTUDANTIL NA FURB

MOVIMENTO ESTUDANTIL NA FURB*

L.K.S.: Para começar, quem é o Prof. Roberto Diniz Saut, como entrou na Universidade, como foi esta trajetória?

R.D.S.: Bem, iniciei em 1967 o Curso de Direito na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, enquanto era soldado, “servia”, naquela idade. Fiquei dois anos na Federal, de 1967 à 1969, inclusive neste meio tempo, fiz o Curso para Odontologia, mas “persegui” depois o Curso de Direito. Em 1969 me transferi para a Universidade de Blumenau para dar continuidade ao Curso de Direito. Em 1973 me formei em Direito, mas já estava fazendo outro curso, o de Educação Física. Então me formei em 1975, era da primeira turma de Educação Física. Porém, em 1976 é que me iniciei neste processo de política estudantil aqui na Universidade. Porque na Universidade Federal participava, em 1968, dos movimentos da UNE – União Nacional dos Estudantes, participava da UNE através do Diretório Acadêmico de Direito, na época em contraposição ao golpe militar. Nós pertencíamos a uma “ala” de oposição ao sistema militar de governo e esse movimento nós procuramos trazer aqui para dentro da Universidade, como movimento político estudantil.

L.K.S.: Professor, quando o senhor chegou aqui na Universidade como estavam organizados os acadêmicos? Eram organizados em Diretórios? Como eles se agrupavam?

R.D.S.: O estudante neste período, em 1975, quando entrei para Educação Física e na militância do DCE em 1976, ou seja, na década de

* Esta entrevista foi realizada por Liane Kirsten Sasse no dia 28 de agosto do ano 2001, na sala da PROERC – Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias da FURB. O entrevistado foi o Prof. Roberto Diniz Saut, cujo tema abordado refere-se ao Movimento Estudantil na FURB.

70 até a década de 80, nós, estudantes, éramos coordenados por Lei, uma delas o AI 5, os demais AIs, principalmente o AI 5, mas também o Decreto Lei Federal nº 477 do golpe de estado, sistema de inserção militar. Este decreto proibia qualquer articulação de grupo de estudantes que pudesse se movimentar como subversão, ou qualquer grupo que tivesse algum sentido de se contrapor ao sistema de governo vigente. Era um decreto lei muito forte, ditatorial, os estudantes eram administrados via legislação federal muito forte de inserção, anti-democrático, mas via instituição nós podíamos nos organizar de forma institucional apenas, conforme a Constituição de 1967 com a emenda de 1969, este decreto nº 477/69 e basicamente o AI 5, entre outras legislações. O que havia na época? Havia as faculdades, tínhamos 5 grandes faculdades: Faculdade de Ciências Econômicas, abrangia administração etc; Faculdade de Ciências Jurídicas; Faculdades de Filosofia Ciências e Letras; Faculdade de Educação Física; Faculdade de Engenharia. Eram 5 faculdades que geraram 5 diretórios acadêmicos. Estes, por sua vez, formavam a Associação dos Diretórios, informalmente se dizia que isto era o DCE – Diretório Central dos Estudantes, mas naquela época na realidade era uma associação de diretórios das 5 faculdades que eram órgãos de representação dos estudantes. Havia o DCE, mas ele era resultado apenas destes 5 diretórios reunidos que formavam o DCE, contudo em 1975 ainda não havia um Estatuto do DCE. Então a nossa organização se dava por 5 diretórios e os presidentes destes eram eleitos pelos alunos de cada diretório. Já o presidente do DCE era eleito por via indireta, havia a eleição direta para os DAs, mas para o órgão central dos estudantes a eleição era indireta, ou seja, cada presidente destes DAs – Diretórios Acadêmicos, elegia o presidente do Diretório Central, isto em 1976.

L.K.S.: Professor, você pode contar mais alguma coisa referente à Associação dos Diretórios Acadêmicos?

R.D.S.: Os DAs da década de 70, até 1976, elegiam o presidente deste órgão central, que se chamava DCE, mas que ainda era a Associação. Estes DAs elegiam diretamente seus presidentes e eles praticamente mobilizavam toda uma política dentro da Universidade. Foi assim que, se não me engano, em 1975, estes DAs juntos, os 5 presidentes construíram a sede social do DCE, onde hoje há o restaurante e o DCE, não o DCE novo. Onde hoje funciona o restaurante era a sede dos 5 diretórios, era o órgão central do DCE, construído pelos estudantes, ou seja, tinha a sede social dos DAs e o restaurante que era do estudante. Este restaurante era terceirizado, mas o lucro e a administração deste eram dos DAs. Assim, os DAs tinham autonomia interna, autonomia de dispor sobre espaço físico e a própria autonomia de gerenciar a alimentação através do restaurante. São estes 5 DAs que faziam os movimentos em cada faculdade; os estudantes de Educação Física no seu âmbito de Faculdade, mas todos os 5 DAs eram rigidamente controlados pela Legislação Federal e, automaticamente, rigidamente, controlados por legislação interna da Universidade. Havia uma certa dependência do sistema revolucionário, ou melhor, do sistema militar na ascendência destes estudantes. Havia um controle ideológico, um controle do exército dentro da Universidade, havia um sistema de SNIs, ou seja, estudantes que representavam o governo militar, que estudavam aqui e levavam as informações para o sistema do SNI. Então, era liberdade em tese, era uma autonomia controlada, qualquer movimento tinha que se dar justificção à reitoria, justificção ao juiz eleitoral, justificção ao exército, enfim era uma autonomia relativa. Na época, 1975, o movimento dos estudantes passou a ser um movimento via

Festival Universitário da Canção; um movimento que quis dizer: nós somos autônomos. O Festival Universitário da Canção surgiu em 1975, através destes cinco diretórios para que a música fosse uma válvula de contestação política, contestação ideológica, contestação cultural contra o sistema acompanhando a tendência no Brasil dos grandes festivais da década de 70. Outra questão foi a de ter uma sede própria. Assim, em 1975, foi construída a sede própria com restaurante próprio, assim o estudante tinha sua sede. As suas atividades passaram a ser não tanto políticas, mas atividades culturais e esportivas, por exemplo, os DAs se articularam com os jogos universitários brasileiros, catarinenses. O esporte era a grande vazão na época, como também a questão da sede própria e dos festivais universitários da canção, além de movimentos políticos que eram controlados pela força do Estado.

L.K.S.: Professor, o processo de institucionalização do DCE, ou seja, a criação do Estatuto, como caminhou isto?

R.D.S.: Isto foi uma espécie de drama de um processo bastante difícil, romper com a verticalidade da própria Universidade daquela época que seguia as diretrizes do processo revolucionário, do processo militar — não revolucionário porque não foi revolução, isto foi um golpe de estado. O sistema militar de governo através do AI-5 e da outra legislação que já mencionei, do 477, exigiam um controle muito grande da Universidade em termos de movimento estudantil. Neste sentido a revolução, o sistema militar de governo através desta legislação, fazia com que a universidade, as universidades procurassem diluir os movimentos dos estudantes através de uma estratégia de descentralização de atividades. Assim havia 5 DAs, estes 5 formavam aqui uma Associação, só que cada DA funcionava basicamente dentro de sua autonomia, não havia uma espécie de unidade de estudantes,

pois o medo da época, do sistema de governo da época, era que formando um DCE você aglutinaria os estudantes em torno de uma “bandeira”, e isto era contra qualquer princípio da revolução, quanto mais distante fisicamente e dos movimentos o estudante ficava, melhor para o sistema. Então, a nossa luta foi para que nós tivéssemos a institucionalização de um Estatuto que formasse o DCE, que dissesse: o DCE existe formalmente, ele tem que ter uma diretoria, tem que ter estudantes eleitos para este DCE. Mas até nós chegarmos a isto! Assim, o ano de 1975 foi um ano que estes 5 DAs se uniram para começar uma luta para ter um Estatuto do DCE, isto se concretizou em agosto de 1976 quando conseguimos movimentar a reitoria e formar o Estatuto do DCE que foi homologado pela mesma, conforme a legislação federal. Uma vez homologado, nós passamos a ter autonomia de DCE formalmente, e com Estatuto procedemos a primeira eleição. A eleição do presidente do DCE de 1976 foi uma eleição indireta, significa que o estudante da Universidade elegia o presidente do DA e este presidente elegia o presidente do DCE.

L.K.S.: Isto persiste até...

R.D.S.: Até final de 79, até o início da década de 80, era eleição indireta. Depois passou a ser direta, com a abertura do processo político do Brasil até 82.

L.K.S.: Bem, eu tenho pesquisado algumas coisas e fala-se que o primeiro presidente eleito teria sido o Ingomar Brandes, isto é final de 79, a gestão dele foi final de 79 e 80, isto confere?

R.D.S.: Confere, porque em 76, por exemplo, eu fui eleito primeiro presidente do DCE com Estatuto formado. A minha eleição foi uma eleição indireta, ou seja anti-democrática dentro deste processo do movimento estudantil. O nosso movimento foi

para que, mesmo que eleito indiretamente, nós participássemos dos movimentos para que a eleição fosse direta, mas a legislação federal não permitia isto, até que em 79 rompeu-se esta questão, até por uma prática política e social de oposição ao DCE da época, através do Ingomar Brandes e de seu grupo de estudantes, grupo da Faculdade de Filosofia e Letras que rompeu este processo e provocou uma eleição direta. Ele foi o primeiro presidente do DCE, digamos assim, eleito democraticamente, ou seja, por eleição direta na Universidade.

L.K.S.: Falando da década de 70, é possível vincular os presidentes do DCE a algum partido, havia bandeiras partidárias aqui dentro?

R.D.S.: No início o nosso movimento não tinha muita ligação nem com a ARENA nem com o MDB, que eram os dois partidos em vigor até 1979. Eu acho que foi neste período. A nossa vinculação era por uma vinculação mais de movimento estudantil contra o processo de ditadura. Agora, dentro deste processo político estudantil contra o sistema ditatorial, automaticamente, alguns estudantes se “agasalhavam” sob uma égide da ARENA, porque era o partido que dava sustentação ao governo. Já outros se alinhavam ao MDB, que era uma linha de oposição ao governo. Esta ideologia partidária quer queira ou não, perpassava o movimento estudantil e, paralelamente, havia outros movimentos que já vinham nascendo como os comunistas, socialistas. Estes estavam rompendo até historicamente dentro do próprio MDB. Por exemplo, fui o primeiro presidente do DCE por Estatuto do DCE, era filiado ao partido do MDB. O partido político, as ideologias políticas perpassam todos os movimentos estudantis. Nós, na época, tínhamos bem claro de que ao movimento estudantil, à política estudantil, é impossível desligá-los do movimento político nacional. Aquilo é um processo orgânico,

quer dizer, há uma influência das ideologias políticas, há uma influência dos partidos políticos nos movimentos estudantis. O estudante sempre quer, em tese, nos seus discursos dizer que a política da Universidade, a política dos estudantes, a política do DCE e a política dos Diretórios Acadêmicos não devem sofrer influência da política partidária ou das ideologias externas. Eu, pessoalmente, acho isto impossível, organicamente impossível, porque nós somos sociedade, a Universidade. O estudante é a sociedade, tem pai, tem mãe, tem vizinho, tem cidade, mora dentro de um Estado. Não podemos enclausurar a política estudantil em um espaço da Universidade como se fosse isolada de qualquer questão sociológica, antropológica, filosófica, ideológica dentro dos próprios movimentos políticos do país. Então, nós tínhamos uma certa ascendência. O que a gente procurava fazer era o seguinte: na realidade, que os partidos políticos não tivessem ingerência administrativa aqui dentro, que eles não dessem as coordenadas político-administrativas; agora, ideológicas sim, pois nós tínhamos a nossa bandeira e a minha era do PMDB, o MDB na época. Éramos contra o sistema revolucionário, toda a nossa ação de estudantes refletia a ideologia do MDB, da oposição no país, para que nós também pertencêssemos às diretas já, ao movimento das diretas já, aos movimentos anti-ditatoriais, aos movimentos de liberdade de expressão, aos movimentos de liberdade de escrita, ao movimento de liberdade ao teatro, ao movimento de expressão cultural, científica, educacional. Enfim, nós seguíamos uma ideologia partidária. Mas o que nós não permitíamos era que o partido político como organização tivesse sede aqui ou interferência direta aqui, éramos livres de trabalhar a ideologia destes partidários para sermos uma sociedade como um todo.

L.K.S.: Professor, então quando era presidente do DCE era filiado ao MDB?

R.D.S.: Quando fui eleito presidente do DCE eu já era do MDB, entrei no MDB em torno de 1970. A minha eleição para o Diretório Central não foi o MDB que provocou isto, foi uma política interna de comprometimento meu como estudante, junto com outros companheiros, de atuarmos em uma política estudantil vinculada à UNE, aos movimentos nacionais. Agora, o MDB não participou de uma articulação para que eu fosse presidente do diretório, não há esta influência direta. Eu, como era do MDB, segui uma linha interna de lutas pela democracia, diretas já etc. O MDB não teve gerência direta na nossa administração de presidente do DCE. Eu já era MDB e isto me levou a participar de uma política estudantil, porque achei que é a partir do estudante que se começa a formar os políticos do futuro.

L.K.S.: Como foi a sua gestão enquanto presidente do DCE e depois, o Sr. tem memórias de como se dava o entendimento entre a reitoria/parte administrativa e o contato com os estudantes?

R.D.S.: A bandeira das mensalidades não era uma bandeira prioritária no nosso movimento estudantil nesta relação com a reitoria, na relação com a Universidade. Primeiro, porque a mensalidade da época era bem menor do que a de hoje, porque na época, em toda a região, os orçamentos dos municípios participavam da Universidade (Blumenau, Indaial, Rodeio, Ascurra, Timbó). Os quatorze ou quinze municípios da região participavam com verbas na Universidade, assim, o que se pagava era basicamente simbólico. A nossa relação com reitoria não era, por exemplo, relação de luta para o controle de aumento de mensalidades, pois isto não era uma preocupação da época. Qual era nossa preocupação na

época? Nossa relação com a reitoria era de possibilitar que nós, estudantes, pudéssemos praticar cada vez mais a democracia, nos reunir em grupos, debater a questão cultural, promover os festivais da canção e lutar por algumas questões do estudante, por exemplo, a Casa do Estudante. Uma das questões que nós pontuamos muito foi qual a nossa relação entre DCE e reitoria na construção ou na preocupação da habitação para estudantes que vinham de fora e não tinham onde morar? Isto foi uma grande preocupação. Chegamos a ir até Brasília como DCE em 1976, com um projeto de uma casa de estudante para captar recursos do ministério, para construir isto, porque a Universidade da época não se dispunha a colocar verbas para construir uma casa para estudantes. Isto foi um dos primeiros conflitos com a reitoria, não querer participar de um projeto, a não ser que viessem verbas externas. Aí fomos ao Ministério. Quando chegamos ao Ministério, lá foram bem claros: "Nós não apoiamos uma Casa de Estudantes, apoiamos se vocês pontilharem várias casas de estudantes." Isto hoje é uma leitura boa, porque o estudante pode morar em um bairro, o outro noutra e assim por diante, conforme suas características, até é bom para não formar uma casa só. Mas na época esta leitura era uma estratégia militar, separar...

L.K.S.: Dispersar...

R.D.S.: Dispersar. Hoje é uma leitura contextual social importante, mas na época era uma estratégia. Nós fomos contra esta estratégia do Ministério e ele não repassou verba nenhuma, porque nós contestamos o projeto, queríamos uma Casa do Estudante que aglutinasse estudantes de vários cursos, até para eles terem uma sede de convivência deles, porque a FURB não tinha uma sede de convivência. Este foi o primeiro conflito. Houve outro conflito com a reitoria, nos períodos de campanha, quando havia uma

eleição municipal ou eleição para deputado estadual ou federal. Não havia eleição direta para presidente da república, mas havia eleição direta para vereador, prefeito e deputados. O nosso grande conflito com a reitoria era que a FURB se tornasse um espaço de debate com estes candidatos sobre suas propostas de governo. Como o sistema militar tinha o controle destes debates, através do 477 e do AI5 , a reitoria se mostrava bastante tímida em autorizar estes espaços. Nós tínhamos que provocar dentro da Universidade, via DCE, o debate político, por exemplo, dos candidatos a prefeito, dos candidatos a deputado estadual ou federal. Nós devíamos pedir permissão para a reitoria, para o juiz eleitoral, depois permissão para o comandante do batalhão, era todo um sistema amarrado.

L.K.S.: Os debates saíam?

R.D.S.: Os debates saíam, mas um debate não saiu, pois o único candidato que teve aqui para debater foi o Victor Fernando Sasse. Foi o único que esteve aqui para debater, porque nós fomos ao juiz, este fez “corpo mole” e não disse se podia ou não. Fomos ao exército e disseram “pode e não pode”, a reitoria disse “sem a expressa autorização dos dois não permitimos”, e assim o debate não aconteceu. Nas outras gestões aconteceram. Este foi um primeiro conflito, e sempre que isto acontecia nós éramos chamados ao batalhão para dar satisfação ao comando sobre que tipo de movimento estávamos fazendo dentro da Universidade. A lei era interpretada de tal forma que o exército, o juiz eleitoral e a própria reitoria tivessem uma tripartite de poder para que os estudantes fizessem aquilo que eles achavam que deveriam fazer. Entretanto, nós começamos a romper devagar esta relação de obediência em prol de movimentos a favor da democracia. Nisto entrou o Festival Universitário da Canção, mesmo censurado pela polícia federal ele

aconteciam, o movimento da Casa do Estudante, o movimento para os debates políticos aqui dentro da Universidade, os movimentos culturais e nestes o surgimento de um jornal, coordenado pelo Odemar Olsen Jr., **O Acadêmico**, que passou a ser a voz do estudante de contestações em relação ao sistema, vinculando as músicas dos Beatles que eram contestadores do próprio processo. Também várias músicas que surgiram nos festivais, a poesia contestatória, artigos contestadores, colunas contestadoras. **O Acadêmico** foi o espaço de contestação do próprio estudante, inclusive contestando as reitorias da época, os diretores da época, os cursos, currículos, professores, foi o canal de contestação. Inclusive em 1977 e 1978, surgiu um programa chamado Jornal do Universitário, através da antiga TV Coligadas. Depois ela foi vendida para a RBS, e nesta venda nós saímos do ar, porque para RBS da época não interessava um Jornal Universitário. Contudo, ficamos dois anos no ar, para toda a região, com um programa universitário; na época, eu coordenava e apresentava o programa. Então, tínhamos como órgãos extravasores da nossa comunicação o jornal **O Acadêmico**, o programa de televisão, depois entrou um programa de rádio. As relações com a reitoria sempre foram relações de crítica, mas bastante censuradas pelo sistema da época.

L.K.S.: Professor, você acredita realmente que o DCE representa de fato os acadêmicos da FURB, desde da década de 70, 80, hoje? Você consegue ver que o DCE representa o universo acadêmico, ou como vê isto?

R.D.S.: Nós poderíamos fazer várias leituras do DCE, a partir do momento que existe. Institucionalmente um DCE já representa por si o pensamento do estudante, por ele próprio existir, por mínima que seja esta influência do DCE na vida, na necessidade,

é um embrião de representação. Antes de 1976 havia 5 DAs e um órgão central que representava estes Das. Ali já havia um sentido de representação, por quê? Porque as cinco faculdades da época se apoiavam muito nos estudantes para determinadas atividades de extensão, os jogos universitários, a próprio movimentação para habitação dos estudantes, a questão da alimentação para o estudante. O estudante fazia a refeição no nosso restaurante, cada estudante recebia um copo de leite gratuito e a nossa luta era para manter o preço da refeição no mínimo, preço que o estudante podia pagar, esta era uma outra forma digna de representação. Na década de 70 representou realmente o movimento estudantil, por quê? Porque estes grupos de estudantes, representando o estudante, participaram do movimento das diretas já e dos festivais universitários. Agora, em que setores, em que dimensões esta representação era mais ou menos eficaz? Então, em 1976, a eficácia desta representação era principalmente no que diz respeito a alimentação do estudante. Mas não foi eficaz em representar os estudantes nas suas necessidades de habitação, não conseguimos representar esta necessidade. Também não havia uma eficácia na representação política do estudante, porque o estudante da nossa região, pelo menos naquela época, era bastante ligado à mentalidade sócio-econômica industrial da região. A maioria dos estudantes trabalhava em comércio, empresas e saía da empresa, do comércio, vinha para estudar e voltava para a empresa ou para o comércio; ele não tinha uma liberdade, uma mobilidade, uma consciência de ter um movimento estudantil. O DCE da nossa época não conseguiu trazer uma representação política eficaz neste sentido ideológico, político de consciência estudantil, nem mesmo uma maior participação política. Mas conseguiu representá-los em algumas questões, por exemplo, na construção

dos currículos destas faculdades, depois para a transformação das faculdades em Universidade. Neste movimento o estudante estava bem representado no movimento estudantil junto com a reitoria. Nestes termos o DCE conseguiu representar estes estudantes, na década de 70, nestas linhas: alimentação, construção de abertura política, construção de abertura cultural e na construção dos currículos das faculdades na transformação para Universidade, agora não conseguiu representar a questão da convivência do estudante, na questão da habitação digna para o estudante. No que se refere a reivindicações mais fortes, mobilizadoras junto à reitoria, as nossas mobilizações eram sempre pessoais, uma relação coletiva não conseguimos. Mas começou em um novo nível de representação na década de 80, com a eleição do Ingomar Brandes no final de 1979. Ali o estudante passou a ter uma maior representatividade política contestatória em relação à Universidade e em relação a outras questões que a década de 70 não conseguiu. Em tese o estudante, hoje, consegue ter uma boa representação, por exemplo, na negociação das mensalidades, mas não há uma união, uma consciência dos cerca de 12.000 mil estudantes como classe estudantil. Ainda o sistema de representação é bastante fracionado, na minha leitura. O DCE não consegue hoje, desde de 70, 80 ter uma mobilização, uma consciência coletiva do todo como órgão efetivo de representação e de participação nos movimentos sociais. Então o poder representativo, hoje, dos CAs e do DCE, são pontuais. Por exemplo, na época de negociação das mensalidades, passou este período você não vê outro movimento maior, como: uma luta pela gratuidade da Universidade, uma representação de que o ensino de terceiro grau seja gratuito. Não consegue representar toda base neste pensamento. O nosso estudante de Blumenau se fraciona em Centros/CAs, mas o

DCE não consegue representar esta necessidade básica de todo o estudante. Por exemplo, na década de 70/80 não conseguimos representar o estudante na sua necessidade de habitação, era cada um por si e Deus por todos, não houve um movimento coletivo em torno da dignidade de habitação do estudante. Outra questão não representativa é a questão da mulher grávida-estudante. O DCE, os CAs não conseguiram ainda representar a necessidade da mulher grávida em ser atendida dignamente dentro do processo da Universidade. A outra questão é que o movimento estudantil hoje da Universidade como um todo, o DCE como um todo, não consegue representar com força — dadas as facções que existem dentro da própria Universidade — a questão do crédito educativo. O país está levando o estudante a pagar o crédito educativo, ao invés de subsidiar o estudante, sem que ele precise depois devolver o dinheiro. É neste sentido que a representatividade ainda é muito fracionada, além do fracionamento na compreensão do que sejam políticas públicas, movimentos sociais, ideologias.

L.K.S.: Professor, gostaria de retomar alguns pontos. Ao entrevistar o acadêmico, o presidente do DCE de 85, Cláudio da Silva, este falou-me da luta que eles tinham pela estadualização da Universidade. Na década de 70, houve algum movimento neste sentido?

R.D.S.: Não. A década de 70 não trouxe esta leitura, nem de federalização, nem estadualização. Primeiro, porque, eu acho, parece ser pelo próprio sistema que as prefeituras da região, nos seus orçamentos, tinham verbas próprias locadas para a Universidade. Estas verbas faziam com que a mensalidade não tivesse seu crescimento como tem hoje. A Universidade era contemplada com estas verbas, isso fazia com que o movimento não surgisse, dada a própria estrutura financeira orçamentária da região com o ensino da Universidade.

A Universidade foi criada em 1964 e vinha sendo basicamente subsidiada pela região. Os primeiros blocos da FURB foram construídos com verbas da comunidade, por campanhas e por estes orçamentos municipais que ficaram até próximo da década de 80. Depois foram retirados dos orçamentos municipais. Aí os DCEs que vieram no início da década de 80, inclusive com o movimento do Cláudio, do próprio Ingomar, nesta época estes orçamentos já estavam sendo esvaziados e a Universidade começou a ter um crescimento físico, crescimento de cursos, de custos, e aí sim começou a abertura democrática. O país inteiro começou a luta por gratuidade do ensino, movimentos de estadualizar, que eram movimentos socialistas do ensino pelo Estado. Assim, coincidindo o recuo das verbas da região para a Universidade e o início do processo de democratização do país, as leituras dos movimentos estudantis passaram a ir nesta direção. A década de 70 não teve esta direção, e sim a década de 80.

L.K.S.: O senhor lembra de alguma pessoa em especial que se destacou, ou como se deu a participação do DCE da década de 80, no movimento de “diretas já”, em 84 ?

R.D.S.: O grupo de estudantes que assumiu o DCE a partir de 79, entrou mais diretamente neste pré-movimento de “diretas já”, até por uma influência ideológica de oposição. A partir de 82, quando começaram a ficar bem claras frações políticas mais radicais de oposição, além do MDB, aqui na Universidade em 79, o próprio Ingomar Brandes já vinha dentro dessa linha de massificação destes movimentos. O grupo que assumiu o DCE, participando deste processo e automaticamente.... bem, eu citaria, dentro destas “figuras” o Ingomar Brandes e o Cláudio como dois grandes líderes que participaram destas questões, além da nossa gestão como embrião dessa aspiração.

L.K.S.: Prof., tem lembranças referentes à cantina, ou seja, como se deu o processo de transferência da cantina, pois primeiro era administrada pelos diretórios acadêmicos, depois pelo DCE, enfim, como passou a ser administrada pela administração da FURB, ou seja, pela reitoria?

R.D.S.: Eu não posso precisar qual foi o ano exato não me recordo bem. Mas foi um conflito, isto foi um dos conflitos que você perguntou antes, de reitoria com DCE. Foi influência também de um episódio que teve no restaurante, não lembro a data certa, acho que foi entre 1977 e 1980. Houve um episódio que mobilizou parte do exército a quase invadir o DCE. Nós estávamos no DCE, na pausa das 20 horas, um grupo de estudantes tomando uma cervejinha — na época se podia tomar cerveja aqui dentro — e um grupo de estudantes de Engenharia cantou o Hino Nacional, que para nós tinha um sentido. Na época, havia um sub-comandante militar — hoje falecido — que era estudante e estava lá, revoltou-se com o cantar o Hino Nacional junto com a cerveja, com a alegria estudantil. Foi ao exército, mobilizou todo um pelotão para desmobilizar o movimento. Os estudantes tiveram que sair da Universidade, um se escondeu em uma boate, outro em uma igreja. A partir daquele momento começou toda uma leitura da reitoria em preservar o espaço do estudante, com determinadas regras mais rígidas de comportamento, inclusive em relação à bebida, à articulação do estudante. Deu-se a entender também que o DCE não tinha capacidade para administrar o restaurante, não tinha capacidade para administrar, a leitura foi essa: a reitoria achava que o DCE não tinha capacidade de administrar o restaurante e que o restaurante tinha que ser administrado por alguém contratado pela Universidade ou pela própria Universidade, aí aconteceu...

L.K.S.: E nunca mais retomaram...

R.D.S.: Não retomaram.

L.K.S.: Nos festivais, recorda a presença de algum cantor de destaque, que estava fora da mídia, ou na mídia e era o que o governo impunha?

R.D.S.: No primeiro festival foi o pianista e cantor Ivan Lins. Mas nós trouxemos alguns grupos que representavam um certo embrião de contestação ao próprio sistema. Na época trouxemos o Jessé, hoje falecido, tinha um música mais espiritual e simbólica, pois trabalhávamos muito com a simbologia da linguagens até para ...

L.K.S.: Por que não era permitido falar claramente?

R.D.S.: Não era possível falar de forma direta, então você falava de forma indireta, mas a música, o sentimento mobilizava o estudante a sonhar com uma utopia não existente no momento. O Jessé foi um destes. Ele inclusive, lançou aqui no nosso festival a música “Rumo ao Sol”. Esta música teve para nós uma mensagem muito grande, o sol simbolizando toda questão da liberdade, de voar, de fazer as coisas. Ele foi um marco importante naquela época. Outra cantora foi a Eliana Pitmann, mas ela não era muito contestadora, mas o Fagner... Digamos assim, os nossos festivais não tinham dinheiro suficiente para trazer quem tivesse esta contestação, como por exemplo... o Chico Buarque de Holanda, Milton Nascimento. Nós não tínhamos dinheiro para buscá-los. O que nós fazíamos? Trazíamos grupos universitários que vinham para nosso festival com canções compostas de contestação, eram os grupos que participavam, que formavam esta contestação político-ideológica.

L.K.S.: Bem, professor, o Sr. teria mais alguma coisa para acrescentar sobre o movimento da década de 70 ou 80?

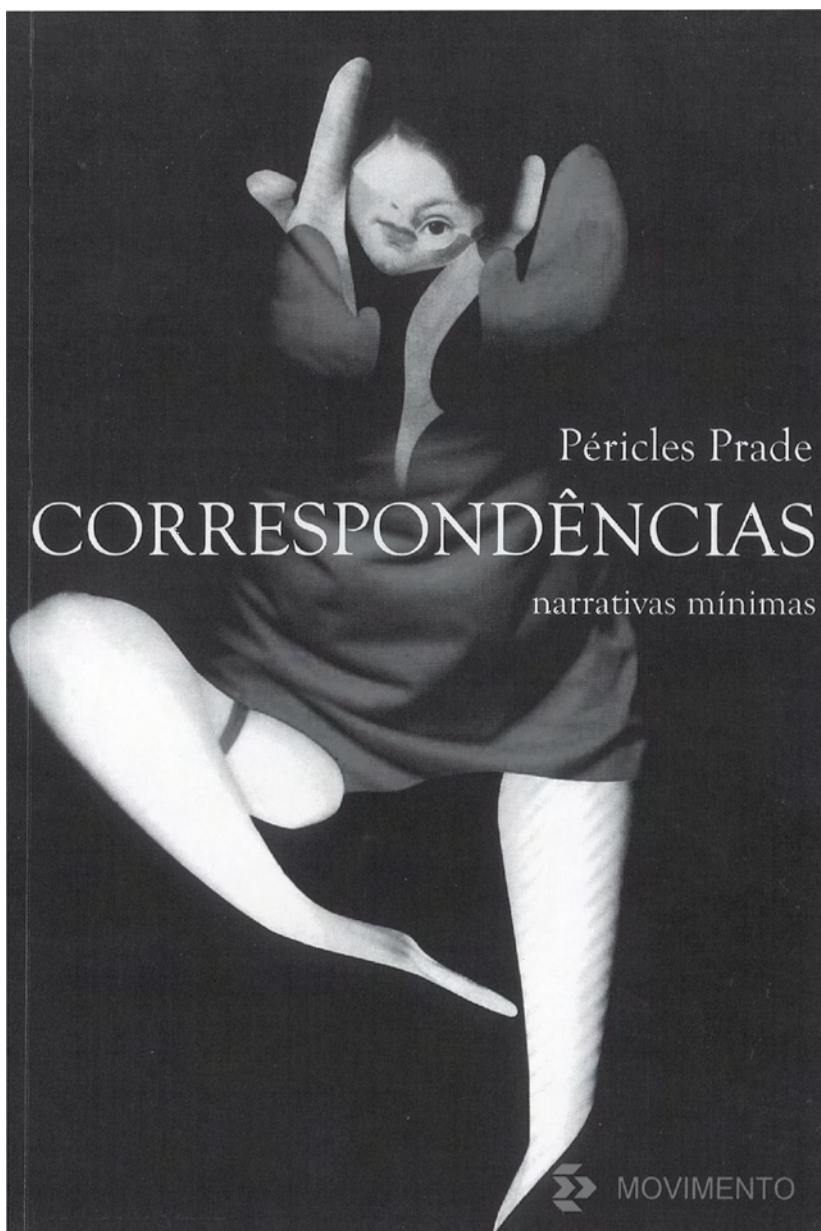
R.D.S.: Bem, a nossa geração foi mais da década de 70. Na década de 80 já vinha uma nova geração de estudantes de contestação até a nós

próprios. Para a década de 80, nós éramos conservadores, para década de 70 os conservadores eram os da década de 60. Nós fomos uma espécie de transição. Antes éramos contestadores, passamos a ser conservadores em relação aos movimentos estudantis que vinham influenciados por movimentos mais rápidos e até mais radicais. Gostaria de dizer que foi uma experiência muito válida, e grande parte dos líderes que nós conseguimos formar, naquela época, passaram a ser hoje, participantes também das políticas nas universidades, alguns se tornaram prefeitos, alguns vereadores, outros deputados, outros reitores, outros pró-reitores, outros ficaram na universidade como professores, outros como industriais. Enfim, foi um momento importante de formação de líderes, apesar do boicote do sistema da época. Eu diria o seguinte: o DCE hoje, mergulhando no passado, pode ter muitas leituras, até para ver que nível de representação o DCE hoje consegue. O estudante não consegue, até a própria UNE hoje no Brasil não consegue mobilizar o estudante para determinadas bandeiras, a não ser na radicalidade de uma necessidade social muito grande. O sistema está tão forte em fazer com que o estudante consiga sobreviver que esta sobrevivência o leva a não ter movimentos mais fortes, de uma visão mais forte de movimentos, de mobilização e de organização. Mas o DCE, os CAs, os DAs são espaços democráticos muito importantes para formação do estudante.

L.K.S.: Algo mais...

R.D.S.: Acredito que não.

L.K.S.: OK, Muito Obrigada.



ALGUMAS OBRAS DE PÉRICLES PRADE

ALGUMAS OBRAS DE PÉRICLES PRADE

Enéas Athanázio*

Tenho diante de mim diversos livros mais ou menos recentes de Péricles Prade, um dos escritores mais versáteis e profícuos que conheço. Cada um deles, de gênero diferente, mereceria um comentário especial mas, como não é possível no momento, limitar-me-ei a algumas observações que me ocorrem, iniciando pelos contos reunidos em “Correspondências – Narrativas Mínimas” (Editora Movimento – P. Alegre – 2009).

O volume reúne 22 contos, todos curtos e alguns curtíssimos, extremamente econômicos em palavras como, por sinal, anuncia o subtítulo. Abstraídas as considerações de ordem teórica que a obra do contista tem suscitado, dessas que poucos leem e muitos não entendem, o que prevalece nessas narrativas é a surpresa, o inesperado, o estranho, o inusitado. Como regra, o leitor é apanhado de surpresa diante do inverossímil e do desconcertante, embora tudo seja apresentado no mesmo plano, sem que o autor estabeleça limites entre o real e o imaginário, o surreal e o fantástico. Alguns exemplos talvez elucidem melhor o que senti e pretendo dizer.

Em “Rabos de Tigre”, conto muito sintético, surge um tigre branco que, mesmo não sendo o preferido do narrador, tem a singular característica de possuir três rabos. O primeiro rabo é muito fino e delicado; o segundo é muito grosso e indelicado. “O terceiro – conclui – não é muito fino e nem muito grosso. Lembra chicote de couro rústico. Inclina-se ora à esquerda, ora à direita...” E quando o leitor, curioso, se indaga da razão disso, lá vem a resposta desconcertante: “sei o porquê mas não digo” (p. 26).

“Esconderijo” é outro caso típico (pp. 9/12). Nesse conto, que não é dos mais curtos, o contista se superou. Sua imaginação fervilhante não encontrou limites e semeou o texto de detalhes incríveis e insólitos que deram

* O autor é advogado e escritor.

ao tema central, objeto da história em si, um ar dos mais pitorescos. Nele o diabo, depois de infernizar Lutero, vai a uma reunião de apreciadores de bons vinhos. Chega adiantado e se esconde na rolha da garrafa do melhor dos vinhos disponíveis. O Presidente da associação, desrespeitando as regras, “resolve colocar a garrafa entre as pernas, furar a rolha com movimentos fortes e puxá-la de um só golpe.” E então o incrível acontece: “Os degustadores tiveram a impressão de ouvir um grito, mas, como estavam muito, muito alegres, limitaram-se a renovar o brinde, sem perceber, nos resquícios da cortiça, minúsculos filamentos de miolos flutuando no copo.”

O diabo, por sinal, assim como outras figuras abissais, são frequentadores da ficção pradiana. Neste caso, ora aparece travestido de mulher, ora em forma de mosca, ou ainda de jovem e aristocrático enólogo. Todos os contos deste livro vão nessa linha, premiando o leitor com o inusitado das surpresas e desafiando-o sempre a exercitar a imaginação.

Em “Pantera em Movimento – Breves poemas de muito amor” (Letras Contemporâneas – Florianópolis – 2006), Péricles reúne um conjunto de breves poemas que, na verdade, se constituem num só, impregnados de intenso sentido erótico e sensual. São textos muito trabalhados, precisos e instigantes, e que fogem um pouco à temática poética do autor, em geral voltada ao surreal e ao fantástico.

Versando gênero diverso, “Revoluções Culturais” (Escrituras – S. Paulo – 2004) enfrenta o difícil campo do ensaio relacionado à Filosofia, à Ciência, às Tradições e às Letras. São cinco ensaios bem pensados, pesquisados e esmerados nos quais o autor confirma sua reconhecida erudição e sua admirável versatilidade. São textos que ilustram e instigam, enriquecendo a nossa ensaística que, nestes últimos tempos, anda em baixa.

Por fim, uma palavra sobre “A Pintura de Sílvia Pléticos” (Letras Contemporâneas – Florianópolis – 2010), magnífico livro-álbum em que o escritor, agora no exercício da crítica artística, dissecou a obra do conhecido pintor. É um trabalho excelente e que dignifica a ambos.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo precisam constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos poderão ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbliu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Encadernação: R\$ 150,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2011.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br